

CÁSSIA ESCOZA

A (DES)CONSTRUÇÃO NARRATIVA  
EM *O Alienista*



1910001105



CÁSSIA ESCOZA

A (DES)CONSTRUÇÃO NARRATIVA  
EM *O ALIENISTA*

São José do Rio Preto  
2002



CÁSSIA ESCOZA

A (DES)CONSTRUÇÃO NARRATIVA  
EM *O ALIENISTA*

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de mestre em Letras (Área de Concentração: Teoria da Literatura).

Orientador: Prof. Dr. Ismael Ângelo Cintra



T 1.105/02

São José do Rio Preto  
2002





Dedico aos meus pais,  
Augusto Escoza Filho e Rosa Saladini Escoza,  
origem de Tudo.



## Agradeço

ao Prof. Dr. Ismael Ângelo Cintra, pela competência, paciência e compreensão;  
ao Prof. Sérgio Vicente Motta e à Profª. Roxana Herrera Álvarez, pelo apoio e confiança;  
ao Prof. Aguinaldo José Gonçalves, pela literatura ensimesmada;  
aos funcionários técnico-administrativos do Curso de Pós-Graduação da UNESP,  
câmpus de São José do Rio Preto, pela atenção;  
ao machadiano Vitor Hugo Martins, pelos *pitacos* solidários e elucidativos;  
à Daniela Soares Portela, pelas contribuições, firmeza e disponibilidade carinhosa;  
ao Dr. Paulo Borges, por me fazer crer que era possível, à minha maneira...;  
aos meus irmãos, Sérgio, Carlos e Vera, pelo afeto;  
ao Russell, Juliana, Rogério, Vítor, Leila, Néia, Ana Maria, Silvania, D. Helena, Maria,  
Cesinha, Ronaldo, Cláudio, Aguinaldo, Claudiner e Magali, pelos estímulos;  
a Deus, por todos eles.

## SUMÁRIO

|                                                      |     |
|------------------------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO.....                                      | 6   |
| I. A (DES)CONSTRUÇÃO ACTANCIAL.....                  | 10  |
| I.1. A (Des)Construção do Herói.....                 | 10  |
| I.2. A (Des)Construção dos Adjuvantes.....           | 20  |
| I.3. A (Des)Construção dos Oponentes.....            | 31  |
| II. A (DES)CONSTRUÇÃO ENUNCIATIVA.....               | 42  |
| II.1. A Enunciação Quiasmática.....                  | 42  |
| II.2. A Estrutura Quiasmática.....                   | 57  |
| III. A (DES)CONSTRUÇÃO DOS DISCURSOS.....            | 63  |
| III.1. A (Des)Construção do Discurso Científico..... | 64  |
| III.2. A (Des)Construção do Discurso Histórico.....  | 73  |
| III.3. A (Des)Construção do Discurso Político.....   | 80  |
| III.4. A (Des)Construção do Discurso Religioso.....  | 88  |
| III.5. A (Des)Construção do Discurso Literário.....  | 100 |
| CONCLUSÃO.....                                       | 109 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....                      | 111 |
| RESUMO.....                                          | 116 |
| ABSTRACT.....                                        | 117 |



“Mas o ilustre médico, com os olhos acesos de convicção científica, trancou os ouvidos à saudade da mulher, e brandamente a repeliu. Fechada a porta da Casa Verde, entregrou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Dizem os cronistas que ele morreu ali a dezessete meses, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada. Alguns chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco, além dele, em Itaguaí; mas esta opinião, fundada em um boato; e boato duvidoso, pois é atribuído ao Padre Lopes, que com tanto fogo realçara as qualidades do grande homem. Seja como for, efetuou-se o enterro com muita pompa e rara solenidade.”

(Machado de Assis, O alienista, p. 288)

“Essas visões, essas audições não são um assunto privado, mas formam as figuras de uma história e de uma geografia incessantemente reinventadas. É o delírio que as inventa como processo que arrasta as palavras de um extremo a outro do universo. São acontecimentos na fronteira da linguagem. Porém, quando o delírio recai no estado clínico, as palavras em nada mais desembocam, já não se ouve nem se vê coisa alguma através delas, exceto uma noite que perdeu sua história, suas cores e seus cantos. A literatura é uma saúde.”

(Gilles Deleuze, Crítica e clínica, 1997, p. 9)



## INTRODUÇÃO

A obra de Machado de Assis tem sido estudada bastante na Academia. Assim, inúmeras dissertações e teses foram feitas sobre sua prosa de ficção, curta e longa, sua crônica, seu teatro, e também sua ensaística. Sem dúvida, a prosa de ficção tem sido a preferida dos estudiosos machadianos. A contística, em razão de reunir pequenas obras-primas do gênero, como, por exemplo, *Miss Dollar*, de Contos Fluminenses (1869), *O Alienista e O Espelho*, de Papéis Avulsos (1882), *A Cartomante, Uns Braços e O Enfermeiro*, de Várias Histórias (1896) e *Viagem à roda de mim mesmo*, de Outros Contos (\* conforme classificação da Editora Aguilar), sem dúvida, vem recebendo, cada vez mais, estudos criativos e elucidativos.

Uma questão importante, sempre recorrente nas narrativas curtas (e também nas longas) de Machado de Assis é a que se refere à (des)construção narrativa, a qual se origina de um processo de problematização, de reflexão, a respeito da vida e da arte. Daí a natureza dialética e metalinguística apontada por tantos críticos do *Bruxo do Cosme Velho*, como Astrojildo Pereira (1991) e José Guilherme Merquior (1979).

A desconstrução machadiana principia, no caso de *O Alienista* – texto que servirá de “corpus” para esta dissertação – já quando se quer classificá-lo dentro da norma literária: conto? novela?, e diz respeito também, e principalmente, a duas categorias narrativas, a personagem e o narrador, e ao discurso.

✕ Alguns estudiosos do conto machadiano, como, por exemplo, Alfredo Bosi, Roberto Schwarz, Sônia Brayner, Antônio Cândido, vêm discutindo, de há muito, as questões das subversões narrativas de Machado de Assis. Refiram-se elas às personagens, como é caso de Antonio Cândido (1968); ao narrador, de Roberto Schwarz (Bosi, *et alii*.1982), para quem o narrador combina “sem contradizer, virtude e cinismo, sentimento autêntico e intenção, espontaneidade e dissimulação”; refiram-se, por fim, ao discurso, como o faz Sônia Brayner (1979), que valoriza a eficácia crítica da ironia como processo construtivo dos textos machadianos fundamentados principalmente na negação e na contradição, melhor, *contradicção*.

Outras leituras realizadas sobre *O Alienista* também serão consideradas para a análise a que se propõe este trabalho, como a de Alfredo



Bosi (1982), para quem “ a história toma o ar divertido de uma *comédie d'erreurs* sobre a qual paira sempre a sugestão de ser o alienista o único alienado.” (p. 442)

Nesse estudo, Bosi considera que a ambigüidade das personagens está mais elaborada que nos contos anteriores, já que não se detectam nelas seguramente seus interesses; o desejo de poder e ascensão era mais facilmente detectável nos contos produzidos antes de Papéis Avulsos.

Para Afrânio Peixoto (1943), *O Alienista* destaca-se por apresentar “a inteligência, tinta porém de um colorido sentimental, que é o seu (Machado) humorismo.” (p. 119).

Já Augusto Meyer (Bosi *et alii*. 1982) considera que *O Alienista* “inaugura a linhagem do humorismo transcendental”.(p. 507)

Massaud Moisés (1974), por sua vez, observa que nenhum outro conto de Machado reúne em si as melhores qualidades de prosador e ficcionista como *O Alienista*: “Podia-se dizer que *O Alienista* está para o conto machadiano assim como *Dom Casmurro* está para o romance.” (p. 173-174)

Esse crítico também verifica as relações intertextuais de *O Alienista* com obras como *Dom Quixote* e *Cândido*, o aspecto da contumácia e a manutenção do mistério, a interpretação metafísica e “o emprego equilibrado dos ingredientes prediletos.” (p. 174)

A opção por *O Alienista* como “corpus” deveu-se fundamentalmente à questão da moldura que se constitui em desafio, até mesmo por figurar como a primeira narrativa de Papéis Avulsos, obra na qual se encontram os chamados “Contos – Teoria”, uma vez que condensa e dissolve o que se substancia como teórico. Também pelo fato de que o processo de desconstrução aparece relevadamente nessa narrativa, e a observação do que se compõe como algo sólido, que ao ser alcançado dissolve-se, causa a sensação do inapreensível e instiga ainda mais a busca pela captação dos sentidos. E ainda, o fascínio pelo tema da loucura, que pode ser entendido, nessa narrativa, como um procedimento peculiar de que se valem o autor e o(s) narrador(es) para “dialetizar” o ser e o parecer, ou as máscaras sociais. Quer dizer, a loucura é mais do que simples tema; é um meio pelo qual se relativiza a verdade, científica, religiosa, política, histórica, literária etc.

Os objetivos deste estudo são três. Um geral, reconhecer as estratégias de (des)construção narrativa levada a efeito por Machado de Assis em *O Alienista*; e dois



específicos, analisar o (des)construtivismo das categorias narrativas *personagem e narrador*; e o do discurso.

As hipóteses de tal (des)construtivismo apontam, primeiro, para a relativização da Verdade, da Lei, da Autoridade, da Norma, do Cânone, enfim, para a dialetização da vida e da arte, pois por meio dele, em *O Alienista*, o herói, seus adjuvantes e seus oponentes não se revelam por inteiro, ou se revelam inteiramente ambíguos. Desse modo, o Dr. Simão Bacamarte é (parece) alienista ou alienado. D. Evarista é (parece) ingênua ou ardilosa. Crispim é (parece) solidário ou egoísta. Porfírio é (parece) ético ou oportunista. Padre Lopes é (parece) evasivo ou participativo.

Apontam, depois, para a dissonância das vozes que se apresentam ao leitor, por meio de uma estrutura quiasmática, fragmentária, que vai perscrutando o que é real e o que parece ser.

Finalmente, apontam para um procedimento que diz respeito ao discurso, pelo qual a ideologia, os valores científicos, históricos, religiosos, políticos e literários se manifestam, são questionados e subvertidos.

Serviram de suporte teórico a que se recorreu para esta leitura de *O Alienista*, entre outros, Robert Scholes, Robert Kellog (1977), que elucidam as questões de posições narrativas e de onisciência. O tipo de onisciência considerada é a dos seguidores de James, que estudam a mescla do narrador bardo/histor e criador. Traça-se uma analogia entre o romancista como criador e o Criador, Deus. “Deus sabe tudo porque Ele está em toda parte – simultaneamente. Mas um narrador na ficção acha-se engastado num artefato limitado pelo tempo. Ele não “sabe” simultaneamente, mas consecutivamente.” (p.191-192) Esse mesmo estudo permite ainda verificar que a medida que o realismo filosófico conduziu-se para o relativismo, o “monismo autoritário” foi se desgastando e cedendo lugar ao “realismo multifário”, penetrando na ironia e conduzindo o leitor ao afastamento de uma compreensão única e limitada do significado da obra.

Outro fundamento teórico a nortear a idéia da posição do narrador foi fornecido por Gérard Genette (1979), que estuda o tempo discursivo analisando-o quanto ao modo, ou seja, a maneira pela qual o narrador regula a quantidade e a qualidade das informações narrativas, e considera duas instâncias: a distância – alcance – em que se projetam as paralepses e as analepses; e a perspectiva que se relaciona diretamente com a focalização,



podendo manifestar-se de forma externa (o narrador focaliza uma personagem pelo ambiente e pelos aspectos descritivos mas não capta o que ela sabe); de forma interna (focaliza a personagem e sabe o que ela sabe); de forma onisciente (o narrador pode contar tudo, as cenas internas e externas, pode interpretar e fazer comentários); de forma a considerar as alterações de focalização. Genette também considera a velocidade, verificando a incidência de elipses e sumários. Ainda neste teórico, há critérios que permitem captar significações do texto pelo entrecruzamento das várias vozes, como o discurso do narrador e o das personagens.

Mikhail Bakhtin (1997) elucida a questão da polifonia, considerando a multiplicidade de vozes e consciências independentes.

Para o estudo das personagens, tomou-se, a terminologia e alguns conceitos de Greimas, para quem “O actante pode objetivar-se, ao nível da manifestação discursiva, por uma série de entidades suscetíveis de individuação, os atores (v.) – seres humanos, animais, objetos, conceitos, valores morais.”(Reis, 1988). No modelo greimasiano “adjuvantes” são as “forças auxiliares” do *sujeito* e “oponentes”, os autores que “entravam” a realização do programa do *sujeito*.

A dissertação foi dividida em três capítulos. A saber: o primeiro, “A (des)construção actancial”, ou o ser e o parecer das personagens; o segundo, “A (des)construção enunciativa”, o que é dito e o que é interdito; por fim, o terceiro, “A (des)construção discursiva”, o que vai, pelo discurso, de encontro à ideologia dominante.

A edição aqui utilizada de *O Alienista* é a que consta nas Obras completas de Machado de Assis (Rio de Janeiro: Aguilar, 1986, v.II).





## I. A (DES)CONSTRUÇÃO ACTANCIAL

A leitura proposta foi estruturada sob três aspectos complementares: o primeiro, “A trajetória do herói”, voltado para a descrição dos procedimentos internos de construção da personagem Simão Bacamarte, procura oferecer uma perspectiva do processo de composição e da coerência interna dos elementos que compõem a obra. Nesse sentido, buscou-se apoio em Bakhtin (1997) e Cândido (1998) para elaborar um traçado do sistema lingüístico que produz os sentidos da obra.

A própria arquitetura da dissertação se vale de uma proposta de Bakhtin (1997), analisada por Todorov no prefácio de *Estética da criação verbal*:

A verdadeira ação central da pesquisa estética não deve ser o material, mas a arquitetônica, ou a construção, ou a estrutura da obra, entendida como um ponto de encontro e de interação entre o material, forma e conteúdo.

Nessa primeira parte, tratar-se-á do material (lingüístico e ficcional) que traça o perfil de um dos eixos fundamentais da narrativa: Dr. Simão Bacamarte.

### I.1. A (Des)Construção do Herói

A primeira focalização que o leitor tem do Dr. Simão Bacamarte parece delinear a imagem de um homem de prestígio social. Embora o narrador não fale de sua posição social diretamente, todos os motivos escolhidos para apresentá-lo ao leitor justificam essa imagem: ele aparece nas crônicas da vila de Itaguaí (portanto, é sujeito da História), é filho da nobreza de Portugal (isto é, tem tradição), é o maior entre todos os médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas, (assim, deve ter inteligência e dedicação profissional superiores a dos homens comuns. Mais: estudou em centros de prestígio científico do século XIX, Coimbra e Pádua. Não bastasse isso, suas relações com o rei são tão íntimas que ele pode até contrariar a vontade de Sua Majestade – a de tê-lo junto a si em Coimbra e Lisboa.

Num primeiro momento, o narrador posiciona-se distante, tanto na focalização da personagem como na afetividade que nutre em relação ao protagonista, construindo um discurso que parece ter todos os dados da

objetividade realista. São fatos, exibidos em série, que visam, inicialmente, a justificar o juízo de valor proferido (“maior dos médicos”), mas também e, sobretudo, justificar o próprio interesse social pela história. Nesse sentido, tem-se, não só a imagem do herói construída, mas também a do leitor virtual do século XIX como alguém que se interessa por pessoas que mantenham relações íntimas com o rei, que sejam filhos da nobreza e representantes da ciência.

No segundo parágrafo, a constituição do perfil do herói continua, mas com o acréscimo de um outro elemento: um índice de que o herói faz parte de uma tradição literária na qual os personagens obedecem a valores sociais, portanto, colocam os valores da sociedade acima dos seus.

— A Ciência, disse ele a sua majestade, é o meu emprego único;  
Itaguaí é o meu Universo. (p. 253 )

Dr. Simão Bacamarte abandona todo o prestígio e conforto da corte para ir em busca de um objetivo nobre: a ciência. Abre mão de seu prestígio social e vai para um lugar onde possa provar o seu valor: Itaguaí.

Dessa forma, pode-se levantar, nas primeiras cenas do livro, índices de uma narrativa de viagem: a personagem é heróica; suas características pessoais fazem parte das virtudes dos grandes homens e por isso são marcadas numa forma, também medieval, pertinente ao status desse herói: as crônicas. Nesse caso, ocorre, também, a aproximação de Simão Bacamarte com os grandes sujeitos da história: os senhores medievais, visto que as crônicas eram veículos de divulgação dos feitos realizados pela nobreza e tinham por objeto a narração fidedigna dos acontecimentos. Disso, infere-se que junto à imagem da personagem há outra, também sendo construída: a do narrador. Este se posiciona como um dos grandes escritores da história, tal qual Fernão Lopes, uma vez que tem o veículo formal de divulgação de um fato heróico (crônica), a matéria (feito de um grande homem) e, por inferência, a mesma honestidade: o distanciamento crítico e o compromisso com a verdade dos fatos.

A constituição familiar de Simão sustenta, também, o diálogo com o repertório dos grandes heróis, mas, desta vez, o narrador se vale da estratégia da paródia. Dessa maneira, já onomasticamente Dona Evarista é o signo inverso das princesas medievais, e sua constituição ficcional se realiza por procedimentos de oposição aos empregados nas heroínas idealizadas, grandes damas e senhoras de cavaleiros valorosos. A esposa do Dr. Bacamarte é focalizada pela lente objetiva



e pela técnica do discurso indireto livre, de maneira que chega, inclusive, ao anti-lirismo: ela reunia

(...) condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista.(p. 254)

Além disso, era “mal composta de feições”, do que não se lamentava o alienista, ao contrário, agradecia-o a Deus, visto que assim não competia ela com os interesse da ciência, a grande musa, acrescenta o narrador machadiano com aquela espécie de “secura de alma, muita falta de simpatia humana” de que dele fala outro romancista coetâneo e contemporâneo.<sup>1</sup>

Mais uma vez, a estratégia de acúmulo de elementos justapostos serve como forma de caracterização das personagens da narrativa. Percebe-se a inversão dos elementos selecionados para a montagem desses seres ficcionais ao passo que para o Dr. Simão Bacamarte o narrador seleciona os índices positivos que formam o caráter da personagem em relação a D. Evarista, para quem a câmara dá ênfase aos aspectos negativos e fisiológicos. Sendo assim, têm-se dois contextos que dialogam entre si: a focalização de Simão, concretizada por meio de uma visão “romântica” dos elementos, idealizada num tom retórico elevado. E a caracterização das personagens secundárias, a qual será, predominantemente, construída por meio de estratégias de paródia e focalização realista (pensando na estética do século XIX) dos elementos.

Considerando a teoria polifônica de Bakhtin, é correto inferir-se que a constituição do herói é traçada, num primeiro momento, por meio do diálogo entre duas grandes vozes estéticas: a idealista e a realista (Motta, 1998).

Na formação dessa voz idealista, têm-se como índice os projetos iniciais que movimentam as ações do herói: a constituição de uma família e o bem-estar social por meio da ciência. O primeiro projeto falha: D. Evarista não pôde conceber. Resta, ainda, o segundo, para que o percurso do herói seja traçado. Começa, então, uma busca para “desvendar a saúde da alma — ocupação mais digna do médico.”

<sup>1</sup> BARRETO, Lima, citado por COUTINHO, Carlos Nelson. *O significado de Lima Barreto na literatura brasileira*. IN *Realismo & anti-realismo na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974, p. 14.



Nessa busca, a primeira ação do alienista foi a de convencer os vereadores de Itaguaí da necessidade de agrupar e discriminar os loucos da cidade em um espaço específico. Surge daí a primeira dificuldade: a opinião pública.

Saindo da primeira situação descrita, na qual o Dr. Simão Bacamarte tinha o respeito do rei e da opinião pública de Portugal, junto com o prestígio social próprio aos heróis medievais, o projeto da personagem, ao ser iniciado, coloca-o numa situação de degradação social. De homem ilustre e respeitado, passará a ser considerado como louco, uma vez que:

(...) a idéia de meter loucos na mesma casa, vivendo em comum, pareceu em si mesma um sintoma de demência, e não faltou quem o insinuasse à própria mulher do médico. (p. 254)

Ironicamente, o instrumento que servirá como arma de defesa da personagem é a eloquência. Esse elemento, que estaria substituindo amuletos mágicos, escudos, etc. dos heróis medievais em situação de degradação, é mais um índice de construção da imagem do Dr. Simão Bacamarte: ele tem o poder da palavra, logo, deve possuir a competência de manipulação do discurso e, conseqüentemente, da realidade. Sendo assim, dois novos significados participam da composição do médico: ele tem habilidade discursiva, mas, ao mesmo tempo, não é totalmente confiável, visto vez que usa essa habilidade para exercer manipulações. Entretanto, a narrativa não posiciona o leitor sobre o valor contextual dessa manipulação. O narrador relata, apenas, que para as pessoas da cidade, como o Padre Lopes e alguns vereadores, ela era negativa.

A capacidade de manipulação de Simão será reiterada na narrativa por ocasião da inauguração da Casa Verde. Faz ele gravar no frontispício da casa uma frase do Corão, mas atribuindo-a ao eminente pontífice Benedito VIII, por medo ao vigário e ao bispo. Começa a traçar-se, dessa forma, o caráter dual do herói narrativo.

Findo o primeiro projeto, o protagonista encontra-se numa situação de melhoramento — a degradação de sua imagem social é substituída pela de um “(...) alto espírito, de um varão ilustre (...)”. Inicia-se o segundo projeto da personagem:

(...) estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhes os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. (p. 256)





Tão dedicado a esse projeto fica Simão, que o ciúme da esposa surge como um primeiro conflito a contrapor-se ao sucesso da Casa Verde. D. Evarista sente-se abandonada e reclama ao marido. Mais uma vez, Dr. Simão Bacamarte vale-se da eloquência para solucionar a adversidade. Mas, agora, um outro elemento une-se à manipulação discursiva, a saber, a manipulação financeira. O médico serve-se de um baú cheio de ouro para convencer a esposa de que a Casa Verde, antes de ser um amontoado de “meia dúzia de lunáticos”, é, sobretudo, a prova de que “Deus sabe o que faz.” (p. 259)

Nessa cena, mais um elemento de ambigüidade é acrescentado na constituição psicológica da personagem. Embora aparentemente ele ignore o poder do dinheiro e faça parte, como proclamou, em tom de galhofa, ao padre Lopes, do poder espiritual em oposição ao poder temporal, Bacamarte sabe que o ouro pode exercer uma manipulação muito grande na alma humana, e sabe também valer-se disso. Neste sentido, “os estudos da alma”, projeto iniciado depois da construção da Casa Verde, estão sendo atingidos com sucesso.

A manipulação discursiva do Dr. Simão recebe mais dois elementos de constituição quando o médico concebe uma teoria nova sobre a loucura que amplia os horizontes de seu estudo.

A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia. (p.261)

Primeiramente, sua concepção sobre a loucura é justificada por meio da autoridade da História. Citando exemplos de notoriedades, tais como Sócrates, Pascal, Calígula etc., Dr. Simão passa a valer-se de argumentos de autoridade, dissimulando, calculadamente os exemplos da história local da cidade que representava um “perigo”. Nessa cena, apresenta-se não só o percurso da validade da retórica do alienista, mas também a valorização que se dá a esta em detrimento da ciência. Reduzia-se a sua demonstração científica a casos genéricos para subtrair-se dos problemas políticos que uma demonstração mais ampla, que abrange também os casos de Itaguaí, poderia causar.

Pela primeira vez, os interesses da ciência são desconsiderados em favor dos interesses pessoais de manutenção da credibilidade do cientista. A partir

daí, uma nova faceta do Dr. Simão Bacamarte passa a ser desvendada: de personagem heróica e nobre, inicialmente configurada, voltada apenas para os valores sociais, Simão passa a apresentar-se como uma personagem de delimitação mais realista, visto que coloca seus interesses individuais acima dos valores sociais. Começa-se a desconfiar do caráter social do projeto do herói; ao que parece, desde o início, o herói toma consciência de si e do mundo, sabe o que quer e o projeto de aplicar-se à ciência é somente seu: ele não está a serviço do rei ou do povo, como um herói medieval; antes parece estar a serviço de si mesmo ou a serviço da ciência. O herói assim descamba, para tornar-se um anti-herói.

A busca da verdade, projeto inicial do médico, será refratada, ainda, pela maneira de divulgação do fato heróico. Mais uma vez, tem-se uma paródia das narrativas medievais. Nas aventuras dos heróis, o interesse de divulgação das ações ficava a cargo dos historiadores; agora, com o dos anti-heróis, esse interesse passa a ser discutido e denunciado pelos sujeitos da ação.

Crispim Soares sugere a matraca como instrumento para tal finalidade. Essa sugestão recebe o crivo irônico do narrador, ao denunciar a distância que havia entre os feitos praticados de fato, e a versão divulgada pelo veículo.

De quando em quando tocava a matraca, reunia-se gente, e ele anunciava o que lhe incumbiam. (...) Por exemplo, um dos vereadores — aquele justamente que mais se opusera à criação da Casa Verde, — desfrutava a reputação de perfeito educador de cobras e macacos, e aliás nunca domesticara um só desses bichos, mas tinha o cuidado de fazer trabalhar a matracada todos os meses. (p.261).

Diante da consciência da falta de seriedade que a matraca representa, Simão recusa tal expediente de divulgação, afirmando num tom elevado que “(...) melhor do que anunciar a minha idéia, é praticá-la (...)” (p.261)

Entretanto, o interesse pela divulgação das ações, sem dúvida, uma das melhores formas de manipulação da própria imagem, parece não passar totalmente despercebida pelo já ilustre médico que pratica, logo depois de ocorrer o diálogo com Crispim, uma ação digna de notoriedade: recolhe o Costa à Casa Verde.

Há que se observar que, embora a intenção de manipulação da própria imagem de Simão não seja declarada diretamente, a construção das cenas



narrativas parecem indicar tal leitura. No final do capítulo IV- *Uma teoria nova*, há o diálogo entre o Dr. Simão Bacamarte e Crispim Soares, no qual o uso da matraca é denunciada como instrumento de produção de prestígio social por meio da versão de fatos não-verídicos. No capítulo seguinte, V - *O terror*, Costa é apresentado como uma personagem que paga alto para manter sua imagem de cidadão bondoso e generoso: não só perdoa a dívida de um sujeito que o trata com descortesia, como também manda-lhe algumas dobras de empréstimo, para que a opinião pública não possa afirmar que ele trata bem aos seus devedores para que eles lhe paguem.

Essa estratégia narrativa, da sugestão por meio de alguns indícios com posterior substituição da informação complementar da idéia por uma lacuna reticente – estilema machadiano por excelência, tenha-se em mente o “Velho diálogo de Adão e Eva” das *Memórias póstumas de Brás Cubas* – é usada não só na estrutura arquitetônica do texto, mas também na construção estilística do discurso, como na frase final de Costa antes de ser encerrado na Casa Verde: “ – Agora espero que... – pensou ele sem concluir a frase.”(p.262)

Outra relação entre a estratégia das reticências, ou “a retórica do subentendido”, como quer José Guilherme Merquior (1979, p. 178) e a formação de sentido da obra por meio da utilização dos motivos livres de tessitura da trama torna-se, então, bastante significativa para a delimitação do perfil do protagonista. O capítulo em que a manipulação da imagem social é desvendada aos olhos do leitor, como preocupação de quase todo o contexto dos seres ficcionais que compõem *O Alienista*, denomina-se *O terror*. Reside aí a sugestão de que, aparentemente nobres, as intenções das personagens, e entre elas Dr. Simão Bacamarte, encobrem terror e crueldade. Dessa forma, o primeiro projeto do herói, de caráter social, desvendar os “mistérios da alma humana”, ganha outra significação: dominar, de forma despótica, os mistérios da alma para angariar benefícios sociais, entre eles prestígio e boa reputação. De agora em diante, “o terror” se instala, também, no processo de decodificação da obra. Todos os índices iniciais, como a primeira imagem construída de Simão como amigo do Rei e de nobre linhagem e propósitos, passam a ser questionados, já que um outro percurso se instala na obra: o terror. Surge, então, uma dicotomia na personalidade do médico, que se reflete, também, na reestruturação dos sentidos construídos pelas



vozes e pelos discursos, como serão ainda vistos nos capítulos seguintes, respectivamente.

Essa estrutura irônica de quiasmo, em que se delineia Simão Bacamarte, auxilia também no diálogo entre os princípios estéticos que inicialmente configuraram a personagem (idealização) em contraposição aos princípios realistas que marcam as outras personagens. O quiasmo se instaura à medida que, originariamente bom, Simão tinha como oposição ao seu projeto altruísta, “social”, os interesses egoístas das personagens. Depois que o “terror” se desvela, percebemos que, aparentemente de caráter nobre, os interesses de Simão se configuram em egoísmo e manipulação da própria imagem social na busca pelo prestígio, acabando por degradar a vida das personagens, como o Costa, que agiam em favor do social. Abre-se uma lacuna entre a imagem oferecida da personagem, e a constituição formal, de distribuição dos motivos livres da obra, que indicam uma essência antes dialética que contraditória.

Esse processo se propaga temática e estruturalmente por todo o texto, culminando com a prisão de vários itaguaienses à Casa Verde. A imagem de Simão passa a ser, então, degradada, à medida que, em progressão, as personagens da cidade começam a desconfiar dos métodos e das intenções do ilustre médico.

Nunca uma opinião pegou e grassou tão rapidamente. Cárcere privado: eis o que se repetia de norte a sul e de leste a oeste de Itaguaí, — a medo é verdade, porque durante a semana que se seguiu à captura do pobre Mateus, vinte e tantas pessoas, — duas ou três de consideração, — foram recolhidas à Casa Verde. O alienista dizia que só eram admitidos os casos patológicos, mas pouca gente lhe dava crédito. Sucediavam-se as versões populares. Vingança, cobiça de dinheiro, castigo de Deus, monomania do próprio médico, plano secreto do Rio de Janeiro com o fim de destruir Itaguaí qualquer germe de prosperidade que viesse a brotar, outras explicações que não explicavam nada, tal era o produto diário da imaginação pública. (p.265).

A degradação da imagem de Bacamarte passa, assim, a interferir na opinião que as pessoas nutriam a respeito da sua capacidade profissional. Há o questionamento de suas ações e a sentença de suas atitudes: “Não se sabia já quem

estava são, nem quem estava doido.” (p.268). E o médico passa a ser marcado por traços negativos de significação: “Déspota! Violento! Golias!” (p.268).

A partir daí seu percurso sofre novamente um movimento de degradação, que irá resultar numa rebelião e posteriormente num conflito social. Simão Bacamarte assume integralmente a qualificação de “alienado” (p.270).

O que se percebe, dessa forma, é o que “terror”, aparentemente contextual, vai reduzindo-se até especificar-se num único elemento da tessitura narrativa: a figura do médico.

Completamente invertida a situação do alienista, a narrativa chega ao clímax de tensão. A expectativa criada pelo acúmulo de elementos negativos sobre O Dr. Simão Bacamarte leva o leitor virtual a crer que o médico será preso, deportado, e a Casa Verde destruída. Até Crispim Soares, seu amigo boticário, acaba por traí-lo. O prognóstico de Padre Lopes, quando Simão, supostamente, divide os poderes da Casa Verde em dois tipos, espiritual e temporal, sendo apenas o segundo exercido por ele, parece confirmar-se: “ – Deixe estar, deixe estar, que hei de mandá-lo denunciar ao papa.” (p.257)

Esse enunciado encerra uma das mais significativas dualidades sobre a composição da personagem: embora o médico sinta-se apto a exercer o poder espiritual, questionando “os mistérios da alma humana”, este poder não lhe foi outorgado pelo contexto social. A brincadeira do Padre Lopes funciona, para a economia do texto, como um primeiro sinal do processo que irá deflagrar o ponto mais baixo de degradação social do alienista: a usurpação do poder de discernimento divino sobre realidades do bem e do mal. Essa aproximação da personagem com a figura de um deus será reiterada, também, pela perspectiva que o narrador apresenta dele:

Mas nada disso alterava a nobre e austera fisionomia daquele grande homem que ouvia calado, sem desvanecimento nem modéstia, mas impassível como um deus de pedra. (p.277)

Embora a imagem do médico estivesse deteriorada na cidade, ele ainda contava com o auxílio da política exterior. Sendo assim, Dr. Simão Bacamarte será agraciado com o auxílio de uma ordem real que viera para Itaguaí



com o intuito de restabelecer a ordem, ocasionada pela insatisfação popular, manipulada pelo barbeiro Porfírio, em relação à Casa Verde.

Novamente, a situação de degradação de Simão é alterada, e este passa a desfrutar de um melhoramento no qual há registros do grau máximo de influência de Simão Bacamarte na cidade. Esta situação, entretanto, vai processando-se numa progressão ambígua. Simão passa a prender inúmeras pessoas e alguns casos provocam a desconfiança da cidade, além de levantarem suspeitas de que o médico estaria servindo-se de instrumentos da sua profissão para outros interesses além dos da ciência, tais como econômico (caso dos anéis de prata) e políticos (prende o presidente da Câmara).

Diante desse quadro, o médico toma decisões inusitadas: recolhe a própria esposa à Casa Verde. Embora aparentemente por motivos científicos (“mania sumptuária”) essa prisão restitui ao Dr. Simão Bacamarte o status usufruído anteriormente. E também restitui à câmara o estipêndio recebido para “tratar” dos internos pobres. Os antigos qualificativos “Déspota! Violento! Golias!” (p.268) são substituídos, parodisticamente, por elementos que demarcam uma imagem inversa ao médico: “Era um grande homem austero, Hipócrates forrado de Catão.” (p.280)

Finalmente, o grande homem toma a atitude mais incisiva para o seu desempenho social: liberta todos os loucos e prende-se na Casa Verde. Está edificada sua imagem social como um homem sem “nenhum defeito”, “nenhum vício”, “perfeito” e “modesto” (p. 287). É que é ainda a voz da ciência que fala por Simão Bacamarte, que o legitima.

Em *O Alienista*, uma vez mais, Machado de Assis recorre à estrutura quiasmática, na medida em que se cruzam alienista, alienados, alienados, alienista. O quiasmo, para o criador do Dr. Simão Bacamarte – sublinhe-se – não se resume a um mero procedimento barroco, lúdico, portanto; mas sim a uma opção consciente, engenhosa, lúcida, pela qual se dialetizam as relações humanas. Afinal, “todos os contrastes estão no homem”, conforme o narrador de Esaú e Jacó.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> ASSIS, Machado de. IN Obra Completa de Machado de Assis





## I.2. A (Des)Construção dos Adjuvantes

A princípio, personagem adjuvante por excelência de Simão Bacamarte, uma vez que esposa, D. Evarista (*a melhor, a seleta*) é apresentada pelo narrador como uma viúva “não bonita e nem simpática”, que o médico escolhera para se casar, porque “reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem”. Entretanto, há uma sugestão feita pelo narrador ao poder de sedução de D. Evarista, concentrado mais especificamente nos olhos (recorrentes elementos de que se vale Machado de Assis para expressar o mundo interior de suas personagens), “– os olhos que eram a sua feição mais insinuante, - negros, grandes, lavados de uma luz úmida, como os da aurora.” (p.258) os quais também teriam impressionado o Dr. Simão Bacamarte, mas não ao ponto de ele ignorar-lhe as intenções, em razão da “rara sagacidade que o distinguia”. Dessa maneira, tem-se logo de saída uma ambigüidade em relação à esposa do médico: ela foi “escolhida” ou se fez “escolher”.

O sujeito Simão, preferindo a ciência à mulher como objeto de desejo, acaba por tornar esta um ser melancólico e dá início à degradação dela.

A ilustre dama, no fim de dous meses, achou-se a mais desgraçada das mulheres: caiu em profunda melancolia, ficou amarela, magra, comia pouco e suspirava a cada canto. Não ousava fazer-lhe nenhuma queixa ou reproche, porque respeitava nele o seu marido e senhor, mas padecia calada, e definhava a olhos vistos. (p. 258)

Como se vê, a aparência da “ilustre dama” corresponde à sua essência, uma vez que, estando triste por causa da falta de atenção do marido, revela a tristeza do espírito fisicamente, “...ficou amarela, magra, comia pouco e suspirava a cada canto.” O que se evidencia aí é que a esposa do médico não sobrepõe a aparência à essência, antes mostra na aparência o que lhe ocorre na essência. Ou seja, seu corpo fala antes que a voz. Como neste excerto:

Um dia, ao jantar, como lhe perguntasse o marido o que é que tinha, respondeu tristemente que nada; depois atreveu-se um pouco, e foi ao ponto de dizer que se considerava tão viúva como dantes. E acrescentou:

– Quem diria nunca que meia dúzia de lunáticos... (p. 258)

Pode-se ver também nessa passagem a ocorrência da preterição, “figura pela qual o autor finge ou previne que não vai falar sobre determinado assunto, mas fazendo justamente o contrário do que está dizendo do que está afirmando.”<sup>33</sup>

Desse modo, por meio da preterição, D. Evarista manipula seu discurso, utiliza um tom negativo, “tristemente”, para uma afirmação neutra: “nada”. Esse confronto entre o tom e a expressão é indício do que a personagem pretende comunicar e da maneira reticente de fazê-lo, para não deixar o marido agastado. A partir desse recurso, D. Evarista vai galgando com cuidado os degraus onde pisa; não tendo sido interrompida, chega ao topo e conclui: “e foi ao ponto de dizer que se considerava tão viúva quanto dantes.” (p. 258)

Vale-se depois de outro recurso, o da sugestão, que também tem tudo a ver com a preterição, mas mantém o mesmo tom melancólico: “- Quem diria nunca que meia dúzia de lunáticos...” (p.258)

O uso das reticências, após a informação do narrador sobre o tom melancólico, corrobora também para a instauração do elemento sugestivo, deixando em aberto as intenções da personagem.

Antes, nas festas de inauguração da Casa Verde, que duraram sete dias, merecem atenção os índices de futilidade e vacuidade, sintomas pelos quais D. Evarista vai-se mostrando ao leitor e sendo diagnosticada, ainda que silenciosamente, pelo Dr. Simão:

D. Evarista, contentíssima com a glória do marido, vestira-se luxuosamente, cobriu-se de jóias, flores e sedas. Ela foi uma verdadeira rainha naquele dias memoráveis. (p. 255)

Se bem lidos, o superlativo “contentíssima” e os sintagmas “vestira-se luxuosamente” e “cobriu-se de jóias, flores e sedas” indiciam e prenunciam o mundo interior de D. Evarista, sua “mania sumptuária”, que a levará, mais tarde, a ser internada também na Casa Verde.

“A ilustre dama”, no decorrer da história, vai, aos poucos, desvelando-se, degradando-se e agindo arditamente, muito embora algumas de suas intenções não escape ao não menos ardiloso Dr. Simão Bacamarte, como se observa nesta passagem:

<sup>3</sup> ver: Teoria Literária. Hênio Tavares. Belo Horizonte. 1984 p. 363.





Enquanto ela comia o ouro com os seus olhos negros, o alienista fitava-a, e dizia-lhe ao ouvido com a mais pérfida das alusões:

– Quem diria que meia dúzia de lunáticos... (p. 259)

Uma imagem expressiva de D. Evarista é fornecida pelos cronistas, via narrador, quando da volta do Rio de Janeiro para Itaguaí da comitiva da “ilustre dama”:

O momento em que D. Evarista pôs os olhos na pessoa do marido é considerado pelos cronistas do tempo como um dos mais sublimes da história moral dos homens, e isto pelo contraste das duas naturezas, ambas extremas, ambas egrégias. D. Evarista soltou um grito, balbuciou uma palavra, e atirou-se ao consorte, de um gesto que não se pode melhor definir do que comparando-o a uma mistura de onça e rola. (p. 266)

Pelo símile “onça e rola” – que nada tem das descrições naturalistas em que se descreve as personagens sempre a partir da analogia do animal humano com o não-humano –, descreve-se D. Evarista, em sua dualidade mesma, o que remete para a força e para a fragilidade, para o corpo e para o espírito, para o cálculo e para a ostentação. Uma aparência diversa da essência, e essa dualidade torna-se perceptível pelo movimento de aproximação e afastamento do foco narrativo, assim como do tom utilizado e das disparidades nas expressões. As diferenças entre as informações do sumário e das percepções mais afuniladas pela aproximação tornam-se dissonantes, colocando em relevo as contradições do ser, sendo este um recurso “ardiloso” do narrador para denunciar o que quer de maneira sutil e aparentemente impassível, já que não “parece” tecer juízos de moral, mas simplesmente denunciar comportamentos.

Esse aspecto romântico de D. Evarista terá como contraponto o “naturalista”, “cientificista”, do Dr. Simão Bacamarte. Dessa maneira, por meio do herói e da adjuvante, Machado de Assis destila a sua conhecida ironia duplamente, seja contra os excessos do Naturalismo, seja contra os do Romantismo. Assim, em relação às atitudes da esposa, o “ilustre médico” reage de modo diferente, e indiferente:



Não assim o ilustre Bacamarte, frio como um diagnóstico, sem desengonçar por um instante a rigidez científica, estendeu os braços à dona, que caiu neles, e desmaiou. (p. 266)

Fica evidente, nesse retrato do herói, a crítica machadiana ao cientificismo naturalista, crítica essa que, aliás, observa-se insistentemente em outras obras de Machado de Assis, sobretudo em *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Quincas Borba* (1904).

Em Moura Costa (1982), lê-se que Freud denominou de denegação (*Die Verneinung*) o discurso em que o que é dito negativamente deve ser entendido como uma afirmação. Em literatura, esse processo chama-se litotes. Para o “pai da psicanálise”,

(...) o inconsciente se expressa na fala à revelia da intenção do sujeito e além de seu conhecimento consciente. O sujeito diz mais do que pensa e do que quer dizer; a fala tem a propriedade de ser inevitavelmente ambígua. (p. 05)

No caso de D. Evarista, seu inconsciente não se revela à revelia de sua intenção, já que seu discurso ardiloso (se o narrador estiver sendo verdadeiro) diz que não quer o que na verdade quer, é consciente e construído racionalmente para obter o que almeja. Nesse sentido, D. Evarista finge tanto quanto o marido. Aliás, as outras personagens, Crispim Soares, Padre Lopes, Porfírio, não fingem menos.

Pelo que se sabe, a ciência freudiana conta com aspectos escuros e desconhecidos do ser que se instalam no inconsciente, na essência. Para Machado de Assis, a essência pode ser racionalizada e conscientemente embotada pela aparência.

Por trás do discurso ardiloso de D. Evarista e dos desvendamentos do narrador dos interesses e intenções que se escondem na personagem, as dissimulações desta florescem a olhos vistos; aparência e essência alinhadas, para depois desconstruir esse equilíbrio aos olhos do leitor, desnudando-se o jogo das aparências e das conveniências, de máscaras que se vão desfazendo pelos discursos dissonantes e ambíguos que constroem a trama.

Aos olhos do marido, D. Evarista apresentava certa contradição que ele classificou como “mania sumptuária” e a recolheu à Casa Verde. Segundo o médico:

A modéstia com que ela vivera em ambos os matrimônios não podia conciliar-se com o furor das sedas, veludos, rendas e pedras preciosas que manifestou, logo que voltou do Rio de Janeiro. (...) Alta noite, seria hora e meia, acordo e não a vejo; levanto-me, vou ao

quarto de vestir, acho-a diante dos dous colares(granada e safira \*), ensaiando-os ao espelho, ora um, ora outro. Era evidente a demência: recolhi-a logo. (p.279-280) (\*inserções nossas)

Como se pode observar, se, por um lado, o discurso do Dr. Simão Bacamarte em relação à D. Evarista reforça o do narrador, por outro lado, reconhece a “modéstia” anterior desta. Pelo absurdo da situação, de não conseguir decidir-se por um ou outro colar em plena madrugada e pelo “furor das sedas, veludos, rendas e pedras preciosas”, é possível considerar nessa passagem uma paródia ao determinismo, e considerar que a essência de D. Evarista se deixa modelar pelo meio em que está inserida, “modéstia” no matrimônio anterior e futilidade no atual. Ambas estão refletidas no “espelho” a que se refere Simão Bacamarte. É irresistível aqui o *demônio da analogia*: D. Evarista tem parentesco com o alferes Jacobina, e *O Alienista* com *O Espelho*, narrativas, aliás, do mesmo livro.

No momento em que a ‘Rebelião dos Canjicas’ tomava vulto e que um dos escravos aproximou-se de D. Evarista para avisá-la de que o marido corria perigo, ela pareceu não dar importância ao fato e continuou a tratar do assunto do vestido que estava provando naquela ocasião. Porém, quando os gritos se aproximaram ela teve uma reação de pavor. Novamente as informações do narrador sobre a personagem são díspares, como se pode observar nas seguintes passagens:

D. Evarista ficou sem pinga de sangue. No primeiro instante não deu um passo, não fez um gesto; o terror petrificou-a. (p. 271) ;

D. Evarista, se não resistia facilmente às comoções de prazer, sabia entestar com os momentos de perigo. Não desmaiou; correu à sala interior onde o marido estudava. Quando ela ali entrou, precipitada, o ilustre médico escrutava um texto de Averróis; os olhos dele, empanados pela cogitação, subiam do livro ao teto e baixavam do teto ao livro, cegos para a realidade exterior, videntes para os profundos trabalhos mentais. D. Evarista chamou pelo marido duas vezes, sem que ele lhe desse atenção; à terceira, ouviu e perguntou-lhe o que tinha, se estava doente.

– Você não ouve esses gritos? Perguntou a digna esposa em lágrimas. (p. 271)

A primeira passagem opõe-se claramente à segunda. Nesta a ambigüidade de D. Evarista se acentua ainda mais, sobretudo em razão da ironia do narrador. Repare-se que,



ao contrário da passagem em que a “digna esposa”, ao retornar do Rio de Janeiro, lançara-se aos braços do marido e desmaiara, nesta última não o faz. Quer dizer, e conforme o próprio narrador:

“... se não resistia facilmente às comoções de prazer, sabia entestar com os momentos de perigo.” (p. 271)

Que dizer, novamente D. Evarista se mostra frágil e forte, emotiva e racional, a um tempo só. Se é capaz de manifestar-se emotivamente, em determinadas passagens, como a já referida da volta da comitiva, ou esta :

“ – Não, não, implorava a digna senhora, quero morrer ao lado de você...” (p.271)

Ou ainda, na cena final, “ – Simão! Simão! meu amor! dizia-lhe a esposa com o rosto lavado em lágrimas.” (p.288) em que se percebe, mais uma vez pela ironia do narrador, a paródia machadiana, agora em relação às personagens românticas, ao trágico, já que o comportamento ambíguo de D. Evarista vai de encontro ao paradigma da heroína romântica, que tem de morrer denotativa ou conotativamente; outras, também é capaz de revelar-se calculadamente, em suas dissimulações, conforme a passagem:

Dizem as crônicas que D. Evarista a princípio tivera a idéia de separar-se do consorte, mas a dor de perder a companhia de tão grande homem venceu qualquer ressentimento de amor-próprio, e o casal veio a ser mais feliz do que antes. (p. 281)

Enfim, a personagem D. Evarista, em razão do que é e faz, do que dela dizem os cronistas e o narrador, termina por impedir que se lhe trace um perfil definitivo, preciso (aliás, o que é recorrente também em relação a outras heroínas machadianas, como Capitu, Sofia, Flora etc). Desse modo, *parece* adjuvante, mas, se bem lida, é oponente. Ou, em sua essência dialética, como é caro a Machado de Assis, adjuvante-opponente.

Outra personagem de destaque em *O Alienista* é Crispim Soares. Também ele é, inicialmente, um adjuvante do protagonista Dr. Simão Bacamarte. É apresentado como “amigo e comensal”, porém, ao se desenvolver a história, o leitor depreende, a partir do que pensa e da maneira como fala e age o boticário, que se trata de uma personagem que exercita continuamente a dissimulação e a subserviência, conforme comprovam já suas primeiras falas:



– A saúde da alma, bradou ele, é a ocupação mais digna do médico.  
 – Do verdadeiro médico, emendou Crispim Soares, boticário da vila, e um dos seus amigos e comensais. (p. 254);

– A caridade, Sr. Soares, entra decerto no meu procedimento, mas entra como tempero, como o sal das coisas, que é assim que interpreto o dito de São Paulo aos Coríntios: ‘ Se eu conhecer quanto se pode saber, e não tiver caridade, não sou nada’. O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade.

– Um excelente serviço, corrigiu o boticário. (p. 256);

– Sem este asilo, continuou o alienista, pouco poderia fazer; ele dá-me, porém, muito maior campo aos meus estudos.

– Muito maior, acrescentou o outro. (p. 256)

Crispim Soares, como D. Evarista, é uma personagem que se vela e se desvela, a todo instante, de acordo com as suas conveniências. Assim, sugere ao alienista a idéia de organizar um pessoal de administração para a Casa Verde, com intenções escusas, a confiar-se no narrador:

Simão Bacamarte começou por organizar um pessoal de administração; e aceitando essa idéia ao boticário Crispim Soares, aceitou-lhe também dois sobrinhos, a quem incumbiu da execução de um regimento que lhes deu, aprovado pela Câmara, da distribuição da comida e da roupa, e assim também na escrita, etc. (p. 257)

No Capítulo III, há uma imagem de Crispim Soares e Dr. Simão Bacamarte, em que se vislumbram as personagens Sancho Pança e Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, depois que a mulher do boticário partiu para o Rio de Janeiro com a comitiva que acompanhava D. Evarista:

E partiu a comitiva. Crispim Soares, ao tornar a casa, trazia os olhos entre as duas orelhas da besta ruana em que vinha montado; Simão Bacamarte alongava os seus pelo horizonte adiante, deixando ao cavalo a responsabilidade do regresso. Imagem vivaz do gênio e do vulgo! Um fita o presente, com todas as suas lágrimas e saudades, outro devassa o futuro com todas as suas auroras. (p. 259)

A imagem construída estabelece uma oposição entre as personagens: o boticário é visto como “vulgo” e o médico como “gênio”; assim, aquele aparece em posição de inferioridade em relação a este.

Por meio da elipse, o narrador acelera a narrativa, utilizando-se da temporalidade em forma de sumário e da focalização externa, como se observa no trecho:

Um dia de manhã – eram passadas três semanas, estando Crispim Soares ocupado em temperar um medicamento, vieram dizer-lhe que o alienista o mandava chamar. (p. 260)

Esse sumário é interrompido pela utilização do discurso direto, numa espécie de teatralização: “ – Trata-se de um negócio importante, segundo ele [Simão Bacamarte\*] me disse, acrescentou o portador.” (p.260) [\*inserção nossa]

Pelo discurso indireto e indireto livre, por meio da focalização interna, o debuxo de Crispim Soares vai sendo colorido, definindo-se:

Crispim empalideceu. Que negócio importante podia ser, se não alguma triste notícia da comitiva, e especialmente da mulher? Porque este tópico deve ficar claramente definido, visto insistirem nele os cronistas: Crispim amava a mulher, e, desde trinta anos, nunca estiveram separados um só dia. Assim se explicam os monólogos que ele fazia agora, e que os fâmulos lhe ouviam muita vez: ‘Anda, bem feito, quem te mandou consentir na viagem de Cesária? Bajulador, torpe bajulador! Só para adular ao Dr. Bacamarte. Pois agora agüenta-te; anda, agüenta-te, alma de lacaio, fracalhão, vil, miserável. Dizes *amém* a tudo, não é? Aí tens o lucro, biltre! E muitos outros nomes feios, que um homem não deve dizer aos outros, quanto mais a si mesmo. Daqui a imaginar o efeito do recado é um nada. Tão depressa ele o recebeu como abriu mão das drogas e voou à Casa Verde. (p. 260)

Nessa passagem em que Crispim Soares faz lembrar ao leitor atento de Machado de Assis outra, protagonizada pelo adúltero Camilo, em *A Cartomante*, pela semelhança das situações, o boticário põe a descoberto todo o seu caráter adulator. O desespero que o tomava é depois desfeito, quando o alienista lhe fala da nova experiência científica. A adulação, então, é retomada:

– A ferocidade, Sr. Soares, é o grotesco a sério.

– Gracioso, muito gracioso! exclamou Crispim Soares levantando as mãos ao céu. (p.261)

O boticário desejava realizar seu projeto de prestígio social pela adulação que dispensava ao cientista. No momento em que a cidade desesperava-se para entender por que tantos indivíduos estavam sendo recolhidos à Casa Verde, entendeu-se recorrer ao Crispim, como antes recorrera-se à “esperança de Itaguaí”, D. Evarista:

– Você, que é íntimo dele, não nos podia dizer o que há, o que houve, que motivo...

Crispim Soares derretia-se todo. Esse interrogar da gente inquieta e curiosa, dos amigos atônitos, era para ele uma consagração pública. Não havia que duvidar; toda a povoação sabia enfim que o privado do alienista era ele, Crispim, o boticário, o colaborador do grande homem e das grandes cousas; daí a corrida à botica. Tudo isso dizia o carão jucundo e o riso discreto do boticário, o riso e o silêncio, porque ele não respondia nada; um, dous, três monossílabos, quando muito, soltos, secos, encapados no fiel sorriso, constante e miúdo, cheio de mistérios científicos, que ele não podia, sem desdouro nem perigo, desvendar a nenhuma pessoa humana. (p. 264)

À medida que o boticário realiza seu projeto, sente em relação “às pessoas humanas” uma certa superioridade que parece pô-lo num patamar divino, entretanto, continuava sendo inferior ao “grande homem”.

Crispim vive das cavilações, como comprovam as passagens dos dois sobrinhos, e da permissão para que Cesária acompanhasse D. Evarista na viagem ao Rio de Janeiro, e das aparências, como comprova este excerto:

Uma volúpia científica alumiu os olhos de Simão Bacamarte. Ou ele não conhecia todos os costumes do albardeiro, ou nada mais quis, interrogando o Crispim, do que confirmar alguma notícia incerta ou suspeita vaga. A explicação satisfê-lo; mas como tinha as alegrias próprias de um sábio, concentradas, nada viu o boticário que fizesse suspeitar uma intenção sinistra. Ao contrário, era de tarde, e o alienista pediu-lhe o braço para irem a passeio. Deus! Trêmulo, atarantado, disse que sim, que estava pronto. Chegaram duas ou três pessoas de fora, Crispim mandou-as mentalmente a todos os diabos; não só atrasavam o passeio, como podia acontecer que Bacamarte elege-se alguma delas, para



acompanhá-lo, e o dispensasse a ele. Que impaciência! Que aflição! Enfim, saíram. (p. 265)

A volubilidade de Crispim Soares, que só se compara à do vereador Sebastião Freitas, e as referidas cavilações são admiravelmente retratadas no capítulo VIII - *As angústias do boticário*.

Não descrevo o terror do boticário ao ouvir dizer que o barbeiro ia à casa do alienista.

– ‘Vai prendê-lo’, pensou ele. E redobram-lhe as angústias. Com efeito, a tortura moral do boticário naqueles dias de revolução excede a toda descrição possível. Nunca um homem se achou em mais apertado lance: – a privança do alienista chamava-o ao lado deste, a vitória do barbeiro atraía-o ao barbeiro. Já a simples notícia da sublevação tinha-lhe sacudido fortemente a alma, porque ele sabia a unanimidade do ódio ao alienista; mas a vitória final foi também o golpe final. A esposa, senhora máscula, amiga particular de D. Evarista, dizia que o lugar dele era ao lado de Simão Bacamarte; ao passo que o coração lhe bradava que não, que a causa do alienista estava perdida, e que ninguém, por ato próprio, se amarra a um cadáver. (p. 265);

- Lá vai o Porfírio à casa do Dr. Bacamarte, disse-lhe a mulher no dia seguinte à cabeceira da mesa, vai acompanhado de gente.

Uma idéia traz outra; o boticário imaginou que, uma vez preso o alienista, viriam também buscá-lo a ele, na qualidade de cúmplice. Esta idéia foi o melhor dos vesicatórios. Crispim Soares ergueu-se, disse que estava bom, que ia sair; e apesar de todos os esforços e protestos da consorte, vestiu-se e saiu. Os velhos cronistas são unânimes em dizer que a certeza de que o marido ia colocar-se nobremente ao lado do alienista consolou grandemente a esposa do boticário; e notam, com muita perspicácia, o imenso poder moral de uma ilusão; porquanto, o boticário caminhou resolutamente ao palácio do governo, não à casa do alienista. Ali chegando, mostrou-se admirado de não ver o barbeiro, a quem ia apresentar os seus protestos de adesão, não o tendo feito desde a véspera por enfermo. E tossia com algum custo. Os altos funcionários que lhe ouviam esta declaração, sabedores da intimidade do boticário com o alienista, compreenderam toda a importância da adesão nova, e trataram a Crispim Soares com apurado carinho; afirmaram-lhe que o barbeiro não tardava; Sua Majestade tinha ido à Casa Verde, a negócio importante, mas não tardava. Deram-lhe cadeira, refrescos, elogios; disseram-lhe que a causa do ilustre Porfírio era a de todos os patriotas; ao que o boticário ia

repetindo que sim, que nunca pensara outra coisa, que isso mesmo mandaria declarar a Sua Majestade. (p.276)

As citações são longas mas imprescindíveis e extremamente ilustrativas no tocante à enunciação e à caracterização do “adjuvante” Crispim Soares. Quanto à primeira, será objeto de estudo no segundo capítulo desta dissertação. Interessa mais aqui, portanto, chamar a atenção para a pusilanimidade (que contrasta com a firmeza da esposa, “senhora máscula”), para o oportunismo (“ao passo que o coração lhe bradava que não, que a causa do alienista estava perdida, e que ninguém, por ato próprio, se amarra a um cadáver”), para o arrivismo (“Ali chegando, mostrou-se admirado de não ver o barbeiro, a quem ia apresentar os seus protestos de adesão, não o tendo feito por enfermo.”) e para as dissimulações (“E tossia a custo.”) do boticário. Dissimulações que enganam a esposa, Cesária, os funcionários de “Sua Majestade” o barbeiro Porfírio, mas não o leitor atento. Enfim, Crispim Soares, da mesma maneira que D. Evarista, passa de adjuvante para oponente do Dr. Simão Bacamarte. O “fiel escudeiro” do herói torna-se, assim, adversário.

A respeito da caracterização das personagens, Alfredo Bosi (1999) afirma que “o tipo é um conjunto fechado de caracteres psicossociais. O comportamento da personagem tipo é previsível no sentido da reprodução da própria identidade”. (p.158-159)

Ora, a personagem Crispim, sendo um bajulador, poderia facilmente enquadrar-se na qualificação do ensaísta paulistano. Porém, à medida que toma consciência da sua própria condição e reflete sobre seu comportamento, passa a enquadrar-se melhor como *pessoa*. Ainda para Alfredo Bosi (1999), a “personagem pessoa”:

é a negação dialética do tipo já ossificado e preso às suas determinações.

A pessoa, enquanto capaz de exercer a vontade e refletir as suas relações com os outros, é mais concreta, mais autoconsciente e, por hipótese mais livre do que o tipo, o que não significa que a sua existência se desenrole em um plano ideal, fora das pressões sociais; ao contrário, a força da pessoa se afirma dentro da máquina social, e em certos momentos, contra esta. (p.160)

Uma vez restabelecido o poder do alienista, este recolheu Crispim Soares à Casa Verde, por considerar loucura a disparidade entre a aprovação que o boticário lhe dispensava e a adesão deste aos “canjicas”. Ou, conforme as palavras do Dr. Simão Bacamarte, via narrador, pelo “movimento de terror” de que foi vítima Crispim Soares, visto que “o terror também é o pai da loucura”. Mais uma vez, parece ao boticário, a Itaguaí e ao



leitor que o Dr. Bacamarte tomara uma atitude revanchista pela traição do amigo, em vez de obedecer puramente a critérios científicos.

Depois de postos na rua todos os loucos que estavam reclusos na Casa Verde, em razão de o alienista ter chegado a uma nova teoria psicológica: à conclusão de que o normal era o anormal, de que nos desequilibrados estava o equilíbrio, decidiu levá-la à prática. Recolheu, assim, os normais anormais, os equilibrados desequilibrados, e entre eles, o Padre Lopes, Porfírio e Cesária, a esposa de Crispim Soares. Tal fato que, segundo a formulação teórica de Gérard Genette (1979), constitui uma “frequência iterativa”, porque retoma situações anteriormente narradas, expõe por inteiro a natureza egoísta, pusilânime, do boticário. No momento em que pode visitar a mulher na Casa Verde prefere não fazê-lo por medo de ser preso, mas é precisamente essa conduta que o livra de ser recolhido novamente. Ao que parece, o bajulador embota-se a si mesmo para adular ao outro, mas o que se tem, na verdade, é que o bajulador pensa só e exclusivamente em si mesmo, e em todas as situações caóticas, opta por aquilo que mais lhe convém. (Des)constrói-se, assim, o esposo dedicado e fiel, o profissional desonesto ( “ – Tratante!... velhaco!... ingrato!... Um patife que tem feito casas à custa de ungüentos falsificados e podres... Ah! que tratante!...”), o “amigo e comensal”, enfim, o adjuvante do herói ou anti-herói Dr. Simão Bacamarte.

### I.3. A (Des)Construção dos Oponentes

Entre os oponentes do herói ou anti-herói (Dr. Simão Bacamarte) um dos que mais se destacam é Porfírio Caetano das Neves, o barbeiro. Essa personagem aparece pela primeira vez na narrativa, no Capítulo V- *O terror*, e parece configurar-se parodístico em relação aos oponentes do herói no modelo clássico.

Nesse modelo, os oponentes constituíam-se como tipos construídos somente por características negativas, de nível moral sempre inferior ao do herói, e quando se opunham a ele, para prejudicar-lhe a realização do projeto, ou diretamente para destruí-lo, faziam-no de forma altamente maléfica e muitas vezes sanguinolenta. Não representavam perigo somente para o herói, mas também para o povo e para a vila, daí *vilão*, personagem do mal, que vai de encontro à Moral, à Ética, à Religião, e que povoa as narrativas românticas. Como, por exemplo, o Leôncio, de *A escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães.



O barbeiro Porfírio também arrancava sangue aos outros, mas como forma terapêutica, visto que aplicava sanguessugas. Embora tivesse obtido um aumento nos lucros por causa dessas aplicações, mais numerosas com o aumento de internos na Casa Verde, indignou-se com o recolhimento dos cidadãos de Itaguaí ao manicômio e pronunciou-se mais veementemente no dia em que foi recolhido à Casa Verde o Coelho, com quem mantinha uma demanda judicial, "...mas o interesse particular, dizia ele, deve ceder ao interesse público."(p.268)

Assim, o barbeiro é construído inicialmente como oposição ao tipo que caracterizava o adversário clássico, uma vez que apresenta, no início, traços positivos e desconsidera as vantagens pessoais em nome do interesse público. Ao se opor ao herói, tem o apoio da população da cidade que, de acordo com o título do capítulo, encontra-se em "terror", em razão do medo de ser recolhida a qualquer momento à Casa Verde, "Bastilha da razão humana", segundo o volúvel vereador Sebastião Freitas.

Ocorre, portanto, uma inversão dos modelos de herói e oponente em *O Alienista*. Neste momento da narrativa, quem aterroriza a população e representa uma ameaça para ela é o herói; o seu opositor, mobiliza-se para salvá-la. Os papéis estão invertidos, e o barbeiro parece estar moralmente em superioridade em relação ao herói.

No Capítulo VI - *A rebelião*, Porfírio lidera um movimento de revolta contra o "despotismo científico" do Dr. Simão Bacamarte. Tal revolta foi chamada dos Canjicas, por ser esta a alcunha do barbeiro, que incitava os revoltosos à demolição da Casa Verde.

Conforme a terminologia de Alfredo Bosi (1999), essa personagem poderia ser enquadrada, neste ponto da narrativa, como personagem "tipo", apresentado pelo narrador e mesmo pelo discurso direto, com traços altamente positivos.

Entretanto, logo a seguir, o narrador passa a fornecer informações contrárias às anteriores no que diz respeito ao caráter da personagem, penetrando-lhe a essência e descortinando o motivo real que levava Porfírio a comandar a rebelião e que contrariava precisamente tudo aquilo que ele apregoava: os interesses pessoais.

Foi nesse momento decisivo que o barbeiro sentiu despontar em si a ambição do governo; pareceu-lhe então que, demolindo a Casa Verde, e derrocando a influência do alienista, chegaria a apoderar-se



da Câmara, dominar as demais autoridades e constituir-se senhor de Itaguaí. Desde alguns anos que ele forcejava por ver o seu nome incluído nos pelouros para o sorteio dos vereadores, mas era recusado por não ter uma posição compatível com tão grande cargo. A ocasião era agora ou nunca.(p.272)

A disparidade entre a informação anterior de que o barbeiro pusera o interesse da coletividade acima do individual e a última informação de que havia um desejo maior de Porfírio em se tornar um homem público mostra o processo de (des)construção da imagem positiva da personagem.

Se, por outro lado, passa-se a construir uma imagem negativa do barbeiro, como alguém que se move por interesses exclusivamente individuais, menores, mesquinhos, essa nova imagem traz uma certa atenuação para esse caráter egocêntrico: o fato de o barbeiro não poder ser vereador por não ocupar posição ilustre para fazê-lo.

Uma vez disposto a realizar seu interesse pessoal, Porfírio passa a atingir uma nova categoria, afasta-se do tipo, e constrói-se, assim, o que Bosi (1999) denominou de “personagem indivíduo”:

indivíduo é o momento do ser humano ainda avulso que se dá ao leitor como impulso atomizado, arbitrário, veleitário, avesso a qualquer determinação fixa: só aparece em gestos isolados; projeções gratuitas e efêmeras da sensibilidade.( p. 159)

É notável que o barbeiro organize uma rebelião externa, mas também é evidente que dentro dele uma outra rebelião se faz, entre a sua posição e a que ele pretende alcançar. Problematisa-se a questão do oponente, uma vez que os interesses de Porfírio são agora evidenciados: seu objetivo não é mais a derrocada do Dr. Simão Bacamarte, mas sim o poder (pelo saber) que este detém e que ele, o barbeiro, deseja. Simão Bacamarte constitui-se, dessa maneira, não como um fim para a realização do projeto de Porfírio, mas como meio, estratégia para atingi-lo.

No Capítulo VII - *O inesperado*, percebe-se que o principal recurso do barbeiro para atingir seu objetivo é a eloquência, já que ele passa a liderar o povo de Itaguaí pela manipulação discursiva, como atesta a seguinte passagem:



- Não nos dispersaremos. Se quereis os nossos cadáveres, podeis tomá-los; mas só os cadáveres; não levareis a nossa honra, o nosso crédito, os nossos direitos, e com eles a salvação de Itaguaí. (p.273)

Nessa passagem, toma relevo a reiteração dos pronomes utilizados em primeira pessoa do plural: “nossos”, “nossa”, “nosso”, “nossos”, que tornam-se irônicos, uma vez que o leitor já conhece os interesses da personagem, os quais soariam com mais verdade se ele usasse a primeira pessoa do singular.

O fato aparente tido como inesperado seria o de apresentarem-se os dragões contra a rebelião dos Canjicas, porém, outros fatos “inesperados” ocorrem, como, por exemplo, a queda da Câmara dos Vereadores em lugar da demolição da Casa Verde e, ainda, o fato de Porfírio ter assumido o governo da vila, sendo aclamado como “O Protetor da vila em nome de Sua Majestade e do povo.” (p.274) Assim, o próprio título do capítulo atinge um caráter altamente irônico.

Uma vez empossado, Porfírio encontra-se em posição de melhoramento, conforme a definição de Bremmond, visto que realizou seu projeto. Passou a expedir ordens, comunicações e até mesmo uma proclamação oficial ao povo, cuja conclusão era: “Contai com o meu sacrifício, e fidei certos de que a coroa será por nós.” (p.274) Essa proclamação já trazia em si um primeiro índice de que há algo em suspense em relação à Casa Verde, já que não havia sequer menção ao assunto, o que levou a população a ver o fato com estranhamento e a principiar com suposições a respeito do fim da Casa Verde e de Simão Bacamarte.

Portanto, se o projeto do barbeiro foi realizado, o do povo itaguaieense ainda não. A população pressupõe que o novo governo fará algo terrível para o cientista, entretanto, Porfírio propõe a ele uma aliança, com o intuito de conseguir por intermédio do médico a “confiança dos principais da vila”. Dessa forma, de oponente do herói, o barbeiro quer agora tornar-se seu adjuvante.

Tem-se, assim, claramente mais um dado a respeito da personagem, o motivo que o barbeiro usou para chegar ao poder, a oposição ao cientista, passa agora a ser importante para que ele se mantenha no poder. A contradição desses fatos dá-se novamente por meio de uma estrutura quiasmática, tomando valor irônico, e por trás dessa ironia observa-se a voz do autor implícito a apontar as atrocidades dos esquemas políticos, bem como as atrocidades do indivíduo, que se despe de toda ética para alcançar o que almeja, os fins justificam os meios, puro arrivismo.



Porém, da população insatisfeita com a inoperância do governo em relação à Casa Verde surge um novo herói, também barbeiro, João Pina. Este “herói” destitui Porfírio do cargo, ocupando-o logo em seguida. Mas uma força enviada pelo vice-rei “restabeleceu a ordem” de Itaguaí. Vê-se, assim, que na guerra pelo poder, Porfírio é derrotado exatamente por um outro barbeiro, portanto, seu igual. Vencido, foi imediatamente recolhido à Casa Verde pelo alienista. Assim, o barbeiro é posto em posição de inferioridade.

Parece, a princípio, que a atitude do Dr. Simão Bacamarte em relação a Porfírio é de revanchismo. Parece também, que o alienista segue “cegamente” o que lhe dita uma nova teoria, “verdadeira doutrina”, segundo a qual

(...)se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades, e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto. (p.280-281)

Dessa maneira, é restituída a liberdade a Porfírio que se enquadra perfeitamente na nova teoria psicológica do Dr. Simão Bacamarte. Mas, precisamente em virtude dela é recolhido novamente à Casa Verde, quer dizer, por pensar agora de maneira consistente e lógica, desequilibrou-se:

O barbeiro respondeu-lhes que não; que a ambição o levara da primeira vez a transgredir as leis, mas que ele se emendara, reconhecendo o erro próprio e a pouca consistência da opinião dos seus mesmos sequazes; que a Câmara entendera autorizar a nova experiência do alienista, por um ano: cumpria, ou esperar o fim do prazo, ou requerer ao vice-rei, caso a Câmara rejeitasse o pedido. Jamais aconselharia o emprego de um recurso que ele viu falhar em suas mãos, e isso a troco de mortes e ferimentos que seriam o seu eterno remorso. (p.284)

Como atesta essa passagem, o barbeiro Porfírio passou novamente por uma modificação de caráter. Tomou consciência de sua conduta e pôs-se a considerar de nova maneira o seu estar no mundo, individualizando-se e insurgindo contra a “máquina social”.

Entretanto, esse discurso de Porfírio traz um caráter ambíguo: a personagem teve sua imagem construída de forma negativa, figurando como alguém que não mede esforços para conseguir realizar seus interesses pessoais, sendo assim, não se moveu por interesse público, chegou ao governo, conforme desejava. No momento que a população espera dele uma atitude heróica que possa salvar a todos da reclusão à Casa Verde, Porfírio se

nega a ajudá-la. Se antes não agiu pelo povo, por que agiria agora? Por outro lado, pode-se depreender de seu discurso que ele realmente se arrependeu do que fez e não pretende mais incitar revoltas. Daí ele exclamar: “ – Preso por ter cão, preso por não ter cão!”.

Por causa das informações dispares fornecidas pelo narrador a respeito de Porfírio, e também pela contradição, entre o dizer e o fazer, tem-se uma personagem com ambígua, a desafiar o leitor captar-lhe a verdadeira essência. Se, de um lado, sente remorsos pelas conseqüências de seus atos, de outro, continua inoperante em relação às causas públicas e sociais, deseja não se envolver com elas, assumindo mais uma vez sua postura individualista. Segundo Bosi (1999),

De todo modo, há em Machado mais que simples inventário: há invenção. E esta inventividade de romancista permitiu-lhe seguir, graças à mobilidade do seu olhar, os movimentos políticos ou íntimos de personagens, que ora vivem segundo o capricho de sensações imediatas, isto é, vivem como indivíduos na acepção negativa de mônadas exteriores umas às outras; ora comportam-se como tipos, agindo de acordo com os cálculos necessários para manter ou elevar o próprio status; ora, enfim, podem trazer em si o agulhão da consciência da sua dignidade como pessoas, sem que esta rara disposição interior seja automaticamente causada pela sua classe econômica. ( p.161)

É notável que o barbeiro tenha saído da Casa Verde com as idéias bem diferentes das que tinha quando para lá foi recolhido; parece ter saído com as faculdades mentais em equilíbrio, mas não se pode saber, se há realmente verdade no discurso de Porfírio e, além disso, outros fatores poderiam levá-lo à mudança de comportamento, como o fato de se sentir vitimado pela própria população, como a possibilidade de ter aceitado que perdeu, e até mesmo a de ter reconhecido a violência da rebelião.

Assim, no final das contas, esse, à primeira vista, oponente de Simão Bacamarte, no verdade, transfigura-se em adjuvante, na medida em que se presta como uma espécie de cobaia às experiências do herói ou anti-herói, confirma-lhe as teorias. Porfírio, que inicia a “crônica itaguaiense” porfiando realmente contra o Dr. Simão Bacamarte e em meio a sanguessugas, termina-a desacorçoado, exangüe.



Além de Porfírio, outra personagem que pode constituir-se como possível oponente do herói ou anti-herói é o Padre Lopes. Essa personagem aparece já no primeiro capítulo, por meio do discurso direto:

- Olhe, D. Evarista, disse-lhe o Padre Lopes, vigário do lugar, veja se o seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro. Isso de estudar sempre, sempre, não é bom, vira o juízo.(p.255)

Como se vê, o discurso do vigário aparece impregnado de um dogma, por um tom supersticioso e não foi diretamente dirigido ao alienista, ao que parece, a intenção da personagem é atingi-lo de maneira indireta. De qualquer modo, o narrador fornece a informação de que o Dr. Simão Bacamarte “tinha medo ao vigário” e por isso violou o código religioso dos muçulmanos, imprimindo no frontispício da Casa Verde um pensamento do Corão e atribuindo-lhe a autoria ao papa Benedito VIII. Assim, de maneira viciosa, fraudulenta, o alienista evita indispor-se com o Padre Lopes, ou não o quer como oponente.

A indisposição, porém, começa a ocorrer, à medida que a “razão humana e científica” do médico se opõe à “explicação divina” do religioso para “a existência de tantos doudos no mundo”, muito embora tanto a Ciência quanto a Teologia, aparentemente, cedam e levem as divergências para o campo das chalaças. Na do Padre Lopes, em forma de resposta, “- Deixe estar, deixe estar, que hei de mandá-lo denunciar ao papa.”, pode-se pressentir um subentendido, uma ameaça, ou seja, a intervenção do religioso em relação à Casa Verde. Somente quando o alienista explica ao padre a nova teoria que traçara sobre a loucura, o religioso começa a opor-se um pouco mais incisivamente, mas ainda não de forma afirmativa, e sim pela interrogativa:

O vigário Lopes, a quem ele confiou a nova teoria, declarou lisamente que não chegava a entendê-la, que era uma obra absurda, e se não era absurda, era de tal modo colossal que não merecia princípio de execução.

- Com a tal definição atual, que é a de todos os tempos, acrescentou, a loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas. Sabe-se onde uma acaba e onde a outra começa. Para que transpor a cerca? (p. 261-262)





O discurso do religioso aparece novamente imbuído de caráter dogmático e ambíguo, já que a obra do alienista pode ou não ser absurda, mas a oposição do Padre Lopes não se dá explicitamente.

O Padre Lopes, dissimulando-se adjuvante, e não oponente, do alienista, mas ao mesmo tempo desejando intervir junto ao estado de coisas por que passa a população itaguaiense, recorre ao método já empregado, indireto: desta vez de forma mais insinuativa e vaga, mas que a esposa do médico entendeu claramente. É importante notar que esse discurso reticente do religioso ocorre uma vez mais no Capítulo V - *O terror*, no qual a população aparece em completo desespero, e o Padre, alheio a tudo isso, mais preocupado com o “inimigo”, o falastrão Coelho, a quem critica, porém, sempre à sua maneira, escamoteada, recorrendo a versos de Dante Alieghiere, subvertendo um deles, de “pecador”, pecador, para “seccatore”, para importuno. Entenda-se a tática do religioso, citando o autor da Divina comédia, língua que poucos itaguaienses podiam entender, dizendo dessa forma o que pensava a respeito de Coelho e não sendo entendido pela maioria das pessoas. Há que se notar, também, que o padre “viola” o discurso literário para atender à sua intenção, assim como o alienista violou o discurso religioso para atender aos seus interesses. Ambos possuem, portanto, capacidade de manipular os discursos segundo lhes pareça necessário.

No capítulo VI - *A rebelião*, quando da instalação do completo caos em Itaguaí, causando até mesmo mortes, o Padre Lopes sequer aparece. Sua ausência pode ser entendida como um índice de humor, por meio do qual se instala a voz do autor implícito a apontar para o comportamento da igreja diante das rebeliões populares.

Abordado pelo barbeiro Porfírio, quando este quis saber se o vigário poderia realizar um “Te Deum”, por meio do qual se juntariam o poder temporal e o espiritual, Padre Lopes recusou-se a fazê-lo “abertamente”, porém perguntado sobre se se alistaria aos inimigos do governo, o religioso encontra uma resposta evasiva: “- Como alistar-me se o novo governo não tem inimigos?”(p.275)

Tal resposta confere à fala do padre um caráter dúbio, já que se pode entender que o governo não tem inimigos, porque é um tirano, ou que não tem inimigos por ser bom. Essa dubiedade vem pela voz do narrador em forma de resposta-pergunta do religioso: “Ao que o padre Lopes respondeu, sem responder:” (p.275)

Outra intervenção do Padre Lopes se dá quando ele toma conhecimento de que o alienista havia recolhido à Casa Verde D. Evarista. Repare-se, a propósito o que diz o narrador:

Um dia de manhã – dia em que a Câmara devia dar um grande baile – a vila inteira ficou abalada com a notícia de que a própria esposa do alienista fora recolhida na Casa Verde. Ninguém acreditou, devia ser invenção de algum gaiato. E não era: era a verdade pura. D. Evarista fora recolhida às duas horas da noite. O Padre Lopes *correu* ao alienista e interrogou-o *discretamente* acerca do fato. (p.279) (itálicos nossos)

Quer dizer, pelas informações do narrador, têm-se dois índices reveladores da dubiedade em relação às atitudes do Padre Lopes: um, no verbo correr, que sugere firmeza, outro, discretamente, fraqueza de caráter da parte do religioso diante da situação. E para corroborar isso, o narrador acrescenta mais à frente:

O Padre Lopes não se satisfaz com a resposta, mas não objetou nada. O alienista, porém, percebeu e explicou-lhe que o caso de D. Evarista era de ‘mania sumptuária’, não incurável, e em todo caso digno de estudo.(p. 280)

O Padre Lopes, é, por fim, recolhido também à Casa Verde. Depois que o Dr. Simão Bacamarte modificou sua teoria e passou a recolher os indivíduos que apresentavam equilíbrio das faculdades mentais, o religioso não escapou à sanha científica do alienista. Tem-se aí, uma vez mais, uma ambigüidade: não se pode precisar se o Padre Lopes foi recolhido por vingança ou por motivos científicos.

Nessa nova teoria, o alienista aplicava como terapêutica o ataque às qualidades positivas dos indivíduos, aquelas nas quais era mais relevante a perfeição moral, com o intuito de desviá-los desse “desequilíbrio” e pô-los novamente na normalidade, considerada agora pelo método qualitativo como “desequilíbrio”. Ao padre Lopes, o alienista adotou o seguinte método:

Sabendo o alienista que ele ignorava perfeitamente o hebraico e o grego, incumbiu-o de fazer uma análise crítica da Versão dos Setenta (tradução para o grego do texto hebraico da bíblia); o padre aceitou a incumbência e em boa hora o fez; ao cabo de dois meses possuía um livro e a liberdade.(p.286)

Como se vê, o Padre Lopes fez traduções em línguas que desconhecia para libertar-se da Casa Verde, violando desta vez, o código sagrado dos católicos.



Quando Simão Bacamarte convocou o conselho de amigos para interrogar a respeito da perfeição que supunha ter em si, o vigário, cujo discurso foi definitivo para que o alienista se enclausurasse na Casa Verde, observa:

A assembléia insistiu; o alienista resistiu; finalmente o Padre Lopes explicou tudo com este conceito digno de um observador:

-Sabe a razão por que não vê as suas elevadas qualidades, que aliás todos nós admiramos? É porque tem ainda uma qualidade que realça às outras: - a modéstia.

Era decisivo. Simão Bacamarte curvou a cabeça juntamente alegre e triste, e ainda mais alegre do que triste. Ato contínuo.(p.287-288)

A afirmação do padre altamente decisiva para que o alienista se trancafiasse ao manicômio atinge um caráter altamente ambíguo, já que é possível entendê-la como uma vingança do padre, ou como bajulação para não ser preso novamente. O vigário pode ter dito calculadamente para livrar-se do médico, e calculadamente para não ser preso. E assim, o herói pode ter sido vencido pelo oponente (não declarado) e pode tê-lo usado para atestar o que de fato queria. Em nenhuma outra circunstância da narrativa o cientista considera a opinião alheia para as suas conclusões.

Para Antônio Cândido(1968), as personagens são seres ficcionais que estiveram presentes na literatura com o mistério e o que não se capta definitivamente nos seres, e embora presentes anteriormente, a preocupação de construí-las envoltas de fragmentariedade e mistério passou a ser conscientemente buscada por escritores do século XIX, como Machado de Assis e Dostoiévski entre outros.

Nas obras de uns e outros, a dificuldade em descobrir a coerência e a unidade dos seres vem refletida, de maneira por vezes trágica sob a forma de incomunicabilidade nas relações.( p. 57)

As personagens machadianas (em especial as femininas) se caracterizam pela ambigüidade, isso é já um truismo, mas o Padre Lopes, de *O Alienista*, talvez seja (das masculinas) uma das mais ambíguas, pelo menos o é no referido texto; representa em toda a narrativa uma ambigüidade que não se desfaz, pois não é possível saber se ele é ou não oponente do alienista. Sempre se posiciona de forma discreta e indireta, convive com o herói



como um adjuvante. As expressões usadas pelo narrador para caracterizá-lo, como por exemplo: “lisamente”, “obtemperou”, “escorregando habilmente para o assunto da ocasião”, “derreou os cantos da boca, à maneira de quem não sabe nada, ou não que dizer tudo”, “ia pontuando”, “respondeu sem responder”, entre outras, indicam ponderação calculada, portanto propulsoras de suspense e mistério que unidas à chalaça “- Deixe estar, deixe estar, que hei de mandá-lo denunciar ao papa”, compõem a ambigüidade da personagem.

Se é possível delimitar os momentos em que o barbeiro declara-se abertamente como inimigo do Dr. Simão e como pretenso adjuvante, não se pode dizer o mesmo do Padre Lopes, que desde o início não se declara de um lado ou de outro. O caráter “duvidoso” do Padre Lopes é reiterado no último parágrafo da narrativa:

Dizem os cronistas que ele [Dr. Simão\*] morreu dali a dezessete meses, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada. Alguns chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco, além dele, em Itaguaí; mas esta opinião, fundada em um boato que correu desde que o alienista expirou, não tem outra prova. senão o boato; e boato duvidoso, pois é atribuído ao Padre Lopes, que com tanto fogo realçara as qualidades do grande homem. Seja como for, efetuou-se o enterro com muita pompa e rara solenidade. (p.288) [\* inserção nossa]

O fato de o vigário ser a única personagem de Itaguaí, a qual o cientista teme, atinge um caráter irônico, já que se pode considerar que o pior inimigo é aquele de quem não se tem certeza se é adversário ou não. A dúvida consiste num perigo maior do que a certeza, o que põe em destaque a (des)construção das personagens em virtude de elas se apresentarem contraditórias e ambíguas.

## II. A (DES)CONSTRUÇÃO ENUNCIATIVA

### II.1. A Enunciação Quiasmática

Esta parte da dissertação tem por objetivo explicitar as micro-estruturas discursivas, bem como as estratégias de manipulação do foco narrativo em *O Alienista*.

O caráter de vaivém, de entrelaçamento, dessa narrativa aponta para as vozes que se apresentam ao leitor como elemento decisivo no processo de entendimento de significação, como a voz do narrador, a do “autor implícito” e as vozes das personagens.

Num primeiro momento, tomar-se-á a voz do narrador e do “autor implícito” como duas instâncias da enunciação. Essa dicotomia pode fazer entender o “autor implicado”<sup>4</sup> como um professor do leitor a direcioná-lo e manejá-lo para o entendimento de sua intencionalidade, atribuindo à narrativa as marcas do estilo, no caso, machadiano. Mas, sobretudo, a perceber que essa voz entende insinuar-se na própria moldura como um sistema completo e complexo que interage com o leitor. Também se pretende observar o grau de identificação ou de afastamento que há entre essas duas vozes.

O narrador posiciona-se, a princípio, como detentor de uma verdade absoluta que foi colhida em documentos – as crônicas –, figurando como um historiador, um pesquisador, e dá indícios de que irá narrar o verdadeiro. Entretanto, desloca-se dessa primeira posição, iniciando um movimento de afastamento e aproximação; de onisciência e observação dos acontecimentos que não ocorre simultaneamente, ficando, assim, limitado pela questão espaço-temporal a não atingir a instância divina de onipotência e onipresença. Há, dessa maneira, dissonância entre aquilo que é dito pelo narrador como historiador/pesquisador e distanciado das ações das personagens, o que representa, de certo modo, a verdade “documentária”, que será manejada por essa voz, e o que é dito por essa mesma voz quando se aproxima das ações e das personagens e até admite que faz conjecturas, revelando a fragilidade dessa verdade que o narrador pretende apresentar.

---

<sup>4</sup> Expressão preferida por Gérard Genette à de “autor implícito”, comumente usada. *Apud* REIS & LOPES.



Esse deslocamento entre o que parece ser verdadeiro e o que está sendo inventado imprime ao discurso uma essência ambígua. Nestas passagens pode-se verificar tal efeito:

As crônicas da Vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico... (p. 253)

Em seguida, posicionando-se como heterodiegético e utilizando-se da técnica do sumário, fornece um panorama da história do protagonista, com menor grau de detalhamento, um campo de visão mais amplo e uma quantidade maior de tempo-espço:

O Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia. (p. 253)

Esse sumário é interrompido pela utilização do discurso direto, numa espécie de teatralização em que fala a própria personagem: "A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo." (p. 253)

Pode-se observar nesses excertos que, num primeiro momento, o narrador posiciona-se num maior grau de afastamento, pelo qual o leitor é informado das fontes do relato: as crônicas de Itaguaí. Num segundo momento, há indício da aproximação da focalização, uma vez que o narrador passa a dar informações sobre os motivos que levaram o médico a deixar Portugal e instalar-se em Itaguaí. Essa aproximação se intensifica mais num terceiro momento, quando o narrador passa a dar voz à personagem, como se estivesse presente no momento da cena.

Tal estratégia de mudança de aproximação ou distanciamento do foco narrativo passa a ser significativa, à medida que confere dinamicidade ao relato, visto que a velocidade com a qual as ações e os fatos são narrados imprime ao discurso uma evocação de ambigüidade pela aparente polifonia que constrói o enunciado. Essa ambigüidade pode ser comprovada, também, por meio

da estrutura paradoxal entre o argumento proferido por Simão na primeira pessoa e os elementos selecionados para construir esse argumento, como as cidades de Coimbra e Pádua.

O discurso do protagonista é paradoxal ao sumário, já que Coimbra e Pádua são inegavelmente considerados grandes centros de estudo, assim, o projeto do “maior dos médicos” de afastar-se desses centros para estabelecer-se na pequena vila de Itaguaí causa certo estranhamento. Entendendo-se a ciência como um macrocosmo, o desejo de inseri-la num universo tão limitado como Itaguaí é, no mínimo, excêntrico.

A contraposição do sumário com o discurso do protagonista permite ao leitor mais atento entrever uma voz implícita que o incita a notar a suspensão do caráter verossímil da história e a instituição do acordo ficcional. Assim como a incursionar em análises, como considerar que, à medida que se mostra o absurdo da tentativa de colocar a ciência a serviço de qualquer situação da condição humana, faz-se uma crítica às escolas literárias da segunda metade do século XIX, como o Realismo e, especialmente, o Naturalismo, denunciando a pretensão de formular uma tese num espaço que se pretende ter como uma espécie de laboratório.

Nesse sentido, também, há que se constatar como a disparidade do discurso do narrador e da personagem, e dos apontamentos do “autor implícito” permitem vislumbrar a construção de uma realidade multifacetada, nem sempre coerente e de difícil apreensão, uma vez que o leitor se encontra diante de “verdades” opostas: ou acredita que o Dr. Simão Bacamarte é realmente um médico excepcional, e para isso deve considerar o discurso construído com maior distanciamento da focalização, ou acredita que o narrador constrói uma imagem de excelência para o médico, a qual entra em conflito quando o Dr. Simão toma posse da voz e se comunica de forma mais direta com o leitor.

Considerando a polifonia por apenas alguns elementos, como o produto da autonomia dos indivíduos em relação autor e ao fato de que o narrador seria apenas uma voz entre outras e não mais aquela que dirige o romance, constatar-se-ia que Machado de Assis não se enquadraria como autor polifônico, visto que em sua fase madura ocorre uma hipertrofia do narrador, o qual procurasse estabelecer como senhor absoluto do texto, manipulador das outras vozes e conhecedor do que pensam as personagens e o leitor.



Pode-se observar que há, de fato, nessa “fase madura” uma “hipertrofia” do narrador, mas há que se desconfiar da sua condição de “senhor absoluto do texto”. Em *O Alienista*, não se pode ignorar que o modo e o tom de voz que o narrador emprega estão imbuídos de estruturas com ares de dogmas e máximas, como revelam os seguintes trechos:

Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas.  
(p. 254);

Note-se, - e essa é uma das laudas mais puras desta sombria história... (p. 268);

Na verdade, ele [o Coelho] amava a boa palestra, a palestra comprida, gostada a sorvos largos, e assim é que nunca estava só, preferindo os que sabiam dizer duas palavras, mas não desdenhando os outros. (p. 269);

E agora prepare-se o leitor para o mesmo assombro em que ficou a vila, ao saber um dia que os loucos da Casa Verde iam todos ser postos na rua.(p. 280);

Mas as tempestades só aterram os fracos; os fortes enrijam-se contra elas e fitam o trovão. (p. 284);

A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência, - explicável, mas inqualificável, - devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.(p. 254)

Entretanto, essas afirmações do narrador são apriorísticas, e por isso mesmo não se sustentam como verdades absolutas. No último excerto citado, por exemplo, o narrador responsabiliza D. Evarista por interromper a “dinastia dos Bacamarte”, já que se negou a seguir o regime estipulado pelo marido, porém, o fato de a imagem do médico encontrar-se abalada, e ambígua, põe em xeque essa verdade do narrador. Não se sabe qual seria o resultado da terapêutica, caso a mulher do médico se dispusesse a fazer o tratamento. Desse contraponto, surge a voz do “autor implícito” a apontar para a inconsistência da afirmação, assim como para outras questões, como a reflexão sobre a cultura

local, os hábitos fechados da cultura nacional que apresentam resistência à incorporação do que vem de fora, numa espécie de consideração sobre a antropofagia.

Uma vez aceito o fato de que o narrador atinge uma “hipertrofia”, há que se considerar também que todos os elementos que compõem a estrutura ficcional atingem essa relevância, como a voz do “autor implícito”, mobilizando a enunciação e questionando-a. Não se pode desconsiderar a elaboração das personagens: a força do herói não parece ser inteiramente (des)construída pelo narrador.

Para Bakhtin(1997):

Enquanto dominante artístico na construção da imagem da personagem, a autoconsciência já se basta por si mesma para decompor a unidade monológica do mundo artístico, desde que a personagem seja realmente representada e não expressa enquanto autoconsciência, ou melhor, não se funda com o autor, nem se torne veículo para a sua voz desde que, conseqüentemente, os acentos da autoconsciência da personagem estejam realmente objetificados e a própria obra estabeleça a distância entre a personagem e o autor. (p. 50-51).

Em *O Alienista*, o processo de autoconsciência do herói, como de outras personagens, Crispim Soares e Porfírio, por exemplo, apresenta uma dissociação em relação às idéias do “autor implícito” e muitas vezes, também do narrador. Pode-se dizer, assim, de acordo com o ensaísta russo, que a “unidade monológica” de *O Alienista* está decomposta, assumindo, portanto, o caráter polifônico. Entretanto, há que se observar os processos reflexivos do “autor implicado”, que transitam entre essas autoconsciências, entre as disparidades, as ironias e as ambigüidades, e perceber a construção de um estilo e de um discurso que apontam para uma idéia superior, para uma espécie de “verdade”, que não se quer absoluta, mas reflexiva, que equaciona e aborda as questões éticas e morais, as vilezas humanas, os aspectos sociais, científicos, religiosos, políticos, históricos e, relevadamente, artísticos.

Essa “verdade reflexiva” e esse estilo estão reiterados nas obras machadianas da chamada “fase madura”. Há que se reconhecer aí uma espécie de



monologia, mas há também que se considerar que a polifonia se faz presente nessas obras. Daí, uma vez mais, a dificuldade de se estabelecer para a obra machadiana mais um rótulo definitivo. Ao que parece, e ainda numa tentativa de rotulação, *O Alienista* se apresenta ambigualmente como uma narrativa monológica e polifônica.

A voz do “autor implícito” aparece muitas vezes por meio das contradições do narrador, noutras vezes ressoando em conformidade com a mesma, como no excerto a seguir, no qual se nota o apontamento para uma questão ética:

A vereança de Itaguaí, entre outros pecados de que é arguida pelos cronistas, tinha o de não fazer caso dos dementes. Assim é que cada louco furioso era trancafiado em uma alcova, na própria casa, e, não curado, mas descurado, até que a morte o vinha defraudar do benefício da vida; os mansos andavam à solta pela rua. Simão Bacamarte entendeu desde logo reformar tão ruim costume; pediu licença à Câmara para agasalhar e tratar no edifício que ia construir todos os loucos de Itaguaí e das demais vilas e cidades, mediante um estipêndio, que a Câmara lhe daria quando a família do enfermo não o pudesse fazer. A proposta excitou a curiosidade de toda a vila, e encontrou grande resistência, tão certo é que dificilmente se desarraigam hábitos absurdos ou ainda maus. A idéia de meter os loucos na mesma casa, vivendo em comum, pareceu em si mesma um sintoma de demência, e não faltou quem o insinuasse à própria mulher do médico.(p.254)

A intrusão do narrador “tão certo é que dificilmente se desarraigam hábitos absurdos, ou ainda maus”, revela sua opinião em relação ao problema, apontando a falta de ética e de solidariedade da população para com esses indivíduos, e estendendo a questão para uma reflexão mais ampla sobre a condição humana. Assim, a construção “A idéia de meter os loucos na mesma casa, vivendo em comum, pareceu em si mesma um sintoma de demência” atinge um caráter ambíguo, pois pode-se considerar que pareceu demência, porque os maus costumes são difíceis de serem reformados e, também, porque unir vários loucos no mesmo lugar parecia ser realmente idéia absurda.

Essas duas posições conduzem a questionamentos, que fundem o pensamento do narrador e o do “autor implícito”: há um descaso da sociedade em relação aos loucos e é preciso modificar isso. Mas agrupá-los separadamente da sociedade seria a melhor solução? É ético resolver o problema, mas seria ético resolvê-lo dessa maneira segregadora? Quem for um *desvio* em relação à norma (qualquer que seja a natureza desta) não deverá ser desprezado, mas, como solução, deverá ser confinado e apartado? Muito significativamente, os próprios textos de Machado de Assis e, em especial aqui *O alienista* caracterizaram-se como *desvios* às normas conteudísticas, estruturais e estilísticas. Daí a dificuldade de se encontrar uma rubrica para Memórias póstumas de Brás Cubas (1881) (realismo? Impressionismo?), e para o gênero da “crônica de Itaguaí” (conto? novela?).

Tem-se, assim, uma mobilidade nas relações do narrador e com o “autor implícito”, que também obedece à questão de distanciamento e de aproximação. Como se notou, ora o narrador está em desacordo com essa instância subjacente, ora em consonância com ela.

Quanto à consciência da recepção das “verdades reflexivas” da obra é importante perceber a reiteração de situações que remetem a *desvios* de entendimentos de textos pelas personagens. Caso seja feita uma transposição do universo ficcional para o real, seria possível associar a atitude equivocada de interpretação de textos ou da utilização dos mesmos pelas personagens como uma autoconsciência do “autor implícito” sobre a questão da receptividade do texto. Cite-se, por exemplo, a leitura que o Dr. Simão faz da Carta de São Paulo aos Coríntios, e ainda a violação à autoria do pensamento que aparece no Corão, espécie de plágio, usado pelo alienista após o cálculo de que, se o escrito não fosse católico, provavelmente lhe traria problemas. Há uma modificação na grafia de uma palavra de um verso de Dante, que lhe altera o sentido, feita pelo padre Lopes. E ainda a tradução para o grego do texto hebraico da Bíblia, também feita pelo religioso, que desconhecia tanto uma língua quanto a outra. Todas essas alterações foram feitas por conveniência e pelos interesses dessas personagens. Essas ações podem se opor à afirmação do narrador:





E agora prepare-se o leitor para o mesmo assombro em que ficou a vila, ao saber um dia que os loucos da Casa Verde iam todos ser postos na rua. (p.280)

Nessa última passagem, o narrador supõe que o leitor se surpreenderá com a atitude do médico, ou sugere que ele se surpreenda, já que todos se surpreenderam. Mais parece uma tentativa de manipular o leitor, sabendo pelas ações de falha na recepção de textos que esse alcance não é possível de maneira absoluta.

Retomando o conceito de “hipertrofia do narrador” não se pode desprezar que, em *O Alienista*, ele, o narrador, realmente assuma posição importante na narrativa, principalmente, porque sua voz desautoriza o discurso de outras personagens, conferindo-lhes ambigüidade, ou seja, pode-se considerar que a personagem se tece por esse narrador, como se nota na seguinte passagem:

Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de louros imarcescíveis.(p.254)

Esse discurso do narrador pode ser entendido de maneira ambígua, uma vez que o seu relato é a duplicação de uma história antiga que versa sobre a condição humana e sobre a loucura.

Tal superioridade em relação ao médico instaura a ironia, porque denuncia a diferença de informação que o narrador tem da história em relação ao leitor e à personagem. Sendo assim, o narrador tece o seguinte comentário sobre a expressão “louros imarcescíveis” atribuída ao protagonista:

(...) – expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores. (p.254)

Nesse comentário do narrador, primeiro, evidencia-se a disparidade entre a essência (doméstica) e a aparência (pública) do Dr. Simão Bacamarte. Ou, numa palavra definidora e definitiva: dissimulação. Depois, nessa passagem, pode-se pressentir, também, como se insinua o chamado “autor implícito”. Quer

dizer, vislumbra-se, na situação referida, o pensamento machadiano de que se deve dizer não à discursividade, à prolixidade, à retórica inchada, hiperbólica, romântica, enfim, que vem do sintagma “louros imarcescíveis”. A propósito, tal pensamento vislumbra-se igualmente em mais três passagens, pelo menos, de *O Alienista*. A saber: a primeira, quando do discurso de Martim Brito em homenagem à esposa do alienista:

Um dos oradores, por exemplo, Martim Brito, rapaz de vinte e cinco anos, pintalegrete acabado, curtido de namoros e aventuras, declamou um discurso em que o nascimento de D. Evarista era explicado pelo mais singular dos reptos: “Deus, disse ele [Martim Brito], depois de dar ao universo o homem e a mulher, esse diamante e essa pérola da coroa divina (e o orador arrastava triunfalmente esta frase de uma ponta à outra da mesa) Deus quis vencer a Deus, e criou D. Evarista. (p.267)

O referido poeta, que “dava para o épico”, tem este diagnóstico do alienista: “trata-se de um caso de lesão cerebral; fenômeno sem gravidade, mas digno de estudo...” (p.267) Essa passagem dispensa maiores comentários: nela subjaz o pensamento de Machado de Assis acerca da retórica épica. A segunda passagem, dentro da mesma linha de raciocínio, diz respeito ao vereador Sebastião Freitas:

Imagine-se a situação dos vereadores: urgia obstar ao ajuntamento, à rebelião, à luta, ao sangue. Para acrescentar ao mal, um dos vereadores, que apoiara o presidente, ouvindo agora a denominação dada pelo barbeiro à Casa Verde – ‘Bastilha da razão humana’ – achou-a tão elegante, que mudou de parece. Disse que entendia de bom aviso decretar alguma medida que reduzisse a Casa Verde; e porque o presidente, indignado, manifestasse em termos enérgicos o seu pasmo, o vereador fez esta reflexão:

– Nada tenho que ver com a ciência; mas se tantos homens em quem supomos juízo são reclusos por dementes, quem nos afirma que o alienado não é o alienista?

Sebastião Freitas, o vereador dissidente, tinha o dom da palavra, e falou por algum tempo com prudência, mas com firmeza. Os colegas estavam atônitos; o presidente pediu-lhe, ao menos, desse



o exemplo da ordem e do respeito à lei, não aventasse as suas idéias na rua, para não dar corpo e alma à rebelião, que era por ora um turbilhão de átomos dispersos. Esta figura corrigiu um pouco o efeito da outra: Sebastião Freitas prometeu suspender qualquer ação, reservando-se o direito de pedir pelos meios legais a redução da Casa Verde. E repetia consigo, namorado: - “Bastilha da razão humana!” (p.270)

Como se percebe, pelo que diz o narrador em relação à personagem em questão e pelo que esta diz por sua própria voz, entreouve-se a voz machadiana a ironizar “o dom da palavra”, a personagem que se deixa enamorar pela linguagem. A terceira e última passagem se refere à personagem Coelho:

Um excelente caráter o Coelho. Os únicos desafeiçoados que tinha eram alguns sujeitos que, dizendo-se taciturnos, ou alegando andar com pressa, mal o viam de longe dobravam as esquinas, entravam nas lojas etc. na verdade, ele amava a boa palestra, a palestra comprida, gostada a sorvos largos, e assim é que nunca estava só, preferindo os que sabiam dizer duas palavras, mas não desdenhando os outros. O Padre Lopes, que cultivava o Dante, e era inimigo do Coelho, nunca o vira desligar-se de uma pessoa que não declamasse e emendasse este trecho:

‘La bocca sollevò dal fiero pasto  
Quel seccatore...’

Mas uns sabiam do ódio do padre, e outros pensavam que isto era uma oração em latim. (p.269)

Quer dizer, pela voz do narrador sabe-se que o Coelho tem alguns desafetos, e entre eles o Padre Lopes, simplesmente porque “amava a boa palestra, a palestra comprida, gostada a sorvos longos”. Ora, infere-se daí, novamente e sem maiores dificuldades, a crítica de Machado de Assis ao discurso desmedido, entremostrando-se, assim, mais uma vez, o “autor implícito”. A propósito, veja-se a concepção de Roxana Herrera Álvarez (2000) a respeito de “autor implícito”, como figura tão sutil quanto útil, para compreender-se a totalidade significativa (se isso é realmente possível) de um texto:

O autor implícito, como conceito, significa a existência de uma presença subjacente, articuladora da ficção, apresentando-a segundo o ângulo de sua preferência e trazendo aos olhos ávidos do leitor um mundo que obedece ao comando de uma só voz, de um só gesto imperioso, delimitador e ordenador do mundo criado. Como Booth explica, esse autor implícito estaria no limiar daquele ser tangível que vive no mundo, seguindo determinados conceitos, respeitando valores e cuja presença se desdobra numa entidade que se oculta na urdidura da ficção. (p. 140)

Como se vê, para a ensaísta, a “presença”, a “voz”, que subjazem e se articulam no texto, indicando o “ângulo de preferência” do autor desse mesmo texto, trazem-no à tona, descobrem-no, singularizam-no. Dessa maneira, “autor implícito” implicaria pensar-se, de imediato, em narrativa monofônica. Em outra passagem de seu ensaio, Roxana Herrera Álvarez acrescenta:

O autor implícito, o outro eu do criador que se ficcionaliza existe como entidade capaz de singularizar um dado conjunto de obras pertencente a um mesmo criador, por isso, talvez possamos falar de sua subsistência e consistência enquanto organizador. (...) o termo autor implícito apresenta a vantagem de permitir enxergar o texto como produto de uma voz. E essa voz, entenda-se, jamais poderia ecoar fora do texto, porque é dela que se emana. (*Idem*, p. 154)

Assim, no caso de *O Alienista*, há um princípio organizador, há marcas, que nos apontam para Machado de Assis, seja em virtude da preferência pela concisão, haja vista os três exemplos citados, seja pela “retórica do subentendido”, para retomar a expressão de José Guilherme Merquior, seja ainda por outros procedimentos estilísticos.

Outro fundamento teórico a nortear a idéia da posição do narrador vem de Gérard Genette (1979), que estuda o tempo discursivo, analisando-o quanto ao modo, ou seja, a maneira pela qual o narrador regula a quantidade e a qualidade as informações narrativas. Ainda em Genette, há critérios que permitem ao leitor captar significações e compreensões do texto pelo





entrecruzamento das várias vozes, como o discurso do narrador e o das personagens, por exemplo. Na verdade, podem-se cruzar, numa narrativa, como em *O alienista*, três discursos, o do autor (implícito), o do(s) narrador(es) e o da(s) personagem(ns). Assim, no discurso do narrador anônimo, que, frise-se, vale-se de outros narradores – os cronistas – e no do herói ou anti-herói, dos adjuvantes e oponentes e personagens secundárias, o autor não está morto, como queria Roland Barthes, mas sim ressuscitado, e pelo leitor, o quarto elemento da cadeia da comunicação narrativa. Não à toa, o narrador se dirige ao narratário,

E agora prepare-se o leitor para o mesmo assombro em que ficou vila, ao saber um dia que os loucos da Casa Verde iam todos ser postos na rua. (p.280)

ou narratários,

Agora se imaginais que o alienista ficou radiante de ver sair o último hóspede da Casa Verde, mostrais com isso que ainda não conheceis o nosso homem. (p.286)

Ainda quanto ao “autor implícito” e às vozes narrativas, convém explicitar o dialogismo e a polifonia bakhtinianos, pensando-se sempre em *O Alienista*. Para Irene A. Machado (1995),

(...)o dialogismo celebra a alteridade, a necessidade do outro, tornando-se, deste modo, a categoria primordial através da qual Bakhtin pensará as relações culturais. Todos os fenômenos analisados à luz do dialogismo são considerados em sua bidirecionalidade, a orientação de um EU para o OUTRO.(p. 310)

Percebe-se, nessa passagem, como é fundamental na polifonia de Bakhtin, para a pesquisadora brasileira, o princípio dialético, princípio esse que está presente na “história sombria” das relações do Dr. Simão Bacamarte (Eu) com a Vila de Itaguaí (Outro), assim como em todo texto machadiano, em prosa (“Teoria do medalhão”) ou verso (“Circulo vicioso”).

No que se refere à polifonia que, obviamente, tem tudo a ver com o dialogismo, Bakhtin conceitua:

A essência da polifonia consiste justamente no fato de que as vozes permanecem independentes e, como tais, combinam-se numa unidade de ordem superior à da homofonia (...) Poder-se-ia dizer assim; a vontade artística da polifonia é a vontade da combinação de muitas vontades, a vontade do acontecimento. (1997, p. 21)

Quer dizer, o ensaísta considera a personagem um ser tomando consciência de si e do mundo, executando as próprias idéias, e não as idéias do autor. Ora, sendo assim, poder-se-ia, sem risco, referir-se a *O Alienista* como uma narrativa polifônica, uma vez que tanto o alienista quanto a esposa deste, o boticário, o barbeiro, o vigário e demais personagens têm competência ideológica e independência. Razão por que ora convergem, ora divergem entre si e em relação ao que diz o narrador. Essa natureza dialética e antinômica entre “autor implícito”, narrador e personagens é precisamente o que suscita a ambigüidade para o leitor machadiano. Por exemplo, no último capítulo de *O Alienista*, há índices (antes que informantes), para usar-se a terminologia de Barthes (1973), em oposição, que merecem comentário:

Dizia isto, passeando ao longo da vasta sala, onde fulgarava a mais rica biblioteca dos domínios ultramarinos de Sua Majestade. Um amplo chambre de damasco, preso à cintura por um cordão de seda, com borlas de ouro (presente de uma Universidade) envolvia o corpo majestoso e austero do ilustre alienista. A cabeleira cobria-lhe uma extensa e nobre calva adquirida nas cogitações quotidianas da ciência. Os pés, não delgados e femininos, não graúdos e mariolas, mas proporcionados ao vulto, eram resguardados por um par de sapatos cujas fivelas não passavam de simples e modesto latão. Vede a diferença: - Só se lhe notava luxo naquilo que era de origem científica, o que propriamente vinha dele trazia a cor da moderação e da singeleza, virtude tão ajustadas à pessoa de um sábio. (p. 286)

Trata-se, como se vê, de uma descrição do ambiente e do vestuário do alienista, levada a efeito pelo narrador, que os traduz, que os decifra, para o leitor. Para tal, recorre-se à “intrusão do narrador”, procedimento sabidamente do gosto de Machado de Assis. Ora, identificada a “intrusão”, faz-se necessário



compreender, num segundo momento, como e por que ela se dá no texto. Por outras palavras, partir-se da heurística para a hermenêutica. Antes, considere-se o que pensam Carlos Reis e Ana Cristina Lopes (1988) acerca da “intrusão do narrador”:

Como se compreendem, as *intrusões do narrador* diferem no seu grau de desenvoltura e nas conseqüências semio-estilísticas que provocam, antes de mais em função da situação narrativa em que ocorrem.

(...) No caso do *narrador heterodieético* (v.) a questão torna-se um pouco mais complexa, porque afetada pelo condicionamento da *focalização* (v.) adotada; as *intrusões* de um narrador em *focalização onisciente* responsabilizam-no, em princípio, a ele próprio e tendem a configurar uma genérica atitude emotiva e ideológica em relação à história e aos seus elementos constitutivos. Mas um narrador que privilegia a *focalização interna* de uma personagem projeta nas *intrusões* representadas a posição emotiva dessa personagem (...) (p. 260)

Parece não haver dúvida de que, em *O Alienista*, o narrador é heterodieético, quer dizer, a voz anônima que narra, sempre se escorando nos cronistas (mas às vezes até questionando-os), não participa da história que narra. Repare-se, a propósito, que ele, o narrador, está em outro tempo e em outro espaço, distintos daqueles da história que narra. Os dêiticos o provam logo na abertura da narrativa:

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que *em tempos remotos* vivera *ali* um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. (p.253) (grifos nossos)

Mais: o narrador adota a focalização onisciente, o que, conforme os citados ensaístas portugueses, torna a narrativa mais complexa, porque por ela (a focalização) se tende a confundir o leitor desatento, para quem a voz narrativa parece ser a das personagens. E, efetivamente, muitas das vezes não parece, é, como nesta passagem:

O Padre Lopes confessou que não imaginara a existência de tantos de tantos doudos no mundo, e menos ainda o inexplicável de

alguns casos. Um, por exemplo, um rapaz bronco e vilão, que todos os dias, depois do almoço, fazia regularmente um discurso acadêmico, ornado de tropos, de antíteses, de apóstrofes, com seus recamos de grego e latim, e suas borlas de Cícero, Apuleio e Tertuliano. O vigário não queria acabar de crer. *Quê! um rapaz que ele vira, três meses antes, jogando peteca na rua!* (p.256) (itálicos nossos)

Essa, na verdade, é mais uma das manobras machadianas pelas quais se instauram a ambigüidade, “a forma contraditória de apreensão do mundo” de que fala Francisco Achcar (1999), as verdades, e não só aí na “crônica de Itaguaí”, mas também em outros textos de Machado de Assis. Nesse sentido, ele (des)constrói a praxe realista/naturalista, na medida em que vai de encontro a ela, que exigia e pregava a impassibilidade do narrador. Ora, o que chama a atenção em *O Alienista*, no que diz respeito ao narrador, são precisamente as marcas passionais e ideológicas deste, as quais às vezes confundem-se com as do autor (implícito) e a das personagens. Dessa maneira é que, voltando à descrição de *Plus ultra!* citada linhas atrás, quando se tem a “intrusão do narrador”, tem-se também uma tática que visa à manipulação do leitor, por meio da qual o narrador cria mais dúvidas para o narratário, sobre as reais intenções do alienista. Por isso, é importante considerar o modo verbal, “Vede”, que remete à função conativa ou apelativa de Roman Jakobson, com a qual se inicia a *intrusão*. Como se percebe, o narrador parece tomar partido favorável ao médico, por meio de um discurso avaliativo, “A cabeleira cobria-lhe uma *extensa e nobre calva adquirida nas cogitações quotidianas da ciência*” (...) “Os pés, *não delgados e não femininos, não graúdos e mariolas*” (...) “o que propriamente vinha dele trazia a *cor da moderação e da singeleza, virtudes tão ajustadas à pessoa de um sábio.*” E, portanto, altamente sugestivo para o leitor. (grifos nossos)

Porém, a própria voz do protagonista vem desautorizar a voz do narrador e pôr em dúvida suas teorias psicológicas, logo à frente:

– Mas deveras estariam eles doudos, e foram curados por mim, – ou o que pareceu cura, não foi mais do que a descoberta do perfeito desequilíbrio do cérebro? (p.287)

Vê-se, assim, que as contradições do narrador e do protagonista (bem como de outras personagens), antes de ser um defeito, são uma virtude, em



razão de corresponder no plano da expressão o “caráter dilemático” do plano do conteúdo. Caso fosse estabelecida uma ruptura em relação ao que é dito ou construído das personagens pelo narrador ou mesmo sugerido pelo autor “implícito” e se se considerassem apenas os discursos das personagens, ainda assim a elaboração das mesmas suscitaria um alto grau de ambigüidade. Mas esta, frise-se, sempre esteve sobre o controle de Machado de Assis, conforme um machadiano inglês.<sup>5</sup>

## II.2. A Estrutura Quiasmática

Se a voz narrativa que conduz grande parte da história do Dr. Simão Bacamarte, a do narrador anônimo, é a que, sem dúvida, mais se ouve, outras vozes há que se cruzam com a do narrador e que não podem ser desprezadas. E esse cruzamento de vozes, que implica uma estrutura quiasmática da narrativa, tem a ver com as intenções semiótico-estilísticas de Machado de Assis.

Considerem-se a abertura e o desfecho de *O Alienista*:

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia. (p.253);

Mas o ilustre médico, com os olhos acesos da convicção científica, trancou os ouvidos à saudade da mulher, e brandamente a repeliu. Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada. Alguns chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco, além dele, em Itaguaí; mas esta opinião, fundada em um boato que correu desde que o alienista expirou, não tem outra prova, senão o boato; e boato duvidoso, pois é atribuído ao Padre Lopes, que com tanto fogo realçara

<sup>5</sup> GLEDSON, John. “O espelho irônico de Machado” IN Revista Cult. São Paulo: Lemos, 24, julho, 1999, p. 49.



as qualidades do grande homem. Seja como for, efetuou-se o enterro com muita pompa e rara solenidade. (p.288)

Neles o que chama a atenção, no que toca à enunciação, é que há uma voz narrativa que remete a outras vozes narrativas, “As crônicas da vila de Itaguaí dizem (...)”, “Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses (...)”. (grifos nossos) Quer dizer, os narradores cronistas e o outro, que recorre a eles, são anônimos. A princípio, pode-se pensar que se trata de uma tática conhecida, muito usada na prosa de ficção romântica, pela qual se procura legitimar, imprimir um cunho de veracidade ao que se vai narrar. José de Alencar se valeu dessa tática em alguns romances, como *Lucíola* (1862). Em Machado de Assis essa tática é problematizada. Os narradores machadianos recorrem muitas vezes a um outro narrador que lhes dá as histórias. Isso é muito freqüente nos contos (*A Igreja do Diabo; Casa Velha; Frei Simão, e outros*). Há quem chame esse procedimento de “dupla mediação”<sup>6</sup>. Por meio dela, cruzam-se pontos de vista, como em *O Alienista*, a partir do quiasmo, cronistas x narrador, narrador x cronistas, e que vem confirmar o que se tem dito aqui sobre a natureza dialética dos textos de Machado de Assis. A “dupla mediação”, assim, em *O Alienista*, não serve para ratificar, mas sim para retificar verdades, para revelar contrastes. Portanto, o criador do Dr. Simão Bacamarte (des)constrói, põe em dúvida a autoridade do narrador onisciente.

A voz dos narradores cronistas (crônicas), os quais, como se viu, são a fonte a que recorre o narrador para narrar a “sombria história” da vila de Itaguaí, é filtrada pelo narrador anônimo. Assim, das onze referências que este faz a eles, infere-se às vezes implicitamente, às vezes explicitamente, a posição (espaço-temporal, afetiva, psicológica e ideológica) do narrador cruzando-se com a dos cronistas, evidentemente “históricas” e míticas.

Na primeira referência, na abertura do texto,

As crônicas de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da

<sup>6</sup> Expressão utilizada pelo Prof. Dr. Antônio Manuel dos Santos Silva em suas aulas do curso de pós-graduação





terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas.  
(p.253)

a voz “histórica” (“crônicas de Itaguaí”) e mítica (“tempos remotos”) dos narradores cronistas cruza-se com a do narrador que se posiciona em outro espaço distante, “ali”, e em outro tempo, o do discurso.

Na segunda referência, já no terceiro capítulo,

Não dizem as crônicas se D. Evarista brandiu aquela arma  
[\*os olhos] com o perverso intuito de degolar de uma vez a ciência,  
ou, pelo menos, decepar-lhe as mãos; mas a conjectura é verossímil.  
Em todo caso, o alienista não lhe atribuiu outra intenção. (p.258)[\*  
inserção nossa]

o narrador põe em dúvida a voz da “História”, intervindo, portanto, na medida em que opina, ao mesmo tempo em que reproduz o pensamento do protagonista.

A terceira referência, no quarto capítulo,

E dizem as crônicas que algumas pessoas afirmavam ter visto  
cascavéis dançando no peito do vereador; afirmação perfeitamente  
falsa, mas só devida à absoluta confiança no sistema. Verdade,  
verdade; nem todas as instituições do antigo regime mereciam o  
desprezo do nosso século. (p.261)

é bem significativa: tem-se aí uma explícita “intrusão do narrador”, na qual este ironiza, não o fato em si referido nas crônicas, mas sim as instituições que são contemporâneas dele, narrador.

Na quarta referência, no quinto capítulo,

O momento em que D. Evarista pôs os olhos na pessoa do  
marido é considerado pelos cronistas do tempo como um dos mais  
sublimes da história moral dos homens, e isto pelo contraste das  
duas naturezas, ambas extremas, ambas egrégias. (p.266)

o narrador corrobora a narração avaliativa dos cronistas, chamando a atenção para o que há de contraditório entre o Dr. Simão Bacamarte e D. Evarista.

Já na quinta referência, no sétimo capítulo,

O momento foi indescritível. A multidão urrou furiosa; alguns, trepando às janelas das casas ou correndo pela rua fora, conseguiram escapar; mas a maioria ficou, bufando de cólera, indignada, animada pela exortação do barbeiro. A derrota dos Canjicas estava iminente, quando um terço dos dragões – qualquer que fosse o motivo, as crônicas não o declaram – passou subitamente para o lado da rebelião. (p.273),

o narrador, implicitamente, ironiza a narração “histórica”, como que pondo em dúvida as lacunas da “História”, as omissões dos cronistas a respeito dos verdadeiros motivos que levaram as forças legais a se entregarem ao barbeiro Porfírio.

Na sexta referência, no décimo capítulo,

Duas horas depois caía Porfírio ignominiosamente, e João Pina assumia a difícil tarefa do governo. Como achasse nas gavetas as minutas da proclamação, da exposição ao vice-rei e de outros atos inaugurais do governo anterior, deu-se pressa em os fazer copiar e expedir; acrescentam os cronistas, e aliás subentende-se, que ele lhes mudou os nomes, e onde o outro barbeiro falara de uma câmara corrupta, falou este de um ‘um intruso eivado das más doutrinas francesas, e contrário aos sacrossantos interesses de Sua Majestade’ etc. (p.278),

cruzam-se a voz dos cronistas, a do narrador, que intervém na narrativa, comentando sobre a conduta do barbeiro João Pina, e ainda voz avaliativa deste último em relação ao rival, Porfírio.

A sétima referência,

Alguns cronistas crêem que Simão Bacamarte nem sempre procedia com lisura, e citam em abono da afirmação (que não sei se pode ser aceita) o fato de ter alcançado da Câmara uma postura autorizando o uso de um anel de prata no dedo polegar da mão



esquerda, a toda a pessoa que, sem outra prova documental ou tradicional, declarasse ter nas veias duas ou três onças de sangue godo. (p.279),

traz a voz de “alguns cronistas”, o que colabora para a incerteza do que se diz, é como que desautorizada pela do narrador, em frase parentética.

Na oitava referência, ainda no décimo capítulo,

Dizem esses cronistas que o fim secreto da insinuação à Câmara foi enriquecer um ourives, amigo e compadre dele; mas, conquanto seja certo que o ourives viu prosperar o negócio depois da nova ordenação municipal, não o é menos que essa postura deu à Casa Verde uma multidão de inquilinos; pelo que, não se pode definir, sem temeridade, o verdadeiro fim do ilustre médico. (p.279),

o narrador, novamente, questiona a voz das crônicas, isto é, da “História”, sempre a partir da contra-argumentação, contradição, da relativização, o que propicia a ambigüidade quanto à personagem Simão Bacamarte.

Na nona referência, no penúltimo capítulo,

Dizem as crônicas que D. Evarista a princípio tivera idéia de separar-se do consorte, mas a dor de perder a companhia de tão grande homem venceu qualquer ressentimento de amor-próprio, e o casal veio a ser ainda mais feliz do que antes. (p.281),

o narrador, escudando-se no que dizem as suas fontes, a respeito dos sentimentos e das intenções de D. Evarista, limita-se a reproduzir a voz dos cronistas.

Na penúltima referência, já no décimo terceiro capítulo,

Era a vez da terapêutica. Simão Bacamarte, ativo e sagaz em descobrir enfermos, excedeu-se ainda na diligência e penetração com que principiou a tratá-los. Neste ponto todos os cronistas estão de pleno acordo: o ilustre alienista fez curas pasmosas, que excitaram a mais viva admiração em Itaguaí. (p.285)

a voz do narrador confirma a dos cronistas, voz esta agora absolutizada, ou seja, traça-se de um retrato positivo do Dr. Simão Bacamarte, e que vem, assim, problematizar a significação, no tocante às verdadeiras intenções do alienista.

Finalmente, na última referência, fechando o texto,

Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada. Alguns chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco, além dele, em Itaguaí; mas esta opinião, fundada em um boato que correu desde que o alienista expirou, não tem outra prova, senão o boato; e boato duvidoso, pois é atribuído ao Padre Lopes, que com tanto fogo realçara as qualidades do grande homem. Seja como for, efetuou-se o enterro com muita pompa e rara solenidade. (p.288),

o narrador desautoriza, (des)constrói a voz dos cronistas, primeiro relativizando-a, uma vez mais, (“Alguns chegam ao ponto...”); depois, comentando-a e considerando-a “boato duvidoso” atribuído ao Padre Lopes; este, por fim, é objeto da ironia do narrador que o retrata, novamente, como um dissimulador.

Como se percebe pelas citações, as vozes dos narradores cronistas, do narrador anônimo e das personagens cruzam-se freqüentemente, do que se pode inferir, em primeiro lugar, o projeto machadiano de se valer do subentendido, do interdito; em segundo lugar, como causa ou consequência, o que Ronaldo de Melo Souza<sup>7</sup> chama de “multiperspectivismo narrativo”.

<sup>7</sup> Apud Manoel da Costa Pinto IN Revista Cult, São Paulo: Lemos, 24, julho, 1999 p.58





### III. A (DES)CONSTRUÇÃO DOS DISCURSOS

Antes de qualquer comentário sobre a (des)construção no tocante ao discurso em *O alienista*, convém especificar-se a acepção que se dá a “discurso”, uma vez que, conforme Carlos Reis e Ana Cristina Lopes (1988),

O conceito de *discurso* é um conceito plural, utilizado quer no âmbito dos estudos lingüísticos, quer no âmbito dos estudos literários. (p. 27)

Neste capítulo, *discurso* deverá ser entendido como um procedimento mais literário que lingüístico, bem específico, como se verá a seguir, e que vai confirmar, em outro nível de análise, a existência do problema que suscitou esta dissertação, ou seja, a (des)construção narrativa de Machado de Assis em *O Alienista*.

Sem dúvida, um procedimento característico do estilo machadiano é o que diz respeito à subversão de temas e formas cristalizados e, portanto, desgastados, ao longo do tempo, perdendo sua força expressiva. Machado de Assis, com sua reconhecida ironia, vai, assim, por um lado, de encontro a verdades absolutas, oficiais, tabus, no plano do conteúdo; por outro, vai de encontro também a clichês, frases-feitas e lugares-comuns, no plano da expressão. Para tanto, recorrerá a um efeito de linguagem, melhor de metalinguagem, pelo qual um discurso se refere a outro(s), dialoga com outro(s), mas reparando-o(s), retificando-o(s), ridicularizando-o(s). Trata-se do que se convencionou chamar intertextualidade e, mais especificamente, de paródia. Affonso Romano de Sant’Anna (1985), citando Tynianov, distingue estilização de paródia:

(...) a estilização está próxima da paródia. Uma e outra vivem de uma vida dupla: além da obra há um segundo plano estilizado ou parodiado. Mas, na paródia, os dois planos devem ser necessariamente discordantes, deslocados: a paródia de uma tragédia será uma comédia (não importa se exagerando o trágico ou substituindo cada um de seus elementos pelo cômico); a paródia de uma comédia pode ser uma tragédia. Mas, quando há a estilização, não há mais discordância, e, sim, ao contrário, concordância dos dois planos: o do estilizando e o do estilizado, que aparece através deste. Finalmente, da estilização à paródia não há mais que um passo; quando a estilização tem uma motivação cômica ou é fortemente marcada, se converte em paródia. (p. 13-14)

Como se vê, o que caracteriza a paródia é a retificação do texto que lhe serviu de fonte pela intervenção do elemento cômico. Assim, a paródia e o pastiche estariam de um lado; a paráfrase e a estilização, de outro. Nestes, há mais ratificação que retificação. Há, portanto, na paródia e no pastiche, uma atitude menos respeitosa, uma atitude (des)construtivista, na medida em que conteúdos e expressões cristalizados, canônicos, são subvertidos de alguma forma.

Outro ponto que merece esclarecimento é o que se refere ao que se vem chamando (des)construção e (des)construtivismo ou “desconstrucionismo”, como prefere Orlando Pires (1989). Conforme este ensaísta,

Assim, a abordagem *desconstrucionista* de um texto consagrado não será feita visando a realçar os seus predicados, mas sim, ‘para mostrar o que ele dissimula ou interdita. (p. 130)

Quer dizer, a (des)construção, o (des)construtivismo implicam pôr a descoberto os mascaramentos, os interditos, o que o autor, o narrador e as personagens dissimulam no texto e que, portanto, exigem um leitor atento. Desse modo, (des)construção, (des)construtivismo ou “construcionismo”, que, evidentemente, têm tudo a ver com Jacques Derrida, têm mais ainda com o conto *O Alienista*, de Machado de Assis.

### III.1. A (Des)Construção do Discurso Científico

Tematicamente, a ciência ocupa uma posição de relevo em *O Alienista*, uma vez que desde o início o Dr. Simão Bacamarte é apresentado como um médico que coloca a Ciência acima de tudo, até mesmo acima de um pedido do rei:

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a Universidade ou em Lisboa, expedido os negócios da monarquia.

- A ciência, disse ele a sua majestade, é o meu emprego único, Itaguaí é o meu universo. (p.253)



Coimbra e Pádua são considerados grandes centros de estudos, assim, o projeto do “maior dos médicos” de afastar-se desses centros para estabelecer-se na pequena Vila de Itaguaí causa estranhamento. Entendendo-se a ciência como um macrocosmo, o desejo de inseri-la num universo tão limitado como Itaguaí é, no mínimo, excêntrico.

A contraposição do sumário com o discurso do protagonista revela uma outra instância da narrativa: o “autor implícito”, que aponta para as questões do estranhamento da escolha – Itaguaí; assim como aponta para um questionamento do nível ficcional, estabelecendo inferências sobre o fato de ser ou não produtivo o afastamento da intelectualidade européia e a dedicação ao universo nacional tão limitado e, ainda, sobre a possibilidade de incorporar a cultura e o conhecimento europeus à realidade nacional.

No nível diegético a escolha “excêntrica” feita pelo protagonista em contraposição à idéia de excelência que lhe confere o sumário levanta uma dúvida em relação aos procedimentos desse médico, atribuindo-lhe certa ambigüidade.

Essa ambigüidade toma proporção, porque uma vez estabelecido em Itaguaí e decidido a se casar, o médico escolhe a noiva pelo método científico, transportando conceitos próprios do seu contexto profissional para o contexto amoroso, deixando transparecer uma incoerência entre a teoria e a prática da medicina.

Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora e não bonita, nem simpática. Um dos tios dele caçador de pacas perante o eterno, e não menos franco admirou-se de semelhante escolha e disse-lhe Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, são e inteligentes. (p. 253-254)

Apesar de o Dr. Simão Bacamarte ter sido apresentado pelo narrador como “o maior dos médicos”, a passagem anterior parece denunciar uma verdade que o narrador, por se valer de construções eufemísticas, como no caso da apresentação de D. Evarista, parece dissimular. Nesse sentido, há que se considerar como a aproximação e o distanciamento do foco narrativo em relação ao protagonista permite vislumbrar a construção de uma realidade multifacetada, nem sempre coerente, e de difícil apreensão, uma vez que se apresentam verdades díspares: o Dr. Simão Bacamarte é realmente um médico excepcional, considerando-

se o discurso construído com maior distanciamento de focalização; ou há uma imagem de excelência para o médico, que entra em conflito quando o Dr. Simão Bacamarte toma posse da voz e se comunica de forma mais direta com o leitor. Além da ambigüidade do protagonista, essa estratégia das vozes dissonantes do narrador e do protagonista deixa entrever a ambigüidade da construção do discurso ficcional.

Essa dissonância permite a instauração do “autor implícito”, que incita, nos bastidores do texto, o leitor a notar a suspensão do caráter verossímil da história e a instituição do acordo ficcional. Assim como a inferência de análises, como considerar que, à medida que se mostra o absurdo da tentativa de colocar a ciência a serviço de qualquer situação da condição humana, faz-se uma crítica ao cientificismo que se estabelecia na segunda metade do século XIX, ancorado nas correntes filosóficas, especialmente o Positivismo, e nas literárias, o Naturalismo. Denuncia-se, assim, o incabível de se subordinar as questões humanas, as delicadezas do espírito, a um laboratório científico.

O Positivismo se originou do “cientificismo” isto é, da crença no poder exclusivo e absoluto da razão humana para conhecer a realidade e traduzi-la sob a forma de leis naturais. Essas leis seriam a base da regulamentação da vida e do homem, da natureza como um todo e do próprio universo. Seu conhecimento pretendia substituir as explicações teológicas filosóficas e de senso comum por meio das quais até então o homem explicava a realidade. (Costa, 1997, p. 46 - 47)

Parafraseando Augusto Comte – o pai do Positivismo – a única realidade existente é a realidade física, o que se pode atingir cientificamente. O conhecimento das leis positivas da natureza permite prever o fenômeno que se seguirá e, dessa forma, o segundo fenômeno poderá ser modificado.

*O Alienista* parece parodiar esses conceitos, no que diz respeito, por exemplo, à previsibilidade possível a partir do conhecimento das leis naturais. O fato é que as observações e o conhecimento científico da natureza física de D. Evarista falharam, o previsível não aconteceu, pois “D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos, nem mofinos”. (p.254)

Assim, o fenômeno que ocorreu foi oposto ao previsível. Esse fato em contraposição ao discurso do narrador produz a ironia, visto que o narrador afirma: “A índole natural da ciência é a longanimidade”. (p.254)





Observa-se, nesse período, a “intrusão do narrador”, que se torna ambígua, seja pelo tom de máxima, seja pelo uso do presente atemporal e da própria situação de afirmar algo sobre a ciência como um conhecedor, adotando o estilo discursivo do protagonista, diplomaticamente “protegendo” o médico e afirmando que a ciência é a realização persistente de experiências. A ironia se intensifica quando, ao tentar modificar o “próximo fenômeno”, ocorre novamente a falha, uma vez que o médico, a partir de muitos estudos, designou à mulher um regime, que ela não executou.

Porém, desta vez, não é possível afirmar-se se a falha é do cientista ou de D. Evarista, que se recusou a fazer o regime proposto pelo Dr. Simão Bacamarte, como atesta a seguinte passagem:

A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí não atendeu as admoestações do esposo, e à sua resistência – explicável, mas inqualificável, - devemos a total extinção da dinastia dos Bacamarte. (p.254)

Nessa passagem, o narrador não se mantém imparcial, sua sugestão é de que o projeto do Dr. Simão Bacamarte de ter filhos não teve resultado positivo por causa de D. Evarista, mesmo desconhecendo o resultado do projeto, caso ela adotasse o método terapêutico indicado pelo alienista.

A intrusão “parcial” do narrador pode ser inferida do “autor implícito”, que se vislumbra no momento em que a disparidade do discurso do narrador em relação ao que ele próprio propõe como verdade é ruída. Essa instância que se manifesta – “o autor implícito” – aponta para a questão da credibilidade abalada do discurso do narrador, assim como aponta para o fato de que a rigidez cultural, os hábitos fechados da cultura local não permitem que sejam incorporados os conhecimentos e hábitos estrangeiros, mostrando a tentativa infrutífera de europeizar os costumes nacionais. Esse conceito pode ser transposto para a instância literária numa espécie de contraposição do Realismo europeu e do Realismo machadiano.

O Realismo europeu foi profundamente influenciado pelo cientificismo patente do período. Assim, a arte realista procurava se fixar na realidade do indivíduo em sociedade, focalizando a estrutura social, seus interesses e conflitos para analisá-los. Tomavam-se os aspectos sociais como uma espécie de fotografia, de documento da verdade, colocando o

narrador numa posição de imparcialidade dos fatos, para que eles tivessem maior credibilidade.

Afunilando-se o Realismo brasileiro e considerando-o somente em relação a Machado de Assis, verificar-se-á que o autor de *O Alienista* não se mantém fiel ao molde europeu, ou melhor, que ele só é fiel aos próprios moldes. É essa também a opinião de Pereira (1991)

(...) Machado de Assis, ao libertar-se do romantismo libertou-se ao mesmo tempo de quaisquer vínculos ou preocupações de escola. Nem romântico, nem parnasiano, nem naturalista nem realista, conforme já o notava Labieno. Todavia, liberto de esquemas ou fórmulas de escolas, inclusive do “realismo”, enquanto escola, foi Machado de Assis um escritor propriamente realista, no sentido lato e independente da palavra (...) porque o senso de realismo era nele inato, uma exigência íntima, uma condição sem a qual não poderia jamais alcançar o equilíbrio necessário à plena expansão do seu gênio. Era o realismo puro e simples, o genuíno realismo da realidade humana e social, o realismo a que se referia Engels, e que se expressa não só pela exatidão dos pormenores, mas também pela representação exata dos caracteres típicos em circunstâncias típicas. (p.94)

O que se observa, portanto, em *O Alienista*, é uma crítica velada ao Realismo e, sobretudo, ao Naturalismo europeus, por meio da ironia e da paródia e, ao mesmo tempo, da construção de uma obra literária realista no sentido que estabelece a passagem anterior.

Assim, a construção do discurso ficcional, especialmente por meio das disparidades de vozes, de informações e pela instituição do “autor implícito”, desmonta o discurso científico presente na narrativa.

Essa (des)construção do discurso científico prossegue na narrativa por meio de uma estrutura quiasmática que (des)constrói “verdades” simultaneamente, como se pode observar pelas diversas classificações da loucura que o protagonista traça “cientificamente”.

Frustrado com a impossibilidade de realizar seu primeiro projeto – de continuidade de sua dinastia –, o Dr. Simão Bacamarte atira-se a novos estudos científicos e interessa-se pelo recanto psíquico; quer dedicar-se às pesquisas das doenças da alma, mais propriamente à loucura. Para essas novas pesquisas, o alienista constrói um manicômio em Itaguaí, que vai lhe servir de laboratório para as suas teorias.



Sobre a construção do manicômio, o narrador novamente se posiciona, desta vez sugerindo que já não é mais partidário das atitudes do Dr. Simão Bacamarte, iniciando uma mobilidade de postura, posicionando-se com impassibilidade, ao relatar opiniões dos itaguaienses: “A idéia de meter os loucos na mesma casa, vivendo em comum, pareceu em si mesma um sintoma de demência”. (p.254)

Se o narrador conhece o fato como um historiador que pesquisou nas crônicas, ele sabe o fato inteiro, mas em certos momentos presentifica-os e dá índices do processo de inventividade. Sua opinião móvel em relação ao médico, assim como sua postura de distanciamento dos fatos revelam a controvérsia.

O sim e o não, o contraste e o confronto, a dúvida e a interrogação o pró e o contra de todas as coisas, tudo isso que constitui ingrediente vário e palpitante da dialogação interior e que forma a própria base de toda a dialética machadiana, tudo isso está presente em cada uma de suas páginas de ficcionista e de crônicas. Seus personagens estão sempre discutindo ora entre si, ora com o autor, e seus leitores são igualmente envolvidos na geral e íntima controvérsia.

Desse ponto de vista poderíamos talvez concluir que o exercício intensivo da “controvérsia interior” é que principalmente levava Machado de Assis a fugir da “controvérsia exterior”. Bastava-lhe aquela, sobretudo porque de substância infinitamente mais viva e fascinante. (Pereira, 1991. p.86)

Entretanto, em *O Alienista*, observam-se as duas instâncias, a exterior e a interior – como podem ser notadas nos próprios conceitos de loucura que o Dr. Simão Bacamarte estabeleceu: num primeiro momento, levou para o manicômio indivíduos que apresentavam um desvio em relação ao que a aparência social exigia; alargando seu campo de observação, compôs uma teoria mais abrangente da loucura estabelecendo um conceito que considerava alienado todo aquele que não possuía as faculdades mentais em equilíbrio, recolhendo, assim, à Casa Verde um quarto de um quinto da população de Itaguaí. Baseado na questão quantitativa, já que estando a maioria da população “desequilibrada”, para o médico, o próprio desequilíbrio se constituía na normalidade e, dessa forma, louco seria aquele que estivesse com as faculdades mentais em equilíbrio, e nesse novo conceito, poucos foram recolhidos ao sanatório. Abordados para perder o equilíbrio, todos se corromperam, passando para a “ordem normal”, que era exatamente o desequilíbrio. Nesse ponto, o Dr. Simão Bacamarte considerou, finalmente, que louco seria aquele cujas faculdades mentais

estivessem em perfeito equilíbrio e que não se deixasse corromper ou desequilibrar de nenhuma maneira, constituindo, assim, a perfeição. Como consequência dessa última doutrina do alienista, o único interno a ser recolhido na Casa Verde será, sintomaticamente, ele próprio.

Dentro da teoria evolucionista proposta pelo Positivismo de Comte, e mais tarde desenvolvida por Darwin e Spencer, tem-se que a evolução por causalidade é concebida por meio de uma relação mecânica de seres e de forças, mediante a luta pela existência, as quais determinam uma seleção natural, uma eliminação do organismo mais imperfeito, sobrevivendo o mais perfeito.

A evolução teórica do alienista parece percorrer essa linha científica, mas, ao encontrar a perfeição, faz o caminho oposto, visto que o perfeito se aniquila e, além do mais, a própria concepção de perfeição é equacionada pela ambigüidade. O Dr. Simão Bacamarte, considerando-se perfeito, quis checar sua teoria, recorrendo a personagens que já tinham sua credibilidade abalada, quer pelas atitudes que desempenharam na narrativa, quer pela dissonância das vozes que muitas vezes lhes descortinava a essência, muitas vezes contraditória, quer, ainda, pelo próprio medo ao cientista do qual haviam sido vítimas, quando recolhidas, a despeito de suas vontades, ao manicômio.

Assim, a controvérsia gerada pela ambigüidade que se vai tecendo durante toda a narrativa (des)constrói o discurso científico, equacionando-lhe a razão, a prova final que se deveria estabelecer. O que se percebe é uma estrutura de circularidade, uma vez que no início, “louco” era aquela pessoa que diferenciava sensivelmente da “ordem comum”, e no final das experiências, viu-se o Dr. Simão Bacamarte como um dos que diferiam sensivelmente de todos. Pode-se observar a mobilidade pela aplicação dos “métodos científicos” do Dr. Simão Bacamarte, pois o conhecimento das leis naturais “pretendia substituir as explicações teológicas, filosóficas e de senso comum por meio das quais até então o homem explicava a realidade”. (Costa, 1997, p. 46-47)

O Dr. Simão adotou tais “métodos”, como no Capítulo II, *Torrente de loucos*, em que a explicação teológica, ou seja, a explicação do Padre Lopes para o caso de um rapaz que se utilizava de um discurso acadêmico, com citações de autores clássicos que o alienista considerou como sintoma de loucura:

— Quanto a mim, tornou o vigário. só se pode explicar pela confusão das línguas na torre de Babel, segundo nos conta a Escritura; provavelmente,



confundidas antigamente as línguas, é fácil trocá-las agora, desde que a razão não trabalhe...

- Essa pode ser, com efeito a explicação divina do fenômeno, concordou o alienista, depois de refletir um instante, mas não é impossível que haja também alguma razão humana, e puramente científica, e disso trato ... (p.256)

O cientista não se satisfaz com a explicação teológica, desautorizando assim o discurso religioso.

Outro exemplo tem-se quando uma senhora explica ao alienista, pela utilização do senso comum, o comportamento de seu primo Costa, que recebeu uma herança e passou a distribuí-la sem usura em empréstimos que não lhe eram pagos. Segundo a senhora, a explicação para o que o Dr. Simão Bacamarte considerava desvio era a seguinte:

... Eu lhe digo como o negócio se passou. O defunto meu tio (o que deixou a herança para o Costa) não era mau homem, mas quando estava furioso era capaz de nem tirar o chapéu ao santíssimo. Ora, um dia, pouco tempo antes de morrer, descobriu que um escravo lhe roubara um boi; imagine, como ficou. A cara era um pimentão; todo ele tremia, aboca escumava lembra-me como se fosse hoje. Então um homem feio, cabeludo, em mangas de camisa, chegou-se a ele e pediu água. Meu tio (Deus lhe fale n'alma) respondeu que fosse beber ao inferno. O homem olhou para ele; abriu a mão em ar de ameaça, e rogou esta praga: "Todo o seu dinheiro não há de durar mais de sete anos e um dia, tão certo como isto ser o sino Salomão! E mostrou o sino Salomão impresso no braço. Foi isso meu senhor; foi esta praga daquele maldito. ( p.263)

O Dr. Simão Bacamarte recolheu imediatamente essa senhora, considerando tal explicação digna de alguém alucinado. O alienista desconsiderou o discurso supersticioso ou de senso comum e o decompôs, firmando-se, assim, o científico como o mais verdadeiro.

Entretanto, no momento em que o Dr. Simão Bacamarte conclui, pela "doutrina nova", que é perfeito e, portanto, louco, é exatamente ao Padre Lopes e às personagens de senso comum que ele recorre para obter a certeza da própria conclusão. Desse modo, os discursos anteriormente desautorizados pelo "discurso científico" confirmam a conclusão do alienista, de maneira apriorística.

Outro índice de (des)construção do cientificismo é a questão temporal. Os indivíduos mantidos pelo Dr. Simão Bacamarte na Casa Verde e submetidos à observação e



análise, foram considerados num tempo que desprezava o passado e o futuro, ou seja, o método do alienista desconsiderava o aspecto histórico e cultural dos indivíduos que analisou.

Além disso, as observações e análises feitas pelo Dr. Simão provam e ao mesmo tempo não provam suas teorias empiricamente, pois suas considerações se mostram controvertidas, até mesmo pela possibilidade de se estabelecer uma circularidade entre elas. Num primeiro momento, o alienista considera alienados aqueles que destoavam da ordem social comum, regida pelas aparências e na última teoria ele próprio se vê como único ser destoante da “ordem ou desordem social comum”, portanto, individualizado, parecendo voltar à primeira classificação.

Nas teorias do Dr. Simão Bacamarte, quando alguma qualidade do indivíduo se estabelece mais fortemente, ele é classificado como demente. Se qualquer fixidez constitui um sintoma de demência, poderia ser indício de demência solicitar qualquer sentido fixo para a moldura ficcional. Parece possível estabelecer aqui um paralelo entre a loucura da fixidez (ou a fixidez da loucura) de sentido na vida e na arte, revelando, assim, uma espécie de autocrítica que se insere em *O Alienista*: a criação da obra literária não deve (nem pode) levar à risca a verdade científica, mas deve (e pode) se basear nela e compor um objeto verossímil.

Assim, conforme se viu nos “discursos científicos” do Dr. Simão, o caráter móvel de seus conceitos, a investigação constante e o processo contínuo de novas buscas, descobertas e terapias relativizam as verdades absolutas, as quais a ciência deveria provar e, em consequência disso, o cientificismo dilui-se por si mesmo, assim como o Dr. Simão Bacamarte na Casa Verde. Enfim, o desfecho de *O Alienista* ilustra bem a (des)construção do discurso científico. Por meio de sua ironia, que se representa invariavelmente pelo *enigma do olhar*, Machado de Assis (des)constrói a voz da ciência:

Mas o ilustre médico, com os olhos acesos de convicção científica, trancou os ouvidos à saudade da mulher, e brandamente a repeliu. Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada. Alguns chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco, além dele, em Iguai; mas esta opinião, fundada em um boato que correu desde o alienista expirou, não tem outra prova, senão o boato; e boato duvidoso, pois é atribuído ao Padre Lopes, que com tanto fogo realçara as qualidades do grande homem. Seja como for, efetuou-se o enterro com muita pompa e rara solenidade. (p.288)



Nesse sumário, percebe-se, por meio dos “olhos acesos de convicção científica”, a crítica machadiana: a adjetivação dada aos olhos, “acesas”, permite a leitura de que há um *excesso* por parte do alienista em relação às suas teorias científicas. “Acesas”, conforme Aurélio Buarque de Hollanda (1999), indica “arreatado”, “excitado”, o que, há de se convir, não é o que se espera de um cientista. Quer dizer o narrador se trai, mas não trai o leitor atento. A propósito, há outra imagem similar, no Capítulo V, pela qual os olhos do Dr. Simão Bacamarte são alumiados por uma “volúpia científica”. Quer dizer, nesse sintagma, “volúpia” vai de encontro a “científica”, denotando a contradicção do protagonista, segundo o narrador. Cabe ao leitor atento, portanto, decifrar os enigmas que Machado de Assis lhe propõe, como o do alienista ou alienado Dr. Simão Bacamarte. Neste não há como deixar de ver-se a figura quixotesca, o que configura o discurso parodístico, não mais em relação à arte, mas sim à ciência.

### III. 2. A (Des)Construção do Discurso Histórico

No processo de reconhecimento dos discursos que se (des)constroem como condutores de verdades, o histórico merece atenção especial em *O Alienista*.

Já de início, a ficção se estabelece baseada em crônicas, o que faz pensar no factual, em documentos históricos, com isso instaurando e pondo em discussão a verossimilhança que, por sua vez, faz crer que o relato é verdadeiro, porque aconteceu no passado e está registrado em documentos.

Nesta passagem pode-se verificar tal efeito:

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade ou em Lisboa expedindo os negócios da monarquia.

– A ciência, disse ele à Sua Majestade é o meu emprego único, Itaguaí é o meu universo. (p.253)

Entretanto, por serem crônicas que se apresentam num texto ficcional, marcado, assim, pela inventividade, esse aspecto verídico tem seu poder abalado, já que na verdade não existe crônica alguma, mas sim uma tática narrativa persuasiva.

As referências a essas crônicas estão dispostas na narrativa de forma a funcionar como argumento de autoridade, para atestar o verdadeiro, embora a verdade já esteja equacionada desde o início.

Certos recursos literários usados na construção de *O Alienista* continuam questionando o discurso histórico que pretende conduzir à verdade. Entre esses recursos, o cenário e o tempo são elementos que desnudam a intencionalidade criativa e se constituem em pás a produzir um torvelinho de significância.

Quanto ao cenário, a disparidade entre os centros Coimbra e Pádua e a pequena Itaguaí é um índice de queda da verdade, uma vez que o projeto do “maior dos médicos” de afastar-se das cidades portuguesas, referenciais pela potencialidade de desenvolvimento de estudos e instaurar-se na vila de Itaguaí é excêntrico, estabelecendo, assim, um pacto ficcional entre o enunciado e o leitor: Pádua e Coimbra são motivos livres (no sentido em que Tomachevski (1971) os toma) que apresentam um índice de ambigüidade entre o discurso do narrador e a verdade dos fatos, ou seja, as cidades funcionam como um desmitificador da autoridade do discurso do historiador, mesmo que essa verdade seja baseada em crônicas da cidade de Itaguaí. Por outro lado, denuncia também o caráter inventivo do discurso do narrador. Tal advertência já aponta ao leitor que não se pode crer “verdadeiramente” nessa voz.

Certos detalhes utilizados na caracterização do espaço ou de algumas personagens poderiam funcionar também como índices de veracidade, porém a irrelevância desses mesmos detalhes para o âmbito histórico revelam a ironia presente na construção da narrativa. Se os documentos preocupam-se mais com os fatos e, portanto, desconsideram certos detalhes, o discurso ficcional de *O Alienista* parece apoderar-se deles exatamente no sentido oposto, ou seja, como (des)construtores da verdade. O que se tem dessa maneira é uma disparidade entre a ficção e a história produzindo a ironia. “A ironia é sempre o resultado de uma disparidade de compreensão.” (Scholes e Kellog, p. 169)

A seguinte passagem ilustra essa ironia:





Dona Evarista, contentíssima com a glória do marido, vestira-se luxuosamente, cobriu-se de jóias, flores e sedas. Ela foi uma verdadeira rainha naqueles dias memoráveis; ninguém deixou de visitá-la duas e três vezes, apesar dos costumes caseiros e recatados do século, e não só a cortejavam como a louvavam, - e este fato é um documento altamente honroso para a sociedade do tempo, - porquanto viam nela a feliz esposa de um alto espírito, de um varão ilustre, e, se lhe tinham inveja, era a santa e nobre inveja dos admiradores. (p.255-256)

Os detalhes sobre as vestimentas e os ornamentos que D. Evarista usou para a inauguração da Casa Verde parecem desnecessários para um documento histórico, mas não o são para o discurso ficcional, visto que pelos detalhes desnuda-se, nas entrelinhas, a referência à condição humana: o que se tem de um lado é a mania de grandeza e a futilidade, e de outro, um grupo de bajuladores. “Ninguém deixou de visitá-la duas e três vezes, apesar dos costumes caseiros e recatados do século.”

O “exagero” na composição do espaço também questiona a origem documental dos fatos, como, por exemplo, o fato de se comparar a Casa Verde com a Bastilha (Prisão de Paris, símbolo do regime anterior à Revolução Francesa. Em 1789 foi tomada pelos revolucionários, tal fato ficou conhecido como “queda da Bastilha”).

O caráter hiperbólico da comparação denuncia ainda certos aspectos do discurso histórico: o de colocar-se, na maioria das vezes, a serviço dos grandes acontecimentos, deixando de revelar fatos importantes de dimensões menores e de não ocupar-se da condição humana.

Se, por um lado, apresenta-se o caráter hiperbólico do espaço por meio da comparação com acontecimentos grandiosos; por outro pode-se encontrar o inverso, ou seja, a construção desse mesmo espaço em miniatura, numa espécie de maquete dos grandes fatos históricos e do funcionamento de uma sociedade. Dessa maneira, observa-se a estrutura em quiasmo, entrelaçando o fio narrativo, tornando o espaço reduzido em grandioso e o espaço grandioso em reduzido. Tal circunstância revela o caráter parodístico da situação, pelo qual se trata um grande acontecimento histórico, como a queda da Bastilha.



A Casa Verde constitui-se, assim, em maquete da Bastilha, ou em miniatura da formação do mundo numa redução do Gênesis, portanto, no plano espiritual, e a Câmara dos vereadores de Itaguaí, em Legislativo, no plano histórico.

Outro aspecto do discurso histórico é a seleção de um ponto de vista para o relato e de uma determinada distância dos acontecimentos, visto que só é história algo que ocorreu num tempo passado. O mesmo não se dá no discurso ficcional que, por seu caráter inventivo, permite uma aproximação ou distanciamento dos fatos, possibilitando a presentificação das ações.

Em *O Alienista*, narrativa que se (des)constrói com “ares de histórica”, esse movimento de aproximação ou distanciamento dos acontecimentos funciona como um índice de (des)construção do discurso histórico e ao mesmo tempo descortina a liberdade de invenção do discurso ficcional. Estas passagens exemplificam esse índice:

(...) a arruaça (rebelião) crescia, já não eram trinta, mas trezentas pessoas que acompanhavam o barbeiro, cuja alcunha familiar deve ser mencionada, porque ela deu o nome à revolta: chamavam-lhe o Canjica, - e o movimento ficou célebre com o nome de revolta dos Canjicas...(p.270);

O alienista atendeu então: os gritos aproximavam-se, terríveis, ameaçadores; ele compreendeu tudo. Levantou-se da cadeira de espaldar em que estava sentado, fechou o livro, e, a passo firme e tranquilo, foi depositá-lo na estante. Como a introdução do volume desconcertasse um pouco a linha dos dous tomos contíguos, Simão Bacamarte cuidou de corrigir esse defeito mínimo, e, aliás, interessante. Depois disse à mulher que se recolhesse, que não fizesse nada. (p.271)

No primeiro excerto, observa-se que o narrador posiciona-se com maior distanciamento do fato, apresentando uma quantidade menor de detalhes. Já no segundo, o grau de aproximação dos fatos é máximo, sugerindo até que o narrador insere-se no mesmo espaço da personagem, com maior grau de detalhamento.

A questão temporal também se constitui em elemento que desnuda a intencionalidade criativa. Principalmente porque o jogo temporal passado –



presente consolida um limite entre dois espaços narrativos, a saber, o espaço do real e o espaço da fantasia, realizado na urdidura de uma enunciação ficcional que se autodenuncia como criação estética. A larga utilização dos tempos verbais pretérito perfeito e do pretérito imperfeito atesta, uma vez mais, tal observação.

A temporalidade é tão crucial para o discurso histórico como o é para o ficcional, mas o emprego dela varia de acordo com o tipo de discurso. Em *O Alienista*, evidencia-se o tempo passado mas não determinado, “em tempos remotos”, o que forçosamente não se evidenciaria caso o discurso fosse histórico. Afinal, este “diz as coisas que sucederam”, aquele “as que poderiam ter sucedido”, para citar-se a famosa distinção de Aristóteles (1991) entre o historiador e o poeta.

Considerando o pensamento de Santo Agostinho, em *Confissões*, nota-se o questionamento sobre essa questão temporal:

O que é o tempo? Tentemos fornecer uma explicação fácil e breve. O que é o tempo? Quando quero explicá-lo não encontro explicação. Se eu disser que o tempo é a passagem do passado para o presente e do presente para o futuro, terei que perguntar: Como pode o tempo passar? Como sei que ele passa? O que é um tempo passado? Onde ele está? O que é um tempo futuro? Onde ele está? Se o passado é o que eu, do presente, recordo e o futuro é o que eu, do presente, espero, então não seria mais correto dizer que o tempo é apenas o presente? Mas, quanto dura um presente? Quando acabo de colocar “r” no verbo ‘colocar’, este ‘r’ é ainda presente ou já é passado? A palavra que estou pensando em escrever a seguir, é presente ou é futuro? O que é o tempo afinal? E a eternidade? (*Apud* Chauí 1993, p. 95)

Assim, ao se considerar o discurso histórico como portador de um tempo passado e definido e de um acontecimento que ‘em verdade’ aconteceu nesse tempo, há que se ter certo dogmatismo, ou seja, crer-se numa verdade sem questioná-la.

Por outro lado, na enunciação de *O Alienista*, o tempo se apresenta com bastante mobilidade, não havendo, portanto, um único tempo eleito e consolidado, mas uma alternância temporal que ao mesmo tempo em que aponta

para uma profusão, aponta também para a questão da inventividade e, desse modo, para o antidogmatismo, uma vez que não é preciso crer-se naquilo que já se denuncia móvel.

Assim, o tempo, em *O Alienista*, é verdadeiro no plano convencional e simbólico. Da mesma maneira que desmascara a temporalidade histórica, mostra-se a si mesmo como símbolo dela e, assim, não está carregado de verdade; somente a representa. Não é a verdade, *parece* a verdade.

Dentro desse plano convencional e simbólico, além do espaço e do tempo apresentarem-se como ziguezagueantes, juntam-se a eles alguns outros elementos que também se apresentam com mobilidade, com sinuosidade, como, por exemplo, as personagens.

A princípio, tem-se a informação de que o Dr. Simão Bacamarte deixou a Europa, estabeleceu-se em Itaguaí e dedicou-se ao estudo da loucura. Há, ainda nesse aspecto, um ir e vir do herói ou anti-herói nas diversas concepções que tece a respeito do seu objeto de pesquisa.

As experiências bacamartianas iniciam-se pelo método de observação e análise dos fatos externos, com o intuito de captar o interno, já que a ocupação do alienista é “a saúde da alma”. Os primeiros indivíduos que o Dr. Simão recolheu à Casa Verde distinguiam-se radicalmente da ordem normal dos outros indivíduos da cidade, como o rapaz que se supunha estrela d'alva.

Os casos dessa segunda classificação apontam para uma ordem pública, que passa a ser uma desordem pública, que toma uma proporção tamanha a ponto de o alienista enclausurar na Casa Verde um quarto de um quinto da população. Assim, a personagem Mateus, que construiu uma casa suntuosa e pelas manhãs permanecia no jardim a contemplá-la, à tarde ficava na janela da casa a se deixar contemplar pelas famílias que saíam a passeio.

A conclusão dessa segunda classificação para o médico é de que “A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia.”(p.261)

Quando se tem a informação de que um quarto de um quinto da população de Itaguaí encontrava-se reclusa, passa-se a questionar a veracidade do fato. É, acima de tudo, uma circunstância bastante insólita. Nesse momento, em que os fatos “históricos” parecem cair em descrença, o narrador recorre



novamente à História, de onde tira exemplos de vultos conhecidos pelas excentricidades e poder. Leia-se a seguinte passagem:

No conceito dele a insânia abrangia uma vasta superfície de cérebros; e desenvolveu isto com grande cópia de raciocínios, de textos de exemplos. Os exemplos achou-os na história e em Itaguaí; mas, como um raro espírito que era, reconheceu o perigo de citar todos os casos de Itaguaí, e refugiou-se na história. Assim, apontou com especialidade alguns personagens célebres, Sócrates, que tinha um demônio familiar. Pascal, que via um abismo à esquerda, Maomé, Caracala, Domiciano, Calígula etc... uma enfiada de casos e pessoas, em que de mistura vinham entidades odiosas, e entidades ridículas. (p.260-261)

Os exemplos de ‘insanos’ que o Dr. Simão encontrou na História apontam para o fato de que o próprio discurso histórico determina, por um certo prisma, aquele indivíduo que se afasta da “ordem”, e que muitas vezes é célebre. O discurso histórico, é feito por homens contextualizados, sujeitos a uma específica situação ideológica. Logo, é falível, inevitavelmente passível, daí as lacunas que apresenta, sobretudo quando se trata de discurso histórico oficial. A questão estaria em saber qual é a ordem que serviria de modelo de normalidade, ou com o alienista, demarcar definitivamente os limites da razão e da loucura.

O discurso ficcional, em *O Alienista*, estaria, dessa maneira, parodiando a celebridade desses vultos que o discurso histórico posiciona acima ou à margem da humanidade, e mostrando que outros bem similares encontram-se também em Itaguaí.

A (des)construção do discurso histórico se efetiva, por fim, quando o narrador cria uma dúvida para o leitor quanto à credibilidade da verdade dos cronistas, uma vez que a relativiza, “*Alguns* chegam ao ponto de conjecturar (...)” (grifo nosso); depois, considera-a fruto de “boato” e, finalmente, “boato duvidoso”, pois atribuído ao Padre Lopes. Quer dizer, cabem aqui à perfeição as palavras de Guimarães Rosa (1979): “A estória não se quer história. A estória, em rigor, deve ser contra a História. A estória, às vezes, quer-se um pouco parecida à anedota.” (p.29)



### III.3. A (Des)Construção do Discurso Político

A sempre citada frase de Aristóteles segundo a qual “O homem é um animal político” também pode ser verificada em *O Alienista*, a partir da análise dos elementos discursivos que encerram as relações entre os homens e a sociedade em que eles vivem, os cidadãos e a sua cidade, enfim, o “filho da nobreza da terra”, o Dr. Simão Bacamarte, seus concidadãos e seu “universo”, Itaguaí.

Nesse texto machadiano, o plano do discurso político apresenta-se de maneira bipolar, ou seja, como macro-estrutura e como micro-estrutura da sociedade, captando os mecanismos externos e internos do cenário e das personagens, buscando-lhes a essência.

No início da narrativa, nota-se que o protagonista abandona a vida na Corte européia e vai para uma pequena cidade da Colônia. O que se infere daí, à primeira vista, é um quê de nacionalismo pela opção do herói ou anti-herói, que prefere a Colônia ao Reino, Itaguaí a Coimbra e Lisboa. Não há como deixar de ver também aí, no nacionalismo, uma primeira (des)construção, uma primeira paródia ao discurso político romântico, considerando-se a trajetória do Dr. Simão Bacamarte. Em seu ensaio “Instinto de nacionalidade”, de 24 de março de 1874, Machado de Assis (1986) observa:

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas, que a empobrecam. O que se deve e homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço. (p. 804)

Nesse fragmento não se observa apenas uma crítica ao Romantismo como estética, mas também como ética. Para o homem romântico, sempre idealista e exagerado, ética e nacionalismo valem como mitos. E é precisamente contra essa mitificação, contra as “doutrinas absolutas” (grifo nosso), que Machado de Assis volta sua ironia.

Também o discurso do protagonista se constrói em tom grandiloquente, por meio do presente atemporal como uma máxima: “A ciência, disse ele à sua majestade é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo”.(p.253) A utilização do pronome possessivo “meu” é significativa: corrobora duplamente para o nacionalismo romântico de Simão Bacamarte e fornece indícios de um traço da personalidade do protagonista: o sentimento de posse.





Uma vez instalado em Itaguaí, o “ilustre médico” lança-se ao projeto que trouxe consigo. Assim, é possível observar na macro-estrutura social o seguinte sistema, delineado por Fornazaro (1976) em *O avesso do poder* em *O Alienista*:

O território – Itaguaí; a sede do governo – a Casa Verde; o titular do poder – Simão Bacamarte; cidadãos do “Estado” – o povo de Itaguaí; e assim por diante. Sua índole (Simão) também facilmente detectável: absolutista (exclusão do povo dos processos decisórios; ausência de ou descaso a legislação porventura vigente; crescentes arbitrariedades contra o indivíduo, parlamento inoperante e submisso; etc. (Suplemento Literário de Minas Gerais. BH, 31/07, p.3)

O discurso do Dr. Simão Bacamarte é científico, portanto, lógico, e o poder (a Câmara dos Vereadores) dá respaldo à ciência: além de aprovar, patrocina as experiências do cientista, tirando proveito disso para os seus propósitos, como se observa na seguinte passagem:

Dali foi à Câmara, onde os vereadores debatiam a proposta, e defendeu-a com tanta eloquência, que a maioria resolveu autorizá-lo ao que pedira, votando ao mesmo tempo um imposto destinado a subsidiar o tratamento alojamento e mantimento dos doudos pobres. A matéria do imposto não foi fácil achá-la; tudo estava tributado em Itaguaí. Depôs de longos estudos, assentou-se em permitir o uso de dous penachos nos cavalos dos enterros. Quem quisesse emplumar os cavalos de um coche mortuário pagaria dois tostões à Câmara, repetindo-se tantas vezes esta quantia quantas fossem as horas decorridas entre a do falecimento e da última benção da sepultura. O escrivão perdeu-se nos cálculos aritméticos do rendimento possível da nova taxa. (p.255)

Nesse excerto, há um evidente contraste entre o lógico e o absurdo. É aceitável que o alienista se dirija à Câmara para pleitear uma licença a fim de que a Casa Verde possa funcionar. Tal fato é lógico e observável na realidade social, porém, a maneira tributária que os vereadores encontram para a cobrança dos impostos afasta-se da realidade pelo absurdo da situação que, mesmo insólita, é tratada na narrativa com seriedade pelo narrador, instaurando-se, assim, a ironia.

Tal efeito de humor chama a atenção para o aspecto inventivo da obra e para o distanciamento plausível do real, mas mantém uma relação de ironia com a realidade, quando

aponta comicamente os abusos e desmandos dos políticos que, se não encontram na lei respaldo para os interesses, são capazes de inventar leis que possibilitem seus intentos, ainda que elas sejam absurdas.

Nessa situação vista na última passagem, a Câmara de Vereadores põe-se a serviço do cientista, cuja eloquência parece colocá-lo em posição de superioridade em relação ao “poder” de Itaguaí. Porém, no momento em que o discurso científico não corresponde ou afeta os interesses do poder, há uma inversão de atitudes.

Quando a Câmara dos Vereadores é destituída pela ação dos Canjicas, liderados pelo barbeiro Porfírio, e depois reconstituída, desta vez como o nome de “Palácio do governo”, o barbeiro, como líder máximo, quer delegar ao Dr. Simão Bacamarte as condutas que ele deveria adotar para continuar com o projeto da Casa Verde. Desse modo, o poder político transpõe os limites do discurso científico. É interessante observar, porém, que o discurso político infringe seus próprios ditos, já que afirma algo que deve ser entendido pelo seu contrário, como se pode observar na fala do barbeiro:

(...) mas pode entrar no âmbito do governo eliminar a loucura? Não. E se o governo não pode eliminar, está ao menos apto para discriminá-la, reconhecê-la? Também não; é matéria da ciência. Logo, em assunto tão melindroso, o governo não pode, não deve, não quer dispensar o concurso de Vossa Senhoria. O que lhe pode é que de certa maneira demos alguma satisfação ao povo. Unamos-nos e o povo saberá obedecer. Um dos alvitres aceitáveis, se Vossa Senhoria não indicar outro, seria fazer retirar da Casa Verde aqueles enfermos que estiverem quase curados, e bem assim os maníacos de pouca monta etc. (p.277)

É evidente a disparidade do discurso político feito pelo barbeiro Porfírio: ao mesmo tempo que afirma que o governo não pode interferir no âmbito da loucura, já que é matéria para a ciência, passa a determinar os casos que devem ser retirados do manicômio, “os maníacos de pouca monta”, mostrando, assim, o engendramento do discurso político para estabelecer-se em posições de superioridade em relação ao científico e concluindo com uma espécie de ameaça: “Desse modo, sem grande perigo, mostraremos alguma tolerância de benignidade” (p.277). Essa última sentença está construída pelo processo da litotes, que consiste em não dizer, dizendo.



O cientista não se deixou intimidar por essa pressão (diplomática), além de não soltar os internos do manicômio ainda recolheu cerca de cinquenta novos casos. Porfírio, pressionado por um movimento revolucionário liderado por um outro barbeiro, o João Pina, assinou um decreto abolindo a Casa Verde, mas não houve tempo para executá-lo, visto que foi destituído e a antiga Câmara dos Vereadores reconstituída, assegurando novamente poder para o cientista.

Nesse ponto, o poder político e o científico ficam equiparados, o Dr. Simão Bacamarte enclausura, na Casa Verde, um vereador que representava para a Câmara uma inconveniência, assim como o próprio presidente da Câmara que, segundo o médico, padecia da “demência dos touros”.

Outra situação que mostra o encontro dos interesses políticos e científicos deu-se quando tendo libertado todos os internos da Casa Verde, o Dr. Simão, em sua nova teoria, pretendia recolher os casos em que os indivíduos apresentassem perfeito equilíbrio das condições mentais. Obteve da Câmara a mesma aprovação de quando recolheu os “desequilibrados”, mas, desta vez, a Câmara estabelecia certas ressalvas, como poder fechar a Casa Verde por motivo de ordem pública e propondo imunidade para os seus constituintes, conforme a proposta do vereador Freitas, segundo a qual nenhum vereador poderia ser recolhido à Casa Verde.

Tendo sido contrário a esse último ponto, o vereador Galvão ponderou que a Câmara, legislando sobre uma experiência científica, não podia excluir as pessoas dos seus membros das consequências da lei; a exceção era odiosa e ridícula”. (p. 282)

Os vereadores protestaram e o Dr. Galvão foi recolhido pelo alienista à Casa Verde.

Essa passagem denuncia, uma vez mais, que o poder político se vê no direito de delegar quem vai ou não para o manicômio. Por outro lado, mostra a ambigüidade que compõe o caráter do Dr. Simão Bacamarte, que parece “desrespeitar” as delegações da Câmara, como que movido única e exclusivamente pela ciência, mas, ao mesmo tempo, suas atitudes vão ao encontro dos interesses da Câmara. Se infringe a lei da imunidade para os vereadores, retém exatamente aquele que é inconveniente para a mesma.

Assim, instaura-se a ambigüidade, uma vez que é possível considerar que o Dr. Simão Bacamarte é realmente um cientista ético, que não se dobra às pressões políticas, ou



que é um “espertalhão”, capaz de corresponder aos interesses políticos, assegurando, dessa maneira, seus próprios interesses.

Essa ambigüidade é reafirmada pelo fato de que o Dr. Simão Bacamarte enriquecera com o estipêndio proposto pela Câmara, o que poderia caracterizá-lo como um interesseiro que se serve de experiências científicas para conseguir vantagens pecuniárias. Porém, num dado momento, o Dr. Simão Bacamarte devolve à Câmara o dinheiro e abstém-se de continuar recebendo o imposto e revelando, assim, uma conduta estritamente científica. O caráter de duplicidade do protagonista é reafirmado durante o transcorrer da narrativa, no qual se estabelece um jogo de aparência e essência de difícil apreensão.

É possível perceber, também, que durante a destituição de um governo, a instituição de outro, a queda da Câmara, seu restabelecimento, o povo permanece numa situação intermediária, sempre como massa de manobra, sempre liderado por um líder que toma o poder, destacando-se aqui a figura do barbeiro Porfírio, que desmonta uma tirania e monta outra.

O fator de ironia dessas oscilações do poder está no universo da linguagem: o povo ora se deixa conduzir por um discurso, ora por outro contrário ao primeiro, constituindo, dessa forma, uma história insólita, principalmente pelas imagens das rebeliões. Porém, o tom de seriedade empregado pelo narrador, bem como a sua “impassibilidade” e, ainda, o distanciamento que assume certas vezes, desses fatos impedem que a história insira-se no grotesco, ou na comicidade aberta e declarada. A aproximação da situação absurda com o tom de seriedade produz a ironia, e uma ironia refinada.

A contraposição dos discursos políticos, tecidos principalmente pela dissonância das vozes (em especial a de Porfírio, a do presidente da Câmara e a do Capitão dos dragões) que se apresentam na narrativa com o objetivo de manipular o povo de Itaguaí, funciona como elemento de (des)construção desses mesmos discursos, visto que a verdade de cada um deles vai sendo equacionada pela dos outros, atingindo uma (des)construção do discurso político pelo mesmo discurso político, como se observa nesta passagem:

O barbeiro, depois de alguns instantes de concentração, declarou que estava investido de um mandato público, e não restituiria a paz a Itaguaí antes de ver por terra a Casa Verde, \_ “essa Bastilha da razão humana”, - expressão que ouvira de um poeta local, e que ele repetiu com muita ênfase. Disse, e a um sinal todos saíram com ele.

Imagine-se a situação dos vereadores; urgia obstar ao ajuntamento à rebelião, à luta, ao sangue. Para acrescentar ao mal, um



dos vereadores que apoiara o presidente, ouvindo agora a denominação dada pelo barbeiro à Casa Verde, - "Bastilha da razão humana", - achou-a tão elegante, que mudou de parecer. Disse que entendia de bom aviso decretar alguma medida que reduzisse a Casa Verde. (p.270)

Outra contraposição de vozes se dá no momento da rebelião, entre o alienista e o líder Porfírio. Parte da multidão cede ao discurso do alienista; ao perceber que seu projeto perdia força, o barbeiro Porfírio proferiu outro discurso político, uma espécie de réplica ao do alienista, agitando novamente a população. Nesse caso, o engendramento do discurso político anula a força do discurso científico, pois o povo seguiu o barbeiro Porfírio.

A equiparação dos poderes do Dr. Simão e da Câmara dos vereadores começa a ruir, no momento em que a Câmara se reconhece impotente ou ao menos ameaçada pelo médico, visto que a população recorre ao poder dos vereadores para compeli-los a uma ação contra a Casa Verde. Porém, esses políticos, ao recordarem o que ocorreu ao vereador Galvão, negaram-se a tomar qualquer atitude.

Tal postura da Câmara, pela qual protege seus membros e deixa desprotegido o povo Itaguaense, ilustra a crítica ao sistema político. Porém, se, por um lado, parece que o poder da Câmara está subordinado ao poder do cientista pela impossibilidade de ação; por outro, não há perdas para a Câmara, que se protege, somente há perdas para o povo, que não pode contar com o poder político para conseguir sua segurança. A única saída para este povo parece ser procurar o líder opositor à Câmara, o barbeiro Porfírio, o qual também se manteve inoperante.

Além dessas críticas políticas, há referências bastante diretas a outras questões também de ordem política, como o caso do tratamento que o Dr. Simão Bacamarte passou a aplicar nos reclusos, atacando-lhes as boas qualidades e o bom senso para trazê-los de volta ao desequilíbrio das faculdades mentais que ele, então, considerava como normalidade.

Para um dos internos, o Dr. Simão fez um pedido ao governador de Lisboa:

Simão Bacamarte lembrou-se de pedir para ele o lugar de secretário da Academia dos Encobertos estabelecida em Itaguaí. Os lugares de presidente e secretários eram de nomeação régia, por especial graças do finado rei d. João V, e implicavam o tratamento de excelência e o uso de uma placa de ouro no chapéu. O governo de Lisboa recusou o diploma; mas representando o alienista que não pedia como prêmio honorífico ou distinção legítima, e somente como um meio terapêutico para um caso difícil, o governo cedeu excepcionalmente à suplica; e

ainda assim não o fez se extraordinário esforço do ministro de marinha e ultramar, que vinha a ser primo do alienado.(p.285)

Conforme se vê, o governador expediu o cargo não por “prêmio honorífico ou distinção legítima” como deveria ser, acabou por concedê-lo para um “demente”, de acordo com a classificação do alienista e também pelo recurso discutível do nepotismo. Mais ainda: o fato de esse título ser dado por determinação régia se constitui em denúncia social que se estende para a academia, que é nomeada, muito significativamente, dos “Encobertos”.

É evidente nesse trecho o poder de Simão Bacamarte que, pela ciência, consegue favores até mesmo do governador de Lisboa, não encontrando, assim, mais adversários para realização dos seus projetos, o que faz com que ele alcance um poder absoluto, de cientista déspota (ou déspota cientista).

Entretanto, o alienista, no auge do poder de seu “despotismo científico” e, portanto, sem adversários, achou em si mesmo um opositor, passou a se questionar sobre a própria sanidade: julgou-se perfeito e, assim, fora da normalidade, conforme sua própria teoria. Convocou, a seguir, um “conselho de amigos”, alguns dos quais já haviam sido reclusos por ele na Casa Verde, como o Padre Lopes, os quais o consideram sem defeitos e vícios. Essa opinião afirmativa do grupo é, evidentemente, oportunista, por razões óbvias.

A atitude do Dr. Simão Bacamarte, revelada pela voz do narrador, encerra uma contradição ao que foi dito pelos “amigos”, uma nova (des)construção, novamente irônica: a disparidade ao mostrar que o “déspota” está sempre em desacordo com a opinião da maioria, e vai decidir pelo oposto do que o povo espera. Desse modo, o déspota não ouve os outros, ainda os mais íntimos, como os “amigos” e a esposa. (Des)constrói-se, e o povo não recebe dele nenhum benefício, esperando sempre ser salvo pelo herói (cientista, homem detentor do saber) que, na verdade, revela-se anti-herói. Trancafia-se na Casa Verde, numa atitude de isolamento, de destruição. Destruição alheia ou autodestruição?

O notável em Machado de Assis é que ele não obedece às regras do Realismo europeu, o qual propõe à arte a representação dos aspectos sociais de forma documentária, verista. Assim, tem-se uma espécie de inversão no plano da macro-estrutura que, por beirar a imagem do absurdo como se observou anteriormente, evidencia o plano das essências.

Em relação ao discurso político de Machado de Assis, Astrojildo Pereira (1991) anota:





Em mais de uma página de ficção ou de crônica, confessa ele (Machado) a sua “aversão” à política. Mas entenda-se: aversão à política vulgar, à politicagem, às manobras e malandragens do jogo partidário, às intrigas e mistificações da politicalha reinante.

Por temperamento, por formação, por convicção, não poderia jamais integrar-se em formas tais de atividade política. Demais disso, compreendia claramente que o seu “ofício” era outro, outra a sua “esfera de ação”, para empregar suas próprias palavras. Em crônicas datada de 1895, carregando nos ombros quarenta anos de experiência bem vivida, escrevia o seguinte:

“Um homem pega em si, mete-se no cantinho do gabinete, entre os seus livros, e elimina o resto. Não é egoísmo, nem indiferença; muitos sabem em segredo o que lhes dói do mal política; mas, enfim não é seu ofício cura-lo”. Aí está dito tudo. sofria o “mal político, como qualquer cidadão, mas não lhe competia “curá-los”, o que lhe competia, por dever do seu próprio ofício de escritor, era denunciar e criticar o mal pelos meios que lhe eram próprios. E isto ele o fez a vida inteira pelo livro, pela revista, pelo jornal. (p.77-78)

Quer dizer, a pecha de alienado que alguns críticos apressados e desatentos dão a Machado de Assis é injusta, improcedente. Atente-se para o fato de que o autor da citação acima foi um dos fundadores do Partido Comunista Brasileiro, em 1922. Seu mérito maior foi, sem dúvida, mostrar e demonstrar por que e como o criador do alienista Simão Bacamarte foi um participante ativo de seu espaço e de seu tempo. O discurso enviesado, indireto, subentendido, ambíguo, de Machado de Assis faz o “leitor superficial” pensar o contrário.

Em outras passagens de *O Alienista*, percebem-se oposições de natureza política, como, por exemplo, Dr. Simão Bacamarte x D. Evarista, Crispim Soares x D. Cesária, vereador Galvão x vereador Freitas, barbeiro Porfírio x barbeiro João Pina, mas todas eivadas de dissimulação, manipuladoras, interesseiras.

A própria rebelião dos Canjicas não se constitui claramente como luta, mas como oposição de discursos entre o barbeiro Porfírio que incitava o povo à rebelião e o Capitão dos Dragões. O fato é que nem nas revoluções externas e nem nas internas há vitórias.

Esse vaivém dos discursos políticos que se equacionam uns aos outros, mostrando ao mesmo tempo sua (in)eficácia como condutores da melhor verdade, denuncia a essência da condição humana, assim como a impossibilidade de rotulação definitiva da

essência do indivíduo e remete, em outra instância, para a impossibilidade de rotulação da pior ou da melhor forma de governo.

Desse modo, não se pode dizer que *O Alienista* constitui-se em uma obra ostensivamente engajada, como, por exemplo, *Os bruzundangas* (1923), de Lima Barreto, mas não se pode dizer também que é alienada. Seu engajamento, repita-se, dá-se pela ironia, e não pela sátira, o que não quer dizer que seja menos expressivo e denunciador de tudo o que vai contra o cidadão e sua “pólis”.

Em *O Alienista*, decompõe-se o discurso político portador da verdade inquestionável e ao mesmo tempo decompõe-se a narrativa mesma como possível condutora da verdade política.

### III. 4. A (Des)Construção do Discurso Religioso

Em *O Alienista*, evidencia-se a (des)construção de um discurso de tom dogmático, seja pela voz do narrador, do protagonista, dos adjuvantes/oponentes. Veja-se, por exemplo, esta passagem: “Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas.” (p.254)

Muitas vezes, essas estruturas discursivas utilizam-se do presente atemporal e de expressões grandiosas ou hiperbólicas, carregadas de alegorias, assemelhando-se à estrutura de parábolas, aliás, procedimento recorrente nas narrativas machadianas.

É sabido que o discurso parabólico é largamente empregado no Livro Sagrado e destina-se a conduzir uma verdade, ou um conjunto de verdades baseadas na fé, portanto, aceitáveis somente pela desvinculação com o universo da razão e do questionamento, daí constituir-se em dogma.

Na história do Dr. Simão Bacamarte, ao mesmo tempo em que se faz uso desse discurso litúrgico e dogmático, faz-se também uma (des)construção dele como portador de uma verdade que, apesar de vir por meio de signos polivalentes, e não univalentes, como os do discurso científico, se quer absoluta.

Entre outros conceitos, “crônica pode ser cada um dos dois livros do Antigo Testamento que narram os feitos das principais personagens bíblicas, especialmente os dos reis de Israel e Judá”. (Michaelis).



Tomado esse conceito religioso para crônica, e o tom parabólico, carregado de hipérboles, poder-se-ia perceber, em *O Alienista*, um fio discursivo de cunho litúrgico, conforme se nota desde o início, na seguinte passagem:

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

– A ciência, disse ele à Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo. (253)

As marcas temporais indefinidas, “em tempos remotos”, e a utilização do pretérito-mais-que-perfeito, “estudara”, colaboram para a instauração do discurso litúrgico, essencialmente persuasivo, uma vez que pretende fazer o leitor crer, ao mesmo tempo em que sugere um tempo mítico e místico.

Também as expressões grandiosas, “o maior dos médicos”, “filho da nobreza da terra”, conduzem para a atmosfera das crônicas religiosas.

Porém, o espaço rompe com o clima místico, instaurando lugares mais atuais, conhecidos, distantes do ambiente religioso – Pádua, Coimbra e Itaguaí. Por esses dados geográficos, as crônicas que pareciam religiosas, aproximam-se mais de crônicas no conceito histórico do termo, relatos que contam mais de reis que de religiosos, como, por exemplo, as de Fernão Lopes. Mas, se o espaço desautoriza o discurso religioso por se contrapor ao tempo; este desautoriza o discurso histórico por se contrapor ao espaço.

Além do choque entre os discursos religioso e histórico, há ainda o fato de que essas crônicas aparecem na moldura ficcional, portanto, podem funcionar apenas como representação ou recriação da realidade e, assim, o discurso ficcional desautoriza, desde o início, o discurso religioso e o histórico.

Ainda que inicialmente equacionado, o tom de discurso religioso prossegue na narrativa tentando estabelecer-se como verdade e sendo (des)construído. Vê-se na voz do protagonista a determinação de percorrer um

único caminho, o da ciência, e de fazer uso dela num espaço determinado: Itaguaí. A recorrência do pronome possessivo “meu”, além de denunciar um caráter de extremo individualismo gera ambigüidade quando se associa ao termo “universo”: Itaguaí como centro de estudos não pode oferecer ao maior dos médicos” o que lhe ofereceria Coimbra e Pádua, em Portugal, e o Rio de Janeiro, no Brasil. Daí poder-se entender que o universo do protagonista é limitado ou que ele pretende ter um universo só para si, estabelecendo-se na condição de um deus.

Tem-se, assim, uma diegese altamente irônica, por se (des)construir como verdade desde o início, e pela situação espacial que aproxima os fatos dos tempos mais atuais, elevando-os à condição do absurdo, do improvável e do impossível.

O fato é que, alegoricamente, o “maior dos médicos”, elevado à condição de um deus, inicia a construção de um universo para si. Durante esse procedimento, os elementos que se referem aos textos bíblicos denunciam um caráter parodístico da situação.

Embora tenha afirmado que seu emprego único era a ciência, o que faz pensar numa postura até celibatária, o Dr. Simão decide se casar (“Aos quarenta anos...”). A ironia está desde então instaurada pelo nome da noiva escolhida: *Evarista*, numa clara referência à primeira mulher, Eva, do Gênesis. No dicionário onomástico, *Evarista* significa “a ótima”, “a melhor de todas” e indica uma pessoa movida por um grande desejo de transformar tudo para melhor, na sua vida e nas condições de sua comunidade. Tal significado opõe-se ao ser e ao fazer da personagem em questão, gerando assim a ironia.

É sabido, pelo discurso religioso, que Eva “falhou”, desobedeceu à ordem divina, provando o fruto da sabedoria e seduzindo Adão a prová-lo também. O resultado foi que ambos perderam o paraíso.

D. Evarista não será composta a partir da referência religiosa, abstrata, mas sim científica, como uma reconstrução de Eva, mais atualizada, concreta. Assim, o herói ou anti-herói endeusado que pretende construir “seu” universo por meio da ciência, toma o cuidado de escolher uma mulher, cujos atributos físicos impediriam a sedução, já que ela não era “nem bonita e nem simpática”, e sua função seria a de matriz, procriadora, como mostra a passagem:





Reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. (p.254)

Como se vê esse discurso científico se sobrepõe ao religioso por apresentar uma verdade intelectualizada, que foge ao dogma, por vincular-se à razão e pretender-se muito mais crível. Porém, o que ocorre é que o resultado da escolha também falhou: D. Evarista não teve filhos. Dessa maneira, assim como o discurso científico desautoriza o religioso, questionando-o como portador de uma verdade falível, mostra-se, ao mesmo tempo, falível também, embora estivesse baseado em verdades racionais.

Além disso, o discurso científico parece ter falhado duas vezes, como se pode ver pela disparidade nas vozes do narrador e do protagonista. Como se sabe, o Dr. Simão afirma ter escolhido a noiva por considerações científicas, entretanto, o narrador sugere que o médico pode ter sido seduzido pela “excelente vista” da noiva, conforme atesta a seguinte passagem:

Não acabou a frase; ou antes acabou-a levantando os olhos ao teto; os olhos, que eram a sua feição mais insinuante, - negros, grandes, lavados de uma luz úmida, como as da aurora. Quanto ao gesto, era o mesmo que empregara no dia em que Simão Bacamarte a pediu em casamento. Não dizem as crônicas se D. Evarista brandiu aquela arma com o perverso intuito de degolar de uma vez a ciência, ou pelo menos, decepar-lhe as mãos; mas a conjectura é verossímil.(p.258)

Essa dissonância de vozes aponta para um efeito cascata na (des)construção dos discursos, uma vez que o discurso científico desautoriza o religioso, este desautoriza ou ao menos equaciona o científico, e o discurso ficcional (des)constrói ambos, pois o próprio narrador afirma que está inventando, que não encontrou a informação nos documentos, mas que a conjectura é verossímil, então é verdade dentro da moldura da invenção, ou seja, é uma verdade que já se denuncia inventada. Daí a consideração de que a ficção também é um discurso que se propõe a portar uma verdade e a conduzi-la. A

diferença em relação aos outros é que o faz de maneira indireta, cifrada, ambígua, portanto declaradamente inverídica e por isso não se trata da biografia de Philippe Pinel ou Sigmund Freud. Considere-se, a propósito, o que conota o herói ou anti-herói Dr. Simão Bacamarte em *O Alienista*.

Retornando ao enredo como paródia da criação do universo pelas associações bíblicas, ver-se-á que, após o casamento, o Dr. Simão passa “realmente” a construir o seu mundo, se se entender a Casa Verde como maquete, ou como alegoria da construção do universo.

A Casa Verde foi o nome dado ao asilo por alusão à cor das janelas, que pela primeira vez apareciam verdes em Itaguaí. Inaugurou-se com imensa pompa; de todas as vilas e povoações próximas, e até remotas, e da própria cidade do Rio de Janeiro, correu gente para assistir as cerimônias, que duraram sete dias (p.255)

A larga utilização de expressões grandiosas – como “a mais bela”, “numerosos cubículos”, “imensa pompa”, “de todas as vilas e povoações” – apontam para a grandiosidade do projeto e assemelham-se às expressões bíblicas, assim como o caráter de originalidade “pela primeira vez” e o índice temporal “sete dias” remetem ao Gênesis.

Conforme se nota na Bíblia, primeiro fez-se o verbo, e a partir de sua utilização o mundo se fez:

E disse Deus: Haja luz. E houve luz/ E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas. E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite.

O primeiro recurso utilizado pelo Dr. Simão Bacamarte para a construção da Casa Verde foi o verbo, ou melhor, a eloquência; consideradas as distâncias temporais, a época do cientista exigiu-lhe argumentos.

Uma vez construída, a Casa Verde precisava ser povoada e o Dr. Simão Bacamarte não demorou em fazê-lo, recolhendo ao manicômio vários indivíduos que considerava loucos. Há aqui uma intensificação da ironia, já que o fator de loucura está justamente no universo da linguagem. Passa a ser muito significativa a paródia feita com o discurso bíblico, como no caso do rapaz que



(...) narrava às paredes (...) toda a sua genealogia que era esta:

– Deus engendrou um ovo, o ovo engendrou a espada, a espada engendrou Davi, Davi engendrou a púrpura, a púrpura engendrou o duque, o duque engendrou o marquês, o marquês engendrou o conde, que sou eu.(p.257)

Esse tipo de construção de linguagem é muito recorrente nos textos bíblicos, seja nas crônicas ou nos evangelhos, como se constata nesta passagem do Evangelho de S. Mateus:

Abraão gerou a Isaque e Isaque gerou a Judá e a seus irmãos./ E Judá gerou de Tamar a Farés e a Zará. E Farés gerou a Esrom; e Esrom gerou a Arão; / E Arão gerou Aminadabe e Aminadabe gerou a Naasom; e Naasom gerou a Salmon...

O Dr. Simão considera a utilização dessa construção de linguagem como um índice de loucura, ou seja, o discurso científico estaria aqui desautorizando o religioso, tachando-o de insano. A ironia torna-se ainda mais intensa se se considerar a utilização do verbo “engendrou” no sentido de gerar por meio de um plano, ou estratégia, pois o verbo encontra-se associado a títulos de nobreza – duque, marquês e conde – denunciando a forma social corrupta de constituí-los.

Ainda quanto ao Evangelho de S. Mateus, em *O Alienista*, um outro caso em que se percebe a paródia, e novamente o fator considerado é o da linguagem. No Evangelho, diz-se que, antes de Jesus, João pregava no deserto da Judéia, utilizando-se da seguinte expressão: “Arrependei-vos porque é chegado o reino dos céus.” Em *O Alienista*, um dos internos por “monomania religiosa” era o João de Deus: “dizia agora ser o deus João, e prometia o reino dos céus a quem o adorasse, e as penas do inferno aos outros.”(p.257) Trata-se de um discurso aceito em tempos remotos mas não em tempos modernos, pois parece insano. Esse deslocamento temporal e mesmo espacial que torna inadequados certos comportamentos e discursos passa a ser utilizado pelos “métodos científicos” do Dr. Simão para decompor uma verdade que já não poderia ser consistente.

Continuando no plano do enredo e considerando analogicamente o plano da história, que se (des)constrói nas passagens bíblicas, ainda seria possível notar outras situações parodiadas. Se o Dr. Simão for tomado como um deus criador atualizado para o contexto positivista do século XIX, as ações de tempos remotos dos quais se serve o discurso religioso, os seguidores de outrora passam no tempo atualizado a constituir-se em bajuladores e se tomam para si as idéias do pregador; fazem-no por interesse.

Tal situação se esclarece pela personagem Crispim Soares, que compartilha da boa nova ou da “nova teoria” do Dr. Simão Bacamarte, porque aliando-se ao médico teria mais rentável seu negócio e alcançaria prestígio social. Porém, no momento em que o médico teve sua reputação abalada e a cidade preparava-se para uma rebelião disposta a pôr a Casa Verde em ruínas, o boticário comportou-se como um Judas Iscariotes, traíndo o Mestre.

Outra situação parodiada, também do Gênesis, é a que depois de povoada a Terra, Deus percebe o terror composto pelos homens por guerras e desavenças, arrepende-se por tê-los criado e dispõe-se a destruí-los novamente. O Dr. Simão Bacamarte também esvazia a Casa Verde, ao constatar que os internos considerados loucos constituíam a maioria dos habitantes da cidade e, pelo método quantitativo, determinou que estar louco era estar na normalidade. Recolheu ao manicômio somente os equilibrados, poucos, assim como na Arca de Noé recolheu-se apenas um casal de cada espécie.

Entre outras circunstâncias, Jesus, após julgamento, foi crucificado, e o Dr. Simão Bacamarte, depois da assembléia dos amigos, trancafiou-se sozinho na Casa Verde, onde morreu dezessete meses depois.

É evidente que tais analogias se tornam possíveis, mas constituiriam possibilidades das muitas maneiras de entendimento desse universo ficcional riquíssimo, que de tão abrangente, no mesmo momento em que aponta para o aspecto religioso, aponta para o científico, para o político, para o histórico, para o próprio universo ficcional e ainda assim não se esgota.

Além das analogias construídas a partir de índices temporais, espaciais ou de outra ordem presentes no texto, há referências diretas a questões religiosas, abordadas exatamente com o intuito de equacionar o discurso religioso, como, por exemplo, a passagem em que o vigário, contrariado com as





idéias do alienista, procura dissuadi-lo do projeto do manicômio por intermédio de D. Evarista:

– Olhe, D. Evarista, disse-lhe o padre Lopes, vigário do lugar, veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro. Isso de estudar sempre, sempre, não é bom, vira o juízo.(p.255)

O registro popular da fala do padre Lopes assume o caráter de superstição, metonimicamente representando dogmas religiosos. O discurso do padre também se organiza pelo presente atemporal em tom de verdade inquestionável e tem a finalidade de provocar o medo, como atesta a próxima passagem:

D. Evarista ficou aterrada, foi ter com o marido, disse-lhe que estava com desejos, um principalmente, o de vir ao Rio de Janeiro e comer tudo o que lhe parecesse adequado a certo fim. (p.255)

Pelo que mostra a passagem, o que a ciência não conseguiu fazer para convencer D. Evarista da necessidade de mudar de hábitos (o regime alimentício para engravidar), a religião consegue facilmente por meio de superstições e da imposição do medo. Entretanto, esse discurso não funcionaria com o Dr. Simão Bacamarte, e o padre parece saber que seria infrutífero empregá-lo com o médico, daí ter recorrido a esposa deste. Assim, vê-se que o discurso religioso sabe-se impotente para influenciar o discurso científico.

Outra referência direta à questão religiosa é a seguinte:

Como fosse grande arabista, achou no Corão (livro sagrado do islamismo, escrito pelo profeta Maomé – 570-632 – e que contém o código religioso, moral e político dos muçulmanos) que Maomé declara veneráveis os doudos, pela consideração de que Alá lhes tira o juízo para que não pequem.” O Dr. Simão viola esse código sagrado, atribuindo tal pensamento a Benedito VIII, merecendo com essa fraude, aliás pia, que o padre Lopes lhe contasse ao almoço a vida daquele pontífice eminente.(p.255)

A ocorrência da dissonância das vozes, desta vez do narrador e do autor “implícito”, revela disparidade e sugere que nesse narrador não se pode confiar. Conforme se notou anteriormente, o Dr. Simão Bacamarte não apresentava medo ao padre, não se deixando aterrar, como se permite D. Evarista, pelo discurso religioso. Nesta última passagem, o narrador parece defender o Dr. Simão Bacamarte da fraude, como se percebe pelas expressões: “como tinha medo ao vigário” e “aliás pia”.

Nesse discurso quiasmático, tem medo e não tem medo, evidencia-se a instância do “autor implícito” sugerindo outra circunstância: a conveniência. Era conveniente para o médico não entrar em confronto com uma instituição como a igreja católica.

A fraude do Dr. Simão faz crer que não é necessário modificar o pensamento para ser conveniente, basta utilizar-se de engenhosidade, substituindo apenas alguns elementos, como a fonte, do Corão para a literatura católica, o autor, de Maomé para Benedito VIII, e a divindade.

Além de denunciar a proximidade do pensamento de duas religiões “aparentemente” tão diferentes, vê-se que o discurso científico vai novamente desmontando o discurso religioso por essa engenhosidade do plano racional, além, é óbvio, de questionar uma verdade que se sustenta tanto no oriente como no ocidente.

Se for levado em conta o código narrativo, deve-se notar como o autor coloca em xeque a questão da autoria e da assinatura, que serviria até para um questionamento dos modelos ficcionais, especialmente dos romances de tese que, vindos da Europa, serviam de regra para os que se construíam aqui, com pequenas variações. Tem-se, então, uma denúncia do discurso ficcional que, às vezes, despreza a originalidade.

Além dessas questões, pode-se entrever que há uma discussão implícita sobre a ética social, que em detrimento de valores nobres manipula a realidade para se beneficiar da falta de informação do outro. Além disso, essa desconfiança pode ser construída em espiral, uma vez que pode-se ampliar a ação do Dr. Simão Bacamarte em níveis infinitos, já que não se sabe exatamente se o escrito pertence mesmo ao Corão. É possível considerar, portanto, que a ética social é tão móvel quanto a utilização que o alienista faz dela.





Outra referência direta ao discurso religioso aparece na seguinte passagem:

– A caridade, Sr. Soares, entra decerto no meu procedimento, mas entra como tempero, como sal das cousas, que é assim que interpreto o dito de S. Paulo aos Coríntios:

‘Se eu conhecer quanto se pode saber, e não tiver caridade, não sou nada.’ O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade.(p.256)

A passagem acima constitui um dialogismo pela leitura que o Dr. Simão faz da Bíblia, sua compreensão relativiza o dogma de São Paulo aos Coríntios, tirando-lhe o significado único e imprimindo-lhe um novo significado, o conectivo – e – (“e não tiver caridade”), funciona, para ele, como aditivo, assim, sua interpretação subverte o dogma religioso e torna-se irônica, porque é limitada e individual, quando deveria ser absoluta e abrangente. Essa ironia revela a presença do “autor implícito” apontando para o leitor que mesmo o livro sagrado presta-se a diversas interpretações, cada indivíduo poderia, portanto, interpretá-lo segundo sua vivência ou interesse e, assim, o caráter absoluto da verdade sagrada submeter-se-ia à verdade individual.

A estrutura quiasmática revela-se novamente, pois enquanto os dogmas religiosos partem do universal para o particular (individual), mostrando-se falhos, já que sua totalidade não pode estender-se igualmente a todos os indivíduos, o método do Dr. Simão pretende seguir o caminho oposto: partir do individual para o universal, classificar casos particulares (de loucura) para depois unificá-los e desenvolver “um remédio universal”.

Apresentam-se assim dois extremos: do universal para o particular e do particular para o universal. Nesse sentido, o foco do narrador percorre os dois extremos, ora posiciona-se distanciadamente, com maior amplidão e observa de fora para dentro, utilizando-se de expressões dogmáticas; ora se

insere na personagem, percorrendo o sentido oposto, conduzindo o leitor a esses prismas.

O autor “implícito” desnuda essa técnica de onisciência, e sua capacidade de estabelecer a verossimilhança. Ao percorrer as duas instâncias (de dentro para fora e de fora para dentro) impor-se-iam questionamentos sobre a natureza do discurso ficcional como uma instância perfeita ou não para a representação das mazelas humanas; como a possibilidade de o “autor implícito” posicionar-se num patamar divino, como um criador cuja potência e perfeição alcançam somente o universo da própria criação mas que não tem poderes absolutos sobre ela quando a mesma interage com o leitor.

Ao lembrar que o discurso religioso foi posto em xeque pelo científico, e o discurso científico foi equacionado pelo discurso ficcional, a elipse de um trecho da carta de São Paulo aos Coríntios poderia relativizar o discurso ficcional, conduzindo essas relativizações para um moto-contínuo:

A caridade nunca falha; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas cessarão; havendo ciência desaparecerá. / Porque, em parte, conhecemos, e em parte profetizamos; / Mas quando vier o que é perfeito, então o que o é em parte será aniquilado. (S.P. – Coríntios – 13v 8-10)

Assim, o discurso ficcional diluir-se-ia na própria perfeição, aniquilando-se, no sentido de abordar a condição humana com a finalidade de corrigi-la. O “autor implícito” estaria se posicionando de maneira cética em relação ao universo ficcional como um remédio a serviço da moral e da ética de seus leitores.

De maneira semelhante ao Dr. Simão, o Padre Lopes, por conveniência, também violou um código sagrado, a Versão dos Setenta (célebre tradução para o grego do texto hebraico da Bíblia). No momento em que Simão Bacamarte prendera na Casa Verde aqueles que, para ele, mantinham as faculdades mentais em equilíbrio, e passou a tratá-los pelo ataque à qualidade predominante, ofereceu ao religioso o seguinte remédio:





Sabendo o alienista que ele ignorava perfeitamente o hebraico e o grego, incumbiu-o de fazer uma análise crítica da Versão dos Setenta; o padre aceitou a incumbência, e em boa hora o fez; ao cabo de dois meses possuía um livro e a liberdade.(p.286)

Fica evidente nessa passagem que, em nome da ciência, o alienista consegue abalar a integridade do padre. A ironia está em fazê-lo burlar o código sagrado para conquistar a liberdade, assim como o Dr. Simão Bacamarte precisou fazer antes para não se indispor com o Padre Lopes.

Quando o Dr. Simão Bacamarte reuniu um conselho de amigos para que o ajudassem a esclarecer se ele era realmente o “único cérebro desconcertado” de Itaguaí, e ouvindo dos amigos a confirmação, tomou como determinante exatamente a opinião do padre e trancafiou-se na Casa Verde.

Ora a palavra do religioso é insignificante para o médico, pois este possui até provas (análise crítica da Versão dos Setenta) da honestidade daquele, ora passa a tomá-la como verdade absoluta e decisiva. Essa estrutura em quiasmo denuncia neste momento que os discursos científico e religioso às vezes se equiparam. Nesse ponto, o médico se considera perfeito, pelas conclusões lógicas e o padre lhe assegura que ele (o médico) é realmente perfeito, pelo dogma. Assim emparelhados, esses discursos desmontam um ao outro, atingindo um grau zero de credibilidade.

Retomando o rótulo de “criador do universo” que se atribuiu nessa análise ao Dr. Simão Bacamarte, posicionado numa condição sobre-humana e divinizada, vê-se que o ser perfeito aniquilou-se em si mesmo, como pressagia o fragmento da Carta de S. Paulo, citado anteriormente: “Mas quando vier o que é perfeito, então o que o é em parte será aniquilado.”

Tendo entendido sua essência como perfeita e recebido da assembléia de amigos a “certeza” de que a perfeição também era perceptível na aparência, o alienista conjugava a duplicidade necessária para a convivência social e tornava-se um ser uno, único.

No dicionário de mitos literários, organizado por Pierre Brunel (1998), observa-se que:

No pensamento das religiões monoteístas, o homem é feito à imagem de Deus, seu duplo é objetivo; ao passo que, com a



afirmação da independência do ego e de Deus, no século XVII, a divindade é conduzida à morte: o livre exercício da razão data do momento em que Descartes se debruça sobre o seu eu e fundamenta no “cogito” (2ª meditação metafísica) as verdades da metafísica e da moral que antes se deduziam de Deus. É o primeiro passo de uma reflexão que considerará o sujeito como centro do mundo (Kant) e que dará como resultado sua hipertrofia (Fichte, Schelling), fonte do sentimento de alienação.” (p.264)

A “hipertrofia” do Dr. Simão Bacamarte constitui-se, assim, em união da aparência com a essência, sua pretensão à condição divina humanizou-o em excesso, fê-lo sentir-se como fonte do sentimento de alienação.

Um ultimo comentário a respeito do Padre Lopes e, por extensão, ao discurso religioso: é importante ter em vista as instâncias do ser e do fazer do religioso em *O Alienista*. Aliás, como as viúvas, os adúlteros e os delirantes, os padres povoam a prosa de ficção machadiana. Eles também são alvo de crítica, mas crítica velada, subentendida, interdita. São filtrados pela ironia, não pela sátira. Assim, os padres de Machado de Assis estão longe de ser os de Eça de Queirós. Nesse sentido, o Padre Lopes é emblemático. Age mais com a cabeça do que com o estômago, ao contrário, portanto, do que ocorre no modelo naturalista eciano. Na verdade, trata-se de um enigma a mais a ser decifrado: é adjuvante ou oponente do alienista? Por tudo o que pensa e age, representa o papel das conveniências, das máscaras sociais. (Des)constrói o cânone religioso. Desvela o profano do sacro, o humano do divino.

### III. 5. A (Des)Construção do Discurso Literário

As (des)construções discursivas de Machado de Assis, em *O Alienista*, vistas até aqui, ou seja, a científica, a histórica, a política e a religiosa, foram consideradas a partir de suas peculiaridades e se articulam entre si e mais a última (des)construção discursiva, a literária, para a concepção de uma poética narrativa “sui generis”. Poder-se-ia dizer mesmo, sem erro, que a (des)construção do discurso literário se estabelece como elemento fulcral para a desautorização dos outros discursos – até porque todos vêm pela palavra –, desvendando-lhes o caráter ilusório das “certezas absolutas”.





Ao se posicionar como (des)construtor desses postulados da Verdade, Machado de Assis não poupa os cânones literários, não poupa nem o seu próprio discurso, o que torna seus textos metalingüísticos por excelência. Dessa maneira, desautoriza, dessacraliza, desmitifica autores e obras universais, sempre pelo discurso parodístico, alegórico, enviesado, ambíguo. Haja vista *O Alienista*. Na concepção de Pires (1989),

(...)a desconstrução literária pode ser encarada como uma tentativa deliberada de aplicar os recursos interpretativos contra qualquer tipo de convenção, excessivamente rígida, de método ou de linguagem. (p. 129)

Em *O Alienista*, a (des)construção do discurso literário principia quando se quer classificar o texto dentro de uma espécie do gênero narrativo. Como se sabe, ele compõe, com outros onze textos, o livro *Papéis avulsos*, em cujo prefácio lêem-se estas palavras do próprio autor:

Quanto ao gênero deles [vários escritos] não sei que diga que não seja inútil. O livro está nas mãos do leitor. Direi somente, que se há aqui páginas que parecem meros contos e outras que o não são. (p.252.)

Aí a primeira ambigüidade de *O Alienista*, que parece estar para o conto assim como para a novela. O que importa notar é que tal narrativa escapa às convenções literárias, é, portanto, um *desvio*, uma (des)construção.

Assim, o discurso literário começa a se (des)construir por não integrar-se inteiramente às estruturas ficcionais canonizadas: “Há aqui páginas que parecem meros contos e outras que o não são.” (p. 252). Torna-se, desse modo, problemática a refutação da obra, que continuará a repetir o mesmo: pode ser e pode parecer. Nesse sentido, *O Alienista* vai ao encontro do aspecto da contumácia observado por Baptista (1998).

Sabe-se que *O Alienista* não é a única narrativa de Machado a questionar as “convenções literárias” estabelecidas. Seus *desvios* dessas normas podem ser largamente citados. Tome-se, por exemplo, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), obra em que o ficcionista opera uma verdadeira subversão narrativa, entre outros fatores, pela quebra da linearidade, pela sua natureza fragmentária, pelo uso de símbolos constituindo capítulos, leia-se o capítulo *Epitáfio*, pelo uso da pontuação com caráter altamente sugestivo, leiam-se os capítulos, *De como não fui ministro de Estado* e também *O velho diálogo de Adão e Eva*.

Além da (des)construção do rótulo que poderia ter a própria narrativa, as convenções literárias são diretamente criticadas em *O Alienista*, como se pode observar no Capítulo V – *O terror*, no qual se faz uma referência crítica aos elementos composicionais do romance:

Ninguém queria acabar de crer que, sem motivo, sem inimizade, o alienista trancasse na Casa Verde uma senhora perfeitamente ajuizada, que não tinha outro crime senão o de interceder por um infeliz. Comentava-se o caso nas esquinas, nos barbeiros; edificou-se um romance, umas finezas namoradas que o alienista outrora dirigia à prima do Costa, a indignação do Costa e o desprezo da prima. E daí a vingança. Era claro. Mas a austeridade do alienista, a vida de estudos que ele levava, pareciam desmentir uma tal hipótese. Histórias. (p.263-264)

Observam-se, nessa passagem, os elementos selecionados para edificar o romanesco: “finezas namoradas”, “indignação”, “desprezo” e “vingança”, e que colaboram, assim, para ridicularizar o aspecto fantasioso, romântico, da situação e que levaria a “senhora perfeitamente ajuizada” a perder-se e ser recolhida à Casa Verde.

Outro caso de desautorização do discurso literário encontra-se ainda neste mesmo capítulo, *O terror*, no qual aparece uma consideração sobre o gênero épico, o qual, como se sabe, caracteriza-se por seu tom, por sua grandiloquência. O narrador refere-se a um rapaz chamado Martim Brito, que foi recolhido à Casa Verde pelo Dr. Simão Bacamarte por ter cometido um “arroubo oratório”.

O alienista sorria agora para o Martim Brito, e, levantados todos, foi ter com ele e falou-lhe do discurso. Não lhe negou que era um improviso brilhante, cheio de rasgos magníficos. Seria dele mesmo a idéia relativa ao nascimento de D. Evarista, ou tê-la-ia encontrado em algum autor que?... Não senhor; era dele mesmo; achou-a naquela ocasião e parecera-lhe adequada a um arroubo oratório. De resto, suas idéias eram antes arrojadas do que temas ou jocosas. Dava para o épico. (p. 267)



Quer dizer, o “pintalegrete” apresenta sintomas que são lidos prontamente pelo alienista: “suas idéias eram antes arrojadas que ternas ou jocosas” e “dava para o épico”. Como se percebe, “idéias arrojadas” antecipam já o “dava para o épico” e descartam o lírico e o cômico, respectivamente “terno” e “jocoso”. O que vem a ser confirmado pelas vozes do narrador e da personagem em outra passagem, mais à frente:

Uma vez, por exemplo, compôs uma ode à queda do Marquês de Pombal, em que dizia que esse ministro era o “dragão aspérrimo do Nada”, esmagado pelas “garras vingadoras do Todo”, e assim outras, mais ou menos fora do comum; gostava das idéias sublimes e raras, das imagens grandes e nobres... (p. 268),

na qual o parodístico se evidencia, “dragão aspérrimo do Nada”, “garras vingadoras do Todo”. Assim, revela um discurso “fora do comum”, para ele, Martim Brito, positivo; para o Dr. Simão Bacamarte, negativo. Pode-se inferir daí a (des)construção da grandiloquência que se manifesta no discurso épico, muitas das vezes precioso na expressão, mas vazio na essência. Machado de Assis, que primava pelo discurso conciso, não perde a oportunidade de, em *O Alienista*, criticar o discurso hiperbólico.

Em *Fedro ou Da Beleza*, de Platão (1989), no diálogo entre Sócrates e Fedro, o primeiro considera que o discurso retórico artístico se compõe das seguintes partes: o preâmbulo, a exposição e testemunhos, as provas, as probabilidades e, por fim, a recapitulação ou peroração. Entretanto, observa que, para que todas essas partes se encontrem em harmonia, é necessário que se apresente o “dom”, a “vocação” para fazê-lo:

Fedro – Sim, efectivamente, caro Sócrates, parece ser essa a arte que os indivíduos de que falaste têm ensinado como sendo a arte retórica, sobre ela tendo escrito tratados, e a minha opinião neste ponto é que falaste com verdade. Mas, diz-me, como e onde procurar adquirir a verdadeira arte da oratória?

Sócrates – A possibilidade, Fedro, de alguém se tornar um atleta perfeito também se apresenta da mesma maneira. Se a eloquência é da tua natureza, serás um orador apreciado, se cumprires a condição de juntar a essa vocação a prática e o exercício. No entanto, se te faltar uma dessas condições, acabarás por ser um orador pouco competente. (p.109)

Parece que tanto em Machado quanto em Platão, a “vocação” é elemento fundamental e que obedecer apenas às fórmulas convencionais para uma composição não é

necessariamente realizá-la. O diagnóstico do alienista, (em outro plano, a crítica do “autor implícito”), é bastante mordaz: “trata-se de lesão cerebral”.

A (des)construção do discurso literário, em *O Alienista*, também visa à crítica dos chamados estilos literários. Assim, observe-se este excerto:

Um, por exemplo, um rapaz bronco e vilão, que todos os dias, depois do almoço, fazia regularmente um discurso acadêmico, ornado de tropos, de antíteses, de apóstrofes, com seus recamos de grego e latim, e suas borlas de Cícero, Apuleio e Tertuliano. (p.256)

Repare-se nele como a enunciação deprecia tanto o estilo “acadêmico”, entenda-se, clássico, portanto, sóbrio, comedido, quanto o oposto deste, o barroco, “ornado de tropos, antíteses e apóstrofes” do “rapaz bronco e vilão”, na medida em que se trata de um interno da Casa Verde. Ainda quanto à expressão barroca, o narrador informa:

Não falo dos casos de monomania religiosa; apenas citarei um sujeito que, chamando-se João de Deus, dizia agora ser o deus João, e prometia o reino dos céus a quem o adorasse, e as penas do inferno aos outros; e depois desse, o licenciado Garcia, que não dizia nada, porque imaginava que no dia em que chegasse a proferir uma só palavra, todas as estrelas se despegariam do céu e abrasariam a terra; tal era o poder que recebera de Deus. (p. 257)

Desse modo, ao referir-se, primeiro, à “monomania religiosa” e ao jogo “João de Deus” x “deus João” da personagem, e, depois, ao poder da palavra – “no Barroco, a palavra é sempre mais que a natureza”, conforme Antonio Cândido (1993) – do “licenciado Garcia”, o narrador deixa latente a sua crítica ao Barroco, já que a referência também é a dois “dementes”.

No que toca ao estilo romântico, um dos alvos preferidos da crítica machadiana, os “loucos por amor”, “que espantavam pelo curioso do delírio”, excedem-se, exorbitam, um quanto ao exotismo, outro quanto à passionalidade:

Os loucos por amor eram três ou quatro, mas só dous espantaram pelo curioso do delírio. O primeiro, um Falcão, rapaz de vinte e cinco anos, supunha-se estrela d'alva, abria os braços e alargava as pernas, para dar-lhes certa feição de raios, e ficava assim horas esquecidas a perguntar se o sol já tinha saído para ele recolher-se. O outro andava sempre, sempre, sempre, à roda das salas ou do pátio,



ao longo dos corredores à procura do fim do mundo. Era um desgraçado, a quem a mulher deixou por seguir um peralvilho. Mal descobrira a fuga, armou-se de uma garrucha, e saiu-lhes no encalço; achou-os duas horas depois, ao pé de uma lagoa, matou-os a ambos com os maiores requintes de crueldade.

O ciúme satisfiz-se, mas o vingado estava louco. E então começou aquela ânsia de ir ao fim do mundo à cata dos fugitivos. (p.257)

E por toda a narrativa, várias são as referências, subjacentes, ao Realismo e, principalmente, ao Naturalismo, pelo caráter objetivista, cientificista, que esses estilos pregam e praticam. Tanto pelo discurso, via narrador, do Dr. Simão Bacamarte, o herói ou anti-herói, que chega a ponto de escolher uma noiva pelo método científico, quanto pelos “métodos” utilizados por ele de observação e análise de seres humanos como se fossem cobaias de laboratório, denunciando o incabível de se subordinar as questões humanas, as delicadezas do espírito, a um laboratório científico.

Outro aspecto pelo qual se observa a (des)construção do discurso literário é o da intertextualidade, que se faz presente na narrativa. A começar, pela referência ao Dom Quixote, conforme observou Massaud Moisés (1974) “o conto liga-se a outras obras passadas, cujo contorno é semelhante. Com efeito, não podemos deixar de pensar em duas, pelo menos: D. Quixote e Cândido”. (p. 175)

Na obra de Cervantes, o herói ou anti-herói é um visionário, consubstanciado em herói cavaleiresco, à moda das novelas de cavalaria e que, apartado do real, orienta-se pelo ideal. Em *O Alienista*, a obsessão do cientista em seguir seu projeto de alcançar a “saúde da alma” exclusivamente pela ciência, o que o vincula logo ao programa naturalista, não está longe de ser um idealismo também, ainda que às avessas, uma vez que *se excede* na busca de um “ideal”, o patológico, a loucura, dos homens.

Há uma imagem no final do Capítulo III – *Deus sabe o que faz!*, que remete à imagem do “cavaleiro da triste figura” e “seu fiel escudeiro”:

E partiu a comitiva. Crispim Soares, ao tornar a casa, trazia os olhos entre as duas orelhas da besta ruana em que vinha montado; Simão Bacamarte alongava os seus pelo horizonte adiante, deixando ao cavalo a responsabilidade do regresso. Imagem vivaz do gênio e do vulgo! Um fita o presente, com todas as suas lágrimas e saudades, outro devassa o futuro com todas as suas auroras. (p. 259)

Percebe-se, nesse excerto, que o Dr. Simão Bacamarte no cavalo e Crispim Soares na besta ruana são imagens que citam, jocosamente (Simão = cavalo x Crispim = besta), Dom Quixote e Sancho Pança, constituindo-se, portanto, em paródia. As imagens do gênio e do vulgo tomam caráter irônico, já que trocam de papéis: o gênio (Simão) é o que se desprende da realidade e o vulgo (Crispim), o que está inserido nela. Assim, o gênio estaria para o ideal, ou mais propriamente para o delírio, o que vai de encontro ao conceito que se tem de um cientista, e o vulgo para a vigília, para o real, para o mundo da experiência, que pressupõe a atividade científica.

Outra referência intertextual marcante em *O Alienista* é a que se faz com a Divina Comédia, de Dante Alighiere. Dois versos do poema italiano são trazidos para a narrativa, mas pela substituição de uma palavra, apresentam significado diferente do original. A substituição, ou “violação”, dos versos de Dante é atribuída pelo narrador ao Padre Lopes, o qual, direcionava os versos a um de seus desafetos, o Coelho. Trata-se da seguinte passagem:

O Padre Lopes, que cultivava o Dante, e era inimigo do Coelho, nunca o via desligar-se de uma pessoa que não declamasse e emendasse este trecho:

La bocca sollevò dal fero pasto

Quel “seccatore”...

Mas uns sabiam do ódio ao padre, e outros pensavam que isto era uma oração em latim. (p.269)

“Isto”, ou seja, os versos de Dante têm um termo, “peccatore” (pecador), substituído por “seccatore” (importuno, chato), o que (des)constrói seu sentido original pela violação, altamente irônica, uma vez que justamente o Padre destitui o texto da associação religiosa pela substituição da palavra – “peccatore” –, imprimindo nele o efeito parodístico, embora, para alguns habitantes de Itaguaí, os versos ainda continuem parecendo “religiosos”, aparentando “uma oração em latim” Essa (des)construção dos versos da Divina comédia apontam também para a questão do plágio e da falta de originalidade recorrentes em certos discursos literários.

Quanto a essa última questão, percebem-se, na narrativa, várias apropriações de idéias e expressões alheias, como, por exemplo, a utilização de uma expressão “Bastilha da razão humana” (p.270), que o barbeiro ouvira de um poeta local e empregou-a, sem citar a fonte, na Câmara:



Para acrescentar ao mal, um dos vereadores, que apoiara o presidente, ouvindo agora a denominação dada pelo barbeiro à Casa Verde – “Bastilha da razão humana”, - achou-a tão elegante, que mudou de parecer. (p. 270)

Por sua vez, o vereador Freitas, que “repetia consigo, namorado: – “Bastilha da razão humana”. (p.270), reutiliza-a, não menos namorado. Por fim, a expressão é retomada pelo narrador, também ironicamente, como se observa na seguinte passagem:

E o movimento ficou célebre com o nome de revolta dos Canjicas. A ação podia ser restrita, – visto que muita gente, ou por medo, ou por hábitos de educação, não descia à rua; mas o sentimento era unânime, ou quase unânime, e os trezentos que caminhavam para a Casa Verde, – dada a diferença de Paris a Itaguaí, – podiam ser comparados aos que tomaram a Bastilha. (p.270-271)

Outra (des)construção de referência literária encontra-se nesta passagem do Capítulo XII:

O barbeiro Porfirio, ensinado pelos acontecimentos, tendo “provado tudo”, como o poeta disse de Napoleão, e, mais alguma cousa, porque Napoleão não provou a Casa Verde...(p.281)

Mais do que a referência à idéia do “poeta”, o excerto anterior constitui-se numa correção da expressão “provado tudo”, já que o narrador ao apontar algo que não foi provado, mostra a (des)construção da “certeza absoluta” que trazia a expressão. A ironia é acentuada, ainda, porque a Casa Verde é um elemento de ficção, mas remete a qualquer outra circunstância que não tenha sido provada por Napoleão, que povoa o imaginário dos poetas românticos, brasileiros sobretudo, como Gonçalves de Magalhães, Álvares de Azevedo e Castro Alves, entre outros, e que será desmitificado, “e mais alguma coisa que Napoleão não provou...”

A temporalidade passa a ser, então, questão crucial. No momento em que foram feitas considerações sobre a intertextualidade em D. Quixote, observou-se a questão da preocupação com o futuro, como índice de delírio. Vê-se, agora, pela expressão “provado

tudo” uma limitação do aspecto temporal, um recorte do passado que desautoriza o porvir. Ao que parece, essa contraposição temporal, futuro x passado, indica a possibilidade maior de permanência de um texto literário, sem idealismos ou correções, quando se relativizam os índices temporais.

O discurso literário, embora tenha se equiparado aos outros no processo (des)construtivista, como os discursos científico, histórico, político e religioso, principalmente no que se refere ao caráter de “certezas absolutas”, acaba, de certa maneira, por se sobrepor a eles, visto que, ao contrário dos outros, já se denuncia consciente das próprias limitações, exatamente pelo caráter autocrítico, metalingüístico.





## CONCLUSÃO

Nesta parte, em que se retoma o problema lançado no início desta dissertação, a hipótese de leitura de *O Alienista* que se configura é esta: a narrativa em questão (des)constrói, põe em xeque, uma série de cânones, a partir de uma estilística da ambigüidade, o que se configura também em outros textos machadianos.

A (des)construção começa pela indefinição da espécie narrativa: conto ou novela? Se há quem classifique *O Alienista* como conto, como Massaud Moisés, há quem o classifique como novela, como Alfredo Bosi. Mais parece que se trata de uma fusão das duas, pois se há muito de conto, há muito de novela também. Tal indefinição só vem prenunciar uma estética da ambigüidade.

Na composição e no percurso das personagens, constata-se a (des)construção do herói ou anti-herói Dr. Simão Bacamarte, bem como dos adjuvantes/opponentes, Crispim Soares, D. Evarista, Padre Lopes, Porfírio, clivados seguidamente pela voz do narrador ou por suas próprias vozes e que lhes revelam faces inesperadas. Quer dizer, as personagens se (des)mascaram conforme lhes convenha a situação. Têm sempre dupla face. Simão Bacamarte: alienista ou alienado? Eis o enigma a ser decifrado, em *O Alienista*, como o de Capitu ser adúltera ou não, em *Dom casmurro*.

Outra (des)construção evidente é a que se refere à enunciação. A voz que narra em terceira pessoa, em um dado momento, parece saber tudo de todos; em outro momento, hesita, intervém e questiona mesmo os outros narradores em que “se baseou”, os cronistas, e duvida deles. O cruzamento de vozes, dos cronistas, do narrador, do “autor implícito” e das personagens, colabora, assim, para a instauração da ambigüidade do enunciado. O que sobreleva é uma tática recorrente na configuração da obra machadiana: a afirmação pela negação, ou litotes. Daí as estruturas mínimas, em sintagmas como “não digo que”, “não sei se”, que denunciam aquilo que o narrador diz querer negar, e as estruturas maiores a (des)construção dos argumentos sobre a loucura. Esta, por sua vez, deve ser entendida como algo a mais do que um simples tema; deve ser entendida como uma figuração literária para se estabelecer a dialética, uma vez que *alienado* (de acordo com a etimologia) pressupõe a existência do Outro, o ser o Outro, o ser do Outro, o que se representa pela estrutura quiasmática. Esta se favorece pela dissonância das vozes que se apresentam na narrativa, tanto na instância enunciativa, da qual se depreende, pelas contradições e ironias, a voz subjacente do “autor implícito”, imprimindo ao texto a “marca”, o estilo machadiano, quanto na instância

das vozes das personagens, que revelam seus processos de autoconsciência e seus jogos cênicos entre a dubiedade do ser e do parecer.

Essa (des)construção ambígua vai-se constituindo como uma concentração de sentidos em todos os componentes do texto, pondo-os em relevo e tornando-os altamente sugestivos e polissêmicos.

Em relação a um desses elementos, o discurso, reluz a última (des)construção machadiana, em *O Alienista*, pela constante carnavalização dos discursos consagrados pelo cânone (científico, histórico, político, religioso, artístico), enfim, pelos homens. Assim, Machado de Assis constrói, por meio da desconstrução, quer dizer, da dialética, uma narrativa que nada tem de alienada, no pior sentido dessa palavra, ou seja, de não estar preocupada com o Outro. Daí a sutileza, a ambigüidade, os interditos, os enigmas, que têm de ser decifrados, para que se chegue à decifração do texto machadiano, o qual exige um leitor maduro, de espírito aberto ao contraditório e à tolerância. Razão por que Sérgio Buarque de Hollanda (1996) argumenta que:

Comparado ao de Pascal, o mundo de Machado de Assis é um mundo sem começo, um mundo sem paraíso. De onde emana uma insensibilidade incurável a todas as aplicações que baseiem no pecado e na queda a ordem em que foram postas as coisas no mundo. Seu amoralismo tem raízes nessa insensibilidade fundamental. A lei moral nasce de uma demagogia caprichosa e insípida, boa para confortar a vaidade humana. Nossos atos não têm um fim determinado e o espetáculo que oferece a agitação dos homens dá a mesma sensação que dão os discursos de um doido. (p. 308)

Parece mesmo que Machado de Assis faz questão de obscurecer seus textos, de fazê-los sugerir mais do que mostrar, de ir contra a maré, contra as idéias fixas, contra os clichês, precisamente para revitalizá-los. Sua tática consiste nisto: (des)construir. Quer dizer, constrói destruindo. Por isso seus textos têm como tese a antítese, pela qual se chega à síntese. Ou seja, dialética pura. *O Alienista* prova-o bem, em vários níveis. Cabe a seu leitor o papel de decifrador. Até porque, parafraseando o narrador de Dom Casmurro, “nem tudo é claro na vida e nos livros”.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS

- ACHCAR, F. Seleções, introdução e notas. In: *Machado de Assis – Contos*. São Paulo, 1999) Sol Editora.
- ALVAREZ, R.E. O autor implícito e a instauração da ironia em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. In: *Stylos, Revista do Programa de Pós-graduação em Letras*. V.I. Riopretense. 2000.
- ANDRADE, M. “Machado de Assis”. In: *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1945, p. 89-108.
- ARISTÓTELES, *Arte retórica e Arte poética*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro. Ediouro.
- BAPTISTA, A. B. *Autobibliografias – solicitação do livro na ficção e na ficção de Machado de Assis*. Lisboa: Relógio D’Água, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do Romance*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2ª ed. 1997
- \_\_\_\_\_. *Estética da Criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARBOSA, J. A. *A leitura do intervalo: ensaios de crítica*. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- BARTHES, R. *Crítica e Verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- \_\_\_\_\_. O efeito do real. In: BARTHES, R. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BOSI, A. et al. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.



BUARQUE DE HOLANDA, S. "A filosofia de Machado de Assis". In: *O espírito e a letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRAYNER, S. *Labirinto do espaço romanesco*. Rio de Janeiro/ MEC. 1979

CANDIDO, A. "Dialética da malandragem". In: CANDIDO, A. *O Discurso e a Cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993. p. 19-54.

\_\_\_\_\_. "Realidade e realismo (via Marcel Proust)". In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. "A personagem no romance". In CANDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 51-80.

\_\_\_\_\_. "Esquema de Machado de Assis". In: *Vários Escritos*. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1970, p. 13-32.

\_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975, 2v.

CHAUÍ, Marilena. *O Olhar*. 4ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

CHKLOVSKI. "A arte como procedimento". In: CHKLOVSKI et al. *Teoria da literatura: formalistas russos*. Trad. Ana Mariza Ribeiro Filipouski et al. Porto Alegre: Globo, 1971. p. 39- 56.

CINTRA, I. A. *Retórica da Narrativa em Machado de Assis (Esaú e Jacó)*, (Tese de Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1985.

COSTA, C. *Sociologia: Introdução à ciência da sociedade*. Ed. Moderna, São Paulo, 1997.

ECO, U. *Leitura do texto literário*. Lisboa: Editor Presença, 1993.





\_\_\_\_\_. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Trad. Hildegard Feist. Companhia das Letras, 1994.

EIKHENBAUM, B. "Sobre a teoria da prosa". In: EIKHENBAUM, B. et al. *Teoria da Literatura: formalistas russos*. Trad. Ana Mariza Ribeiro Filipouski et al. Porto Alegre: Globo, 1971. p. 157-68.

FORNAZARO, A. F. *O avesso do poder em O Alienista*. Suplemento literário de Minas Gerais. Belo Horizonte, 31 jul. 1976

FRYE, N. *Anatomia da crítica*. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1973.

\_\_\_\_\_. *O Caminho Crítico*. Trad. Antônio Arnoni Prado. São Paulo: Perspectiva, 1973.

GENETTE, G. *Figuras*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

\_\_\_\_\_. *Discurso da narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Arcádia, 1979.

GLEDSON, J. *Machado de Assis: impostura e realismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

JAKOBSON, R. "Do realismo artístico". In: JAKOBSON, R. et al. *Teoria da literatura: formalistas russos*. Trad. Ana Mariza Ribeiro Filipouski et al. Porto Alegre: Globo, 1971. p. 119-27.

LUCIANO. *Oeuvres complètes de Lucien de Samosate*. Trad. Introd. e notas Eugène Talbot. Paris: Hachette, 1874. 2v.

LUKACS, G. *Teoria do Romance*. Lisboa: Arcádia, 1960.

MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1962. 2v.



MERQUIOR, J. G. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

MEYER, A. *Preto e branco*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1956.

MOTTA, S. V. *Engenho e arte da narrativa: invenção e reinvenção de uma linguagem nas variações dos paradigmas do ideal e do real*. (tese de doutorado), São José do Rio Preto: UNESP, 1998.

MOURA CASTRO, Eliana de. *Discursos: A denegação*. São Paulo: Princípios, 1982.

PEREIRA, A. Machado de Assis. *Ensaio e apontamentos avulsos*. Oficina de livros. Belo Horizonte. 2ª ed. 1991.

PLATÃO. *Fedro ou da beleza*. Trad. Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, 1989.

\_\_\_\_\_. *Fedro ou da belleza*. Trad. e notas de María Araújo. Buenos Aires: Revista de Occidente Argentina, 1948.

\_\_\_\_\_. *Diálogos*. São Paulo: Nova Cultural. (Col. Os pensadores). 1999

PIRES, Orlando. *Manual de teoria e técnica literária*. Rio de Janeiro: Presença; 3ª ed.; 1989.

REIS, C. , LOPES, A . C. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

Rosa, J. G. *Tutaméia (Terceiras estórias)*. 8ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

ROSENFELD, A. "Literatura e personagem". In: CANDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 9-51.

SÁ REGO. E. J. *O calundu e a panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1989.

SCHWARZ, R. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas





Cidades, 1990.

SCHOLES, R., KELLOGG, R. *A natureza da narrativa*. Trad. Gert Meyer. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.

TYNIANOV. "Da evolução literária". In: TYNIANOV, et al. *Teoria da literatura: formalistas russos*. Trad. Ana Mariza Ribeiro Filipouski et al. Porto Alegre: Globo, 1971. p.105- 118.

TOMACHEVSKI. "Temática". In: TOMACHEVSKI et al. *Teoria da literatura: formalistas russos*. Trad. Ana Mariza Ribeiro Filipouski et al. Porto Alegre: Globo, 1971. p. 169-204.



ESCOZA, Cássia. A (des)construção narrativa em *O alienista*. São José do Rio Preto, 2002. 117p. Dissertação de Mestrado em Letras (Área: Teoria da Literatura). Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas.

### RESUMO

Estudo da (des)construção narrativa de Machado de Assis, tendo como “corpus” o conto *O Alienista* e considerando-se as categorias narrativas personagem e narrador, e o discurso. Os desvios machadianos se verificam efetivamente pela ambigüidade quanto ao (anti-)herói e demais personagens, pela estrutura quiasmática quanto à enunciação, e pela subversão dos discursos canônicos (científico, histórico, religioso, político e literário).

**PALAVRAS-CHAVES:** Machado de Assis; *O Alienista*; (des)construção; categorias narrativas; enunciação; discurso.





ESCOZA, Cássia. A narrative (des)construction on the *O Alienista*. São José do Rio Preto, 2002. 117p. Master's Dissertation (Literature's Theory). Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas.

#### ABSTRACT

This is the study of a narrative (des)construction focused on the alienist (*O Alienista*), story by Machado de Assis. The study considers the narrative categories, character, narrator, and the form of speech. The machadiano's shunting is effectively verified by it's ambiguity both in his (anti) heroism and in all other characters, as for the "quiasmática" articulation structure, and for the subversion of the canonic speeches (scientific, historical, religious, political and literary).

KEY WORDS: Machado de Assis (the author's name); machadiano's (Machado de Assis style of writing); The alienist (The psychiatrist); (des)construction; narrative categories; articulation; speech.



